

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Patrícia Luiza Bremer Boaventura

**TÉCNICA, DOR, FEMINILIDADE:
EDUCAÇÃO DO CORPO NA GINÁSTICA RÍTMICA**

Florianópolis
2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Patrícia Luiza Bremer Boaventura

**TÉCNICA, DOR, FEMINILIDADE:
EDUCAÇÃO DO CORPO NA GINÁSTICA RÍTMICA**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-graduação em
Educação da Universidade Federal
de Santa Catarina para a obtenção
do Grau de Mestre em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Alexandre
Fernandez Vaz.

Florianópolis
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

B662T Boaventura, Patrícia Luiza Bremer
Técnica, dor, feminilidade [dissertação] : educação do
corpo na ginástica rítmica / Patrícia Luiza Bremer Boaventura
; orientador, Alexandre Fernandez Vaz. - Florianópolis, SC,
2011.

156 p.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Linguagem corpórea. 3. Feminilidade. 4.
Ginástica para mulheres. I. Vaz, Alexandre Fernandez. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

Patrícia Luiza Bremer Boaventura

**TÉCNICA, DOR, FEMINILIDADE:
EDUCAÇÃO DO CORPO NA GINÁSTICA RÍTMICA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Educação.

Florianópolis, 03 de outubro de 2011.

Prof.^a Célia Regina Vendramini, Dr.^a
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Soares
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Valter Bracht
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Jaison José Bassani
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus queridos pais, **Katy C. Bremer** e **José D. L. Boaventura**, exemplos de honestidade e caráter. Pierre Bourdieu tinha razão ao dizer que nossa posição em um determinado *campo* depende muito das estratégias familiares e sei que meus pais ajudaram a abrir as portas do meu futuro, iluminando o meu caminho e oferecendo condições para que eu pudesse continuar nessa longa caminhada profissional. Trabalharam dobrado, sacrificaram seus sonhos em favor dos meus, não medindo esforços para que eu obtivesse sucesso em mais uma etapa da minha vida. E não foram apenas pais, mas amigos e companheiros, principalmente nas horas em que meus ideais pareciam distantes e inatingíveis. Simplesmente, obrigada.

Aos meus familiares, que em todas as fases da minha vida estiveram presentes, demonstrando o valor da união e do respeito, que foram imprescindíveis para minha formação. Ao meu irmão **Paulo J. B. Boaventura** e à minha irmã **Brunna C. B. Boaventura**, que foram essenciais para que eu pudesse estar aqui hoje.

Agradeço o meu eterno amor, **Carlos Alberto Justo da Silva Jr**, pelo amor, apoio e companheirismo, pelo constante incentivo e principalmente pela paciência e compreensão nos momentos em que eu estive ausente durante a elaboração deste trabalho. Obrigada pela demonstração constante de carinho e respeito, mesmo nas horas mais difíceis, durante esta jornada acadêmica.

Ao Prof. Dr. **Alexandre Fernandez Vaz**, um exemplo de educador, que me ajudou a iniciar os estudos de iniciação científica na graduação e, hoje, na pós-graduação. Agradeço pela orientação precisa e pela confiança em mim depositada, que foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Além de um grande mestre, brindou-me com sua amizade e sua sabedoria. Minha eterna gratidão.

À **equipe de Ginástica Rítmica de Timbó**, sempre disponível em me auxiliar na obtenção dos dados utilizados na pesquisa e que

possibilitou a realização desta pesquisa. Obrigada pela oportunidade, pela amizade e pela cordialidade dispensadas.

Agradeço ainda, ao *Cnpq*, pela concessão da bolsa de estudo durante o Curso de Mestrado, imprescindível para a realização deste trabalho.

Aos membros do *Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade*, pela amizade, atenção, paciência, pelos conhecimentos transmitidos e necessários para a minha formação pessoal e profissional. Em especial minha amiga Michele Petry, que esteve ao meu lado quando meu estudo parecia um fardo pesado demais.

Ao *Grupo de Estudos Esporte e Sociedade da UFSC*, pela disponibilidade e atenção dispensadas, pela transmissão de conhecimentos essenciais para a consolidação desta pesquisa.

A *todos os demais* colegas, amigos (as), servidores (as), acadêmicos (as), pós-graduandos (as), que convivi durante esses anos, que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste sonho.

Meus sinceros agradecimentos.

“No se trata de hablar, ni tampoco de callar: se trata de abrir algo entre la palabra y el silencio”.

(JUARROZ, R., 2008)

RESUMO

O esporte, fenômeno social e cultural, oferece uma variedade de reflexões e interlocuções significativas que sugerem uma *educação do corpo*. A construção dos corpos e suas formas expressam sentidos e significados que envolvem valores, preconceitos, posturas, discursos, normas e regras, reafirmados e incorporados por um conjunto de técnicas e recursos presentes na lógica do treinamento esportivo. Características singulares estão presentes nesse universo e é na Ginástica Rítmica (GR), esporte que produz e reproduz corpos femininos, que compreenderemos os aspectos relacionados ao corpo. Essa modalidade consiste em dinâmicas e ritmos específicos que surgiram de uma necessidade de movimentos para o sexo feminino. A partir de um registro etnográfico, foi realizado um trabalho de campo em 2008 e 2010 com uma equipe de Ginástica Rítmica da cidade de Timbó - SC, quando se observou a estrutura e a organização da instituição, os sistemas de treinamentos, as rotinas, os discursos e os ambientes de competições. Foram realizadas intervenções registradas em *diário de campo* e entrevistas com atletas e treinadoras. As análises apresentadas contribuem para um debate sobre os aspectos das pedagogias do corpo na Ginástica Rítmica, a incorporação e reprodução de discursos referentes ao corpo feminino, os contrapontos entre feminilidade e performance e a relação entre infância e tradição esportiva.

Palavras-chave: Educação do Corpo, Feminilidade, Ginástica Rítmica.

ABSTRACT

The sport, social and cultural phenomena, offers a variety of reflections and significant dialogues that suggest an *education of the body*. The construction of the bodies and their forms expresses senses and meanings, that involve values, prejudices, attitudes, speeches, norms, and rules, reaffirmed and incorporated by a set of techniques and resources existent in the logic of sports training. Unique features are present in this universe, and it is in Rhythmic Gymnastics (RG), a sport that produces and reproduces feminine bodies, that we will understand the aspects related to the body. This sport arose from a need of movement with a specific dynamic and rhythms for the women. From an ethnographic record, a field work was conducted in 2008 and 2010 with a team of Rhythmic Gymnastics in the city of Timbó - SC, when the structure and organization of the institution, training systems, routines, speeches, and competition environment, were observed. Interventions were performed and registered in notebooks, along with interviews with athletes and coaches. The analysis presented contributes to a debate over the pedagogy of the body in rhythmic gymnastics, the incorporation and reproduction of speeches about the female body, the counterpoints between femininity and performance, and the relationship between childhood and sports tradition.

Keywords: Education of the Body, Femininity, Rhythmic Gymnastics.

RESUMEN

El deporte, fenómeno social y cultural, ofrece una variedad de reflexiones y diálogos significativos que sugieren una *educación del cuerpo*. La construcción de los cuerpos y sus formas expresan sentidos y significados que implican valores, prejuicios, posturas, discursos, normas y reglas, reafirmados y incorporados por un conjunto de técnicas y recursos presentes en la lógica del entrenamiento deportivo. Las características únicas están presentes en ese universo y es en la Gimnasia Rítmica (GR), deporte que produce y reproduce cuerpos femeninos, que comprenderemos los aspectos relacionados al cuerpo. Esa modalidad consiste en dinámicas y ritmos específicos que surgieron de una necesidad de movimientos para las mujeres. A partir de un registro etnográfico, se realizó un trabajo de campo en 2008 y 2010 con un equipo de Gimnasia Rítmica de la ciudad de Timbó – SC, cuando se observó la estructura y la organización de la institución, los sistemas de entrenamientos, las rutinas, los discursos y los entornos de competencias. Fueron realizadas intervenciones registradas en *diario de campo* y entrevistas con atletas y entrenadoras. El análisis presentado contribuye para un debate sobre los aspectos de las pedagogías del cuerpo en la Gimnasia Rítmica, la incorporación y reproducción de los discursos sobre el cuerpo femenino, los contrapuntos entre feminidad y rendimiento y la relación entre infancia y la tradición deportiva.

Palabras-clave: Educación del cuerpo, Feminidad, Gimnasia Rítmica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. XXI Joguinhos Abertos de Santa Catarina – Joinville	31
Figura 2. II Etapa Estadual de Ginástica Rítmica – Indaial.....	31
Figura 3. I Etapa Estadual de Ginástica Rítmica – Chapecó	40
Figura 4. III Etapa Estadual de Ginástica Rítmica – Blumenau	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. GINÁSTICA RÍTMICA	7
2.1. CARACTERÍSTICAS E REGRAS	7
2.2. INCURSÃO NO ESPAÇO SOCIAL	17
2.3. O CAMPO: TREINAMENTOS E COMPETIÇÕES	28
3. FORMA ESPECIALIZADA DE EDUCAÇÃO DO CORPO..	47
3.1. O CORPO ADESTRADO: AÇÕES E GESTOS PRECISOS.....	47
3.2. ALGUMAS FORMAS DE CONTROLE DO CORPO.....	59
3.3. DOMÍNIO DE SI E SACRIFÍCIO CORPORAL: DOR E TÉCNICA	74
4. BELEZA E PERFORMANCE.....	91
4.1. PEDAGOGIAS DO CORPO FEMININO	91
4.2. CORPOS FEMININOS EM DEBATE	107
4.3. INFANTILIZAÇÃO E TRADIÇÃO	120
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	145
ANEXO A – ROTEIROS DE OBSERVAÇÃO	153
ANEXO B - ROTEIROS DE ENTREVISTA	155

1. INTRODUÇÃO

Território tanto biológico quanto simbólico (e simbólico ao ser visto como biológico), processador de memórias e representações, o corpo pode revelar, mas também encobrir, expressões subjetivas e objetividades compartilhadas. “Ele é inscrição que se move e cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história, da sociedade a que pertence. Sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades”. (SOARES, 2004, p. 109). O corpo é submetido a normas, internalizadas por regras e costumes engendrados em uma ordem social, incorporadas por um “meticuloso processo de educação”. (SOARES, 2004, p. 109).

O corpo educado e sua gestualidade podem revelar a dinâmica de elaboração dos códigos, dos significados, das técnicas, das pedagogias e instrumentos para submetê-lo a normas. Carmen Soares (2004, p. 112) ressalta que há preceitos a serem seguidos para alcançar uma educação plena dos corpos e explica que os atos que irão sujeitar-se a uma intervenção dirigida, materializada por diferentes pedagogias, tornam-se objeto de constantes cuidados voltados ora para civilizá-lo, ora para ensiná-lo a ser útil e higiênico, ora ainda para sexualizá-lo e erotizá-lo. Essa educação ocorre por toda a realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento, ou seja, uma educação polissêmica que se processa por meio de palavras, olhares e gestos.

Como resultado provisório de diversas pedagogias, o impulso de manter o próprio corpo sob controle, se possível desvendando-o exaustivamente, caracteriza numerosas culturas. É importante compreender que o corpo se conforma diferentemente em determinadas épocas e lugares e é marcado muito mais pela cultura do que por uma presumível “essência” natural, que adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição fisiológica (FRAGA, 2004, p. 63). Portanto, o corpo responde às aspirações biológicas – correspondentes à condição de organismo –, mas também às indicações sociais e culturais, como explica Porpino (1999, p. 02):

[...] Diferentes concepções de corpo podem ser vistas em diferentes contextos sociais e momentos

históricos. As formas de vivenciar o corpo nas diferentes sociedades estão presentes nos simples momentos do cotidiano, como andar, por exemplo. As diversas formas de vida, de ser corporalmente, são apreendidas pela cultura.

Formado por uma dinâmica complexa, o corpo vai se organizando e se reorganizando mediante as provocações advindas do ambiente, das pessoas e da sociedade. Na análise de Gleyse (2007), a linguagem age sobre o corpo e o instrumentaliza por meio de um sistema de interdições e de prescrições que se interioriza como controle permanente, ligado às emoções, que recria a “natureza” continuamente, chegando à possibilidade extrema de refabricar o corpo pela própria mão do ser humano.

Para tanto, quando se pesquisa o corpo por meio de uma de suas inúmeras vias – *as práticas corporais e esportivas*, por exemplo – resultam disso não apenas informações sobre as formas de fortificar o organismo e melhorar as aparências físicas inventadas, atualizadas e esquecidas historicamente, mas, também, de desvendar, conhecer e explicar os momentos de inquietude nele presentes, explica Sant’Anna (2004, p. 3-4). Pensar as formas de intervenções pedagógicas específicas de educação do corpo, orientadas por saberes, critérios, significações e discursos, permite-nos certa aproximação à constituição e ao desenvolvimento dessas práticas corporais e esportivas, fazendo conhecer suas particularidades, norteadas por sua regulamentação, por modificações e pelo contexto histórico-social.

Torna-se necessário, na tentativa de (re)conhecer o corpo no esporte, interpretar as diversas formas de controle corporal – a administração do tempo esportivo, a disciplina corporal, alimentar e sexual –, posto que as práticas esportivas acolhem, simultaneamente, rupturas e continuidades, a partir das quais os modelos corporais e as utilizações do corpo revelam suas fragilidades, potências, especificidades e generalidades culturais.

Dentre essas experiências contemporâneas relativas ao esporte que visam um maior disciplinamento e um maior controle do corpo em busca de torna-lo mais produtivo, há um conjunto de práticas corporais *pedagogizadas* que, por meio de técnicas cada vez mais refinadas, serve para redimensionar e potencializar o corpo. Elas se reúnem sob a rubrica do treinamento. Nesta direção, Vaz (2002, p. 86) destaca que “o corpo é, contemporaneamente, um portador e conformador de identidades, faz-se

necessário um maior cuidado com o mesmo por meio de um conjunto de técnicas cada vez mais refinado, para redimensioná-lo, defini-lo, potencializá-lo”. Fica a impressão de imagem de corpo familiarizada com as máquinas, na crescente tendência em anular, valorizar e mostrar o corpo, ao mesmo tempo em que, cada vez mais, ele é explorado, asilado e violentado. Desta forma, o corpo é visto como um objeto técnico instrumental que, por meio de sacrifícios e abdições, torna-se previsível e controlável, na medida em que a técnica passa a ser indispensável para a aquisição estética.

Considerando esse fio condutor, esta pesquisa se debruça sobre a *educação do corpo* no esporte, buscando analisar este espaço social como um sistema de saberes e significações, nas quais os valores, hierarquias, posições de gênero, instrumentalizadas na/pela técnica, expressam, de um modo particular, as representações dos corpos – de certa forma, de um *corpo esportivo*. Características singulares estão presentes nesse universo esportivo e é na Ginástica Rítmica (GR)¹, esporte que produz e reproduz corpos femininos, que compreenderemos aspectos relacionados à construção do corpo e sua educação.

Como outras modalidades de expressão corporal e artística, a Ginástica Rítmica sintetiza elementos de várias construções técnicas e estéticas que lhe são historicamente anteriores, como o Ballet clássico, a dança, e o circo, buscando, assim, construir uma nova estética e uma linguagem, mostrar um novo corpo portador de valores sociais e conteúdos simbólicos, explicitados e articulados por meio de movimentos e gestos. Assim, é possível inferir que “a Ginástica Rítmica é uma modalidade essencialmente feminina, praticada a mãos livres e com pequenos aparelhos; sua beleza plástica, graça e elegância, formam um conjunto harmonioso de movimento e ritmo”. (CRAUSE, 1986, p. 96).

Como nos mostra Angheben (2009), é preciso entender a Ginástica Rítmica (GR) não como um método ou sistema, mas como o resultado de um movimento renovador com uma dinâmica e ritmos específicos que surgiu de uma necessidade de gestos para o sexo feminino, já que nesta modalidade, oficialmente, não há participação

¹ Trata-se de uma modalidade sobre a qual o discurso nativo costuma dizer que alia a arte do movimento expressivo do corpo, com a utilização ou não de aparelhos (corda, bola, arco, maçãs e fitas) e a interpretação de uma música, no que se supõe formar uma síntese harmoniosa de elementos corporais técnicos e estéticos.

masculina², demarcando um espaço arraigado por características que seriam das mulheres.

Neste trabalho³ pretende-se problematizar questões relativas ao corpo feminino na Ginástica Rítmica: a) investigar certas pedagogias corporais no treinamento esportivo; b) observar a relação entre técnica e feminilidade: possíveis indicadores na aquisição da performance.

Tal quadro se norteia por algumas questões: Em que medida os corpos se constroem neste ambiente esportivo? Qual o processo que permite colocar em prática a *educação dos corpos*? De que forma as pedagogias corporais da Ginástica Rítmica determinam um *corpo esportivo e feminino*?

A escolha desta modalidade – a GR – justifica-se pelos seguintes motivos: há a presença de certas *pedagogias do corpo* baseadas na *técnica* e no *controle corporal*, além disso, um entrelaçamento entre *feminilidade* e *performance*. Em decorrência dessas constatações, de modo a fornecer todo um conjunto e compreensão altercada dos mecanismos sociais e das forças existenciais que determinam esse universo, tematizar o corpo das ginastas, no sentido de instrumento de investigação e forma de conhecimento, ajuda-nos a desvendar a formação, mas também minuciosos paradigmas pertencentes a esse espaço.

Nas próximas páginas serão apresentadas algumas características da Ginástica Rítmica para entender a dinâmica, o funcionamento e as formas de elaboração de treinamentos e competições. A intenção é explicar a regulamentação, a lógica do seu surgimento, os requisitos de sua prática, as regras e as avaliações das ginastas. Certa inspiração etnográfica é utilizada como metodologia qualitativa para descrever o espaço social analisado.

A análise das pedagogias corporais e suas relações com o controle corporal passam a ser ponto de discussão no segundo capítulo. A partir de um processo pedagógico se estabelecem normas e controles que se

² Prioritariamente um esporte feminino em nível de competição, a Ginástica Rítmica ganhou uma versão masculina desenvolvida no Japão nos anos de 1970, porém, oficialmente, sob a autoridade da Federação Internacional de Ginástica (FIG), só é permitida a prática para mulheres. Essas e outras informações podem ser acessadas em Men Rhythmic Gymnastics (<http://www.menrg.com> em 15 de março de 2011).

³ O trabalho contou com o apoio do CNPq como parte dos projetos Teoria Crítica, Racionalidades e Educação II e III, na forma de uma bolsa de mestrado, apoio técnico à pesquisa e recursos financeiros.

expressam por meio do tempo, das condutas e gestos. Assim, serão apresentados os trabalhos corporais que condicionam as formas do corpo e o gesto técnico. A decomposição e a materialidade do corpo fornecem os dispositivos de controle físico e psicológico que se instauram no treinamento. A busca do esclarecimento é ponto chave para a dominação e controle desse corpo. É por meio da técnica e a elaboração subjetiva da dor que as pedagogias se conformam.

No capítulo três são apresentadas aproximações no que se refere à educação corporal e à representação⁴ simbólica dos valores de feminilidade que, inevitavelmente, acabam por ser inscritos nos corpos. O corpo nos faz refletir as práticas produzidas e reproduzidas pelos discursos e normas *incorporadas*. Dessa forma, os aspectos técnicos e artísticos se contrapõem ao feminino e à infância. Uma valorização do feminino possibilita a *beleza artística* revelada pelos gestos técnicos e por aparatos distintos. As vestimentas, a maquiagem, o embelezamento direcionam uma formação feminina em que são inscritas as possibilidades de gênero.

Com essas problemáticas, a investigação circunscreve diferentes ambientes destinados à prática corporal da Ginástica Rítmica, como treinamentos, campeonatos e eventos acadêmicos. Isso exige que reflitamos sobre a *educação do corpo* desta manifestação corporal e artística, suas relações de poder e saber que as envolvem e suas redes de influências e interferências.

⁴ Representação envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados - que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos - são construídos (MEYER, 2000, p. 58). Não significa que temos fielmente uma copia da realidade, mas uma construção feita a partir dela. Não se deve, portanto, afirmar que as representações são a própria realidade ou uma verdade científica, pois não se pode reduzir a “realidade à concepção que os homens fazem dela”. (MINAYO, 1995, p.110).

2. GINÁSTICA RÍTMICA⁵

2.1. CARACTERÍSTICAS E REGRAS

A Ginástica Rítmica (GR) tem suas raízes na Ginástica Moderna, surgindo no início do século XX, na Europa Central, como uma nova concepção de Ginástica para a mulher (CRAUSE, 1985). Para esta autora, a modalidade originou-se da eclosão de ideias do movimento artístico do século XIX, por meio do resultado de observações científicas, do ensino do movimento, da terapia respiratória e do relaxamento, da educação musical e da dança, da psicologia, da pedagogia, da sociologia, da biologia e anatomia. Para Gaio e Batista (2006), muitos foram os mestres que contribuíram com a criação da modalidade. Mundialmente, nomes conhecidos deram a esta nova forma de atividade física para mulheres suas contribuições no sentido de criar a Ginástica Rítmica como uma arte de expressão que exaltasse a feminilidade, diferenciando-se dos movimentos masculinos nos quais havia o predomínio da força (GAIO; BATISTA, 2006).

Ao longo de sua história a Ginástica Rítmica recebeu várias denominações: Ginástica Moderna (1963), Ginástica Feminina Moderna e Ginástica Rítmica Moderna (1972), Ginástica Rítmica Desportiva (1975) e Ginástica Rítmica⁶ (1998), e em seu processo de adaptação como agente pedagógico e competitivo, foi encontrando aos poucos sua caracterização definitiva.

De acordo com Jacquot (1980), a Ginástica Rítmica como modalidade esportiva teve seu início em 1948, quando a antiga União Socialista Soviética organizou, pela primeira vez, uma competição. Naquele ano, a Ginástica Rítmica esteve presente também nos Jogos Olímpicos de Londres, mas, nesse caso, não como desporto competitivo, mas como apresentações em conjunto que poderiam acontecer se o país estivesse participando das competições de Ginástica Artística. Apenas

⁵ Considera-se a Ginástica Rítmica dentro da categoria analítica *campo* de Pierre Bourdieu como um *subcampo*, apresentando especificidades próprias que dialogam com o *campo esportivo*.

⁶ A exclusão do termo desportiva possivelmente ocorreu porque “não havia a necessidade da classificação *desportiva*, uma vez que a prática da GR no ambiente da academia não existia mais, não havendo, portanto, uma possível confusão terminológica”. (TOLEDO, 2010, p. 27: grifo da autora).

em 1984, em Los Angeles, a então Ginástica Rítmica Desportiva figuraria no programa olímpico, tornando-se, desta forma, um desporto olímpico (FIG, 1980).

Um fator importante no surgimento da Ginástica Rítmica como modalidade esportiva independente foi o quadragésimo primeiro Congresso da Federação Internacional de Ginástica⁷ (FIG) realizado em 1962 (BODO-SCHMID, 1985, p. 12). A GR recebe, então, uma regulamentação específica em âmbito mundial que tem como base as provas individuais e coletivas, com música e com ou sem aparelhos portáteis⁸. Até então, segundo Bodo-Schmid (1985), como não havia nenhuma regra preestabelecida, os juízes se baseavam no julgamento da Ginástica Tradicional, atualmente conhecida como Ginástica Artística. Como cita Lourenço (2003), a primeira publicação das regras foi apenas em 1970, em edição com não mais que oito páginas.

Em sua regulamentação, de um modo geral, a GR possui três elementos: (1) *movimentos corporais*, (2) *manuseio de aparelhos* e (3) *acompanhamento musical*. Eles formam a unidade que fundamenta a modalidade, podendo ser apresentados individualmente ou em conjunto de cinco atletas.

1. *Movimentos corporais*

São divididos em Grupo fundamental e obrigatório (saltos, equilíbrios, pivots, flexibilidades e ondas) e em Elementos de ligação e

⁷ A Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a responsável pela organização e elaboração do conjunto de regras que governam o esporte, e que estão representadas no *Código Internacional de Pontuação*, conhecido também como a “Bíblia da Ginástica”, que a cada novo ciclo olímpico, ou seja, de quatro em quatro anos, promove mudanças com o intuito de objetivar a forma de avaliação da GR. Esse Código de Pontuação é elaborado pelos Comitês Técnicos, aprovado pelo Comitê Executivo e se ocupa da avaliação dos exercícios, das uniões e combinações, das deduções por falta de execução, determina as medidas disciplinares aos treinadores, ginastas e juízes e detalhes gerais da organização e controle de competição (FIG, 2005).

⁸ A princípio, o Código é organizado para durar quatro anos, mas as mudanças acontecem anualmente com a elaboração sistemática de “cartas” que apresentam esclarecimentos, alterações de critérios e pequenos ajustes nas regras que dificultam o entendimento dos árbitros(as) e uma avaliação segura (LOURENÇO, 2010).

não obrigatórios (saltitos⁹, giros, balanceios e circunduções¹⁰, deslocamentos variados e passos rítmicos¹¹). Os movimentos corporais do grupo fundamental devem ter as seguintes características para serem considerados corretos (GAIO, 2008; LOURENÇO 2010):

- Saltos: Devem ter uma altura adequada para a estatura da ginasta e do aparelho utilizado e o centro de gravidade da ginasta deve estar suficientemente elevado. A forma do corpo durante o salto deve estar bem definida, assim como a definição da sua amplitude. A chegada ao solo é também muito importante, pois uma descida muito forte pode levar a uma penalização.
- Equilíbrios: Consistem na formação de uma posição estática num exercício. Estas posições devem manter-se durante um tempo longo e claro, terem formas amplas e executadas sobre meia-ponta ou joelho. As ginastas nunca devem executar movimentos desnecessários durante, antes ou na conclusão do exercício, nem podem utilizar as mãos ou o aparelho como apoio.
- Pivots: Esta rotação do corpo deve partir de uma posição estática. Executados sobre meia-ponta devem passar um pouco para além dos 360° para ser considerada uma volta completa ou mais de 720° para ser uma volta dupla completa. A forma do corpo deve ser mantida até ao final da rotação. A perda de equilíbrio e o apoio no calcanhar durante a rotação são duas faltas graves neste elemento.
- Flexibilidades e ondas: São executadas em apoio sobre um dos pés ou outra parte do corpo. As flexibilidades devem ter a forma ampla, bem definida e fixada. Estes elementos são executados em apoio sobre um dos pés ou outra parte do corpo e consistem na obtenção de uma posição bastante estendida para atestar a flexibilidade da ginasta. Assim, devem possuir uma amplitude considerada satisfatória e uma forma bem definida para serem considerados válidos. As ondas são movimentos leves e ondulantes do corpo. Uma perda de equilíbrio ou a não colocação da cabeça no movimento conjunto são faltas frequentes.

⁹ São pequenos saltos.

¹⁰ Movimentos de rotação de partes do corpo ou de aparelhos.

¹¹ São combinações de deslocamentos.

2. *Manuseio de aparelhos* (corda, arco, bola, maçãs e fita).

Os aparelhos devem seguir algumas normas de medidas e possuem exigências específicas no que se refere à execução de movimentos (GAIO, 2008; LOURENÇO 2010):

- Corda: é feita de material sizal ou sintético, seu comprimento varia de acordo com o tamanho da ginasta, sua espessura deve ser uniforme e possuir nós em suas extremidades; sua cor é opcional, porém deve-se evitar a cor branca pela dificuldade de visualização. Caracteriza-se nos exercícios por balanços, círculos, rotações, figuras com movimentos tipo “oito”, lançamentos e capturas da corda. As ginastas também saltam com a corda aberta ou dobrada com uma ou duas mãos. Os movimentos corporais que esse aparelho prioriza são os saltos e saltitos porque são esses os movimentos que devem constar com maior volume nas séries¹².
- Arco: é feito de madeira ou plástico; o peso mínimo é de trezentos gramas e diâmetro de oitenta a noventa cm e a cor é opcional. Os movimentos mais comuns com o arco incluem balanços, rolamentos, lançamentos e capturas, giros, incursões no arco, rotações do arco no chão e ao redor da mão e outras partes do corpo. O destaque está nos altos lançamentos e nas técnicas complexas para pegar o arco de uma forma diferente a cada momento. O arco contempla os exercícios de uma forma mais distribuída, pois exige que a composição coreográfica apareça com 25% dos movimentos corporais obrigatórios (saltos, equilíbrios, pivots, flexibilidades e ondas).
- Bola: seu material é feito de borracha ou plástico leve; seu peso mínimo é de quatrocentos gramas; seu diâmetro de dezoito a vinte cm e a cor é opcional. Ondas, círculos, lançamentos e capturas, movimentos com a bola equilibrada na mão, saltos e giros com a bola no chão e ao longo de partes do corpo são os movimentos mais comuns desta especialidade. Na bola os movimentos corporais de flexibilidades e ondas são exigidos em grande quantidade.

¹² Essas séries são as coreografias de Ginástica Rítmica.

- Maças: material de fibra, de plástico ou de madeira, seu comprimento deve ser de quarenta a cinquenta cm e seu peso mínimo de cento e cinquenta gramas para cada uma. Sua forma é de uma garrafa e a cor é opcional. O aparelho maças é composto por um par. A ginasta deve utilizar-se das duas maças durante toda a sua série. Balanços, círculos grandes, círculos pequenos, moinhos¹³, lançamentos, capturas, e batidas rítmicas são os movimentos mais comuns. O elemento corporal em destaque é o equilíbrio.

- Fita: Compõe-se de duas partes: o estilete e a fita propriamente dita. O estilete pode ser de madeira, bambu, plástico ou fibra, de comprimento entre cinquenta a sessenta cm, de diâmetro máximo dez mm e a cor é opcional. A fita é de material acetinado com comprimento de seis metros para a categoria adulta e cinco metros para a categoria Juvenil, a largura é de cinco cm e a cor opcional. A emenda entre o estilete e a fita pode ser de cordão, fio de nylon ou similar a uma argola que tenha mobilidade. São incluídas nas rotinas de fitas, espirais¹⁴, serpentinas¹⁵, balanços, círculos, passagens através ou por cima da fita com todo o corpo ou uma parte, solturas¹⁶, lançamentos, capturas, e movimentos com figuras tipo “oito¹⁷”. A fita deve permanecer em movimento constante. É o único aparelho que desenha figuras no espaço e o elemento corporal predominante é o pivot.

3. Acompanhamento musical.

A composição musical das coreografias passou da exigência de utilizar somente um instrumento à possibilidade do emprego do som vocal, desde que este não emita palavras e ruídos impróprios, como sirenes, motores de carros, aviões ou motos e barulhos de objetos se quebrando. De acordo com o Código de Pontuação (2009, p. 87), “os instrumentos são autorizados na condição que possam exprimir uma música com as características necessárias ao acompanhamento de um

¹³ As maças formam um círculo, tipo uma roda, com os movimentos das mãos.

¹⁴ São movimentos circulares da fita.

¹⁵ São movimentos horizontais da fita.

¹⁶ Estilos de soltar o aparelho.

¹⁷ Esses movimentos desenharam um oito no ar.

exercício de Ginástica Rítmica: bem claro e bem definido na sua estrutura”.

A música é, sem dúvida, o ponto de partida para a elaboração de uma composição de GR. Sem ela, como explica Lourenço (2010, p. 129),

Não se pode dar vida aos movimentos específicos da modalidade e fica impossível unir um elemento ao outro. A música sempre está associada a uma imagem que gera uma ideia-guia que faz surgir os movimentos. Suas entonações e variações de dinâmica nos sugerem a utilização de um elemento estático, como os equilíbrios, ou, então, um movimento explosivo, como um salto, e, ainda, nuances de movimentos ondulantes e lânguidos.

Exercícios realizados sem acompanhamento musical não são avaliados. São as particularidades do acompanhamento musical que determinam a estrutura e o traço característico da composição coreográfica. A música deve ter coerência com o exercício, em um ritmo bem marcado e claro, sendo toleradas algumas pausas voluntárias curtas, desde que motivadas pela composição. Essa harmonia entre o caráter e o ritmo da música com os movimentos é obrigatória e, para isso, a música deve possuir uma unidade, não podendo ser uma justaposição de diversas partes sem ligação.

Independente de determinadas exigências técnicas de alguns aparelhos, qualquer estilo ou ritmo é adequado em relação ao seu manuseio, porém, a escolha da música ainda está associada ao aparelho que a ginasta ou o conjunto de ginastas utilizará na série. É costume escolher músicas rápidas para as competições de corda, por predominarem os saltos, e músicas mais lentas para os exercícios de bola, nos quais do grupo corporal predominante são as flexibilidades e ondas. Em relação à escolha dos movimentos, todos os elementos dos aparelhos deverão ser coordenados com os elementos corporais.

A coreografia deve ser caracterizada por uma ideia-guia do início ao fim com a utilização de todas as possibilidades de movimentos do corpo e do aparelho. A ideia é que as séries apresentadas representem as características próprias do aparelho, inclusive na escolha dos elementos corporais. Como consta no Código de Pontuação, os aparelhos não podem ser utilizados como decoração, ou seja, devem estar integrados

aos movimentos do corpo mantendo uma relação com o acompanhamento musical. Essa é a exigência específica desta modalidade, que é composta pela trilogia corpo-aparelho-música (LOURENÇO, 2010).

A duração das apresentações é de 1'15" a 1'30" na categoria *individual* e 2'15" a 2'30" na categoria *conjunto*. O cronômetro deve ser acionado quando a ginasta iniciar seu primeiro movimento e paralisado ao término do último, sendo despontuado 0,05 pontos para cada segundo a mais ou a menos.

Na área de competição, além da delimitação interna 13x13m, a altura mínima do *carpet* ou *praticable*, como é denominado no Código de Pontuação, é de oito metros e deve haver uma distância de dois metros ao redor dela. Se a ginasta ou seu aparelho sair da quadra durante a apresentação, há perda de pontos.

A ginasta pode trajar collant com ou sem mangas ou macacão até os tornozelos. As mangas devem ter menos de cinco cm de largura e é permitida a utilização de uma pequena saia sobreposta na cintura. A indumentária de competição sofreu mudanças significativas, pois,

No princípio, apenas era permitida a utilização de maiô sem decotes, cavas, transparências ou brilhos e, com o passar dos tempos, autorizaram-se os macacões até os tornozelos (alteração justificada pela participação das nações muçulmanas na modalidade), as rendas e as transparências (desde que forradas), além dos brilhos, que são detalhadamente bordados nas atuais vestimentas das ginastas. (LOURENÇO, 2010, p. 117).

São permitidos brilhos e bordados, as cores são livres, os modelos são variados, porém, as cores ouro, prata e bronze eram até 1997 proibidas tanto para as vestimentas quanto para os aparelhos. O uniforme dos árbitros(as) também foi alterado e, a partir de 1989, as cores permitidas para eles(as) foram apenas azul-marinho e branco. Nos pés, a ginasta deve utilizar sapatilhas que envolvam apenas a meia ponta do pé ou se apresentar descalça. O penteado deve ser discreto e parcimonioso para mostrar limpeza e feminilidade.

Basicamente todas essas regras valem para os exercícios individuais e em conjunto, porém, a característica específica das competições de conjunto é a homogeneidade e sincronia marcadas pelas

relações e colaborações entre as ginastas e trocas de aparelhos. Os movimentos podem ser iguais ou diferentes para todas as ginastas ou apenas em subgrupos.

No que se refere ao julgamento da modalidade, cada exercício é avaliado por um grupo de juízes e juízas, por meio de uma avaliação estabelecida pelo Código de Pontuação. As ginastas são avaliadas por uma banca examinadora composta, preferencialmente, por doze árbitros(as) que avaliarão três quesitos básicos da modalidade: (1) *Dificuldades* (dividido em dificuldade corporal e dificuldade de aparelho), (2) *Artístico* (composição de base, acompanhamento musical e coreografia) e (3) *Execução*. Para se chegar à nota final na avaliação da GR, aquela que a ginasta ou o conjunto obterá após a apresentação, somam-se esses três quesitos básicos.

1. *Dificuldades*

São subdivididas em *dificuldade D1* (corporal) e *dificuldade D2* (aparelho). Este quesito está relacionado ao número e ao valor das dificuldades corporais e do aparelho.

O número de elementos corporais de dificuldades na categoria adulta é de doze para o individual e quatorze para o conjunto, havendo despontuação para as ginastas ou os conjuntos que executarem uma quantidade maior de dificuldades anunciadas na ficha¹⁸. O valor aplicado a cada dificuldade varia em décimos e é denominado com as letras do alfabeto: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J e K, ou seja, 0,10 para a dificuldade A, 0,20 para a dificuldade B e assim por diante.

Os árbitros(as) de D1 avaliam os números e níveis de dificuldades corporais (saltos, equilíbrios, pivots e flexibilidades/ondas) que são encontrados no Código de Pontuação. Esses elementos somente serão avaliados como dificuldade se forem executados com a maestria do mesmo, ou seja, com o manejo técnico do aparelho. É feito o controle das dificuldades válidas entre as dificuldades listadas na ficha de avaliação da ginasta ou o conjunto em questão; em seguida, eliminam-se as dificuldades não válidas. O passo seguinte é atribuir a

¹⁸ Nessa ficha as treinadoras escrevem as séries de cada ginasta ou do conjunto na sua ordem coreográfica, fixando os elementos que serão realizados, bem como seus valores. A entrega dessa planilha é obrigatória, deve acontecer antes do início de cada competição e se houver algum erro a ginasta será despontuada de sua nota final.

nota correspondente às dificuldades da lista e, em seguida, deduzir as penalizações por insuficiência de dificuldades do grupo específico do aparelho, para as competições individuais, ou por insuficiência de trocas, para as competições de conjunto, caso isso aconteça. A nota máxima é de dez pontos e assinalada no final da ficha.

Os árbitros(as) de D2 julgam a dificuldade com o aparelho, são as *maestrias* com ou sem lançamentos (execução do manejo dos grupos técnicos de cada aparelho com um maior nível de dificuldade), os *riscos* (grandes lançamentos e recuperações após a execução de elementos pré-acrobáticos¹⁹ ou outros elementos de rotação), as *originalidades* (novas formas de executar combinações de dificuldades de formas diferentes, uma nova relação ginasta-aparelho ou uma nova forma de executar elementos já conhecidos) e, nos conjuntos, as *colaborações* entre as ginastas (trocas executadas por todas as ginastas ou em subgrupos desde que em deslocamento ou mudança de formação). Neste quesito não há número máximo permitido e, sim, apenas uma nota final de no máximo dez pontos. Os valores de dificuldade corporal e dificuldade de aparelho se encontram na mesma ficha, mas em colunas diferentes e a nota final é obtida da seguinte forma: $D1 + D2 / 2 = 10$.

2. Artístico

Indica o “dicionário de elementos”: compreende a composição de base, o acompanhamento musical e a coreografia (escolha dos elementos corporais e dos aparelhos – a utilização de deslocamentos e a fluência dos movimentos –, os elementos pré-acrobáticos e, em geral, a diversidade que torna a série diferenciada).

O artístico representa um aspecto qualitativo muito importante nas coreografias, pois a distinção entre coreografia e música faz com que as treinadoras ou coreógrafas analisem com muita atenção qual o estilo adotar na composição das séries, dando personalidade às coreografias individuais e de conjunto, para conduzir a um resultado mais satisfatório (LOURENÇO, 2010).

¹⁹ São as reversões que podem ser realizadas para frente, para trás e lateralmente, com uma ou duas mãos ou outros apoios, com diferentes posições de saída e chegada, sem ficar parada na posição vertical e sem tempo de suspensão, e os rolamentos para frente ou para trás, também sem tempo de suspensão. Esses elementos podem ser executados em combinação ou isoladamente.

Para a avaliação deste quesito, os árbitros(as) contam com uma ficha própria para avaliar se todas as partes obrigatórias de uma composição estão presentes nas coreografias individuais e de conjunto. Algumas obrigações referem-se a: direções dos movimentos, formas de trajetórias, dinâmica nas variações de ritmo, níveis dos planos de execução dos elementos, manejo da mão direita e esquerda, elementos pré-acrobáticos, homogeneidade no conjunto, formações e ocupações espaciais diversificadas. A nota parte de dez pontos e diminui de acordo com as ausências das obrigatoriedades, porém quanto mais elementos a ginasta fizer mais “rica” será a série.

3. *Execução*

Avalia a técnica com aparelhos, a técnica corporal e a execução rítmica. Sua nota é iniciada com dez e estabelecida por subtração. A cada falha cometida pela ginasta ou pelo conjunto, há uma despontuação, então as penalizações são registradas pelo árbitro(a) durante a apresentação da série, havendo falhas pequenas que são descontadas 0,10 e grandes despontuações de até um ponto.

A nota de execução é independente dos outros quesitos (dificuldades e artístico), assim, não importa o nível da composição coreográfica ou se esta contém todas as exigências do Código de Pontuação, pois a arbitragem específica desta avaliação se concentra exclusivamente nas falhas corporais ou de aparelho. A qualidade técnica da execução é uma exigência para todos os elementos corporais e dos aparelhos, devendo ser executados de maneira tecnicamente correta, com finalizações e refinamentos.

Existem diversas faltas que podem ser cometidas ao longo do exercício e que vão condicionar a pontuação: falta de unidade no exercício; falta de equilíbrio entre os diversos elementos; utilizar os aparelhos apenas como decoração e não como parte integrante dos elementos; música inadequada, com pausas prolongadas ou com um final brusco; começar o exercício sem contato com o aparelho; falta de acabamento nos elementos executados, nos movimentos do corpo ou nas transições; etc. Impedem-se ações passivas, como, por exemplo, carregar uma ginasta ou arrastá-la pelo solo, desde que não ultrapasse dois passos; andar sobre uma ou várias ginastas, desde que não seja mais de um apoio, formar pirâmides; rolar sobre uma ou mais ginastas sem estar em contato com o solo; ou, ainda, girar uma ginasta em decúbito ventral sobre o solo.

O conhecimento das regras que regem a GR por meio do Código de Pontuação é extremamente importante para os profissionais que atuam na área, uma vez que as alterações são constantes e está ligada à preparação das séries, portanto, quanto mais a treinadora conhecer o Código, mais perto da nota máxima poderá chegar²⁰. Embora esse Código de Pontuação ainda seja composto, em parte, por regras subjetivas, Lourenço (2010) explica que a busca da objetividade na forma de avaliar a GR de forma sistemática e dentro do contexto mundial em que esta modalidade está inserida é preocupação da Federação Internacional de Ginástica.

Estudar a GR não só em suas características, mas também em suas regras é conhecer o seu ideal de performance e a sua história. Assim, para a compreensão do campo de pesquisa e da “leitura” dos dados é fundamental o entendimento de tais conhecimentos para se aproximar dos sentidos que esta prática apresenta.

2.2. INCURSÃO NO ESPAÇO SOCIAL

Considerando uma perspectiva qualitativa de pesquisa, conhecer um fenômeno social seria extrair o conteúdo simbólico da ação ou ações que o configuram, isto é, compreendê-lo como um fato carregado de sentido. O foco da análise está na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações em um determinado contexto.

Reconhecendo a diversidade e a complexidade do campo, ao tomar a categoria *corpo* como símbolo referente que suporta uma trama de significados e que cabe ao pesquisador interpretar, é fundamental conhecermos o conceito de cultura na apreensão dos significados, como aponta Geertz (1989). Este conceito inclui o universo de crenças, valores e normas, artefatos, e outras produções humanas como partes de uma sociedade. Para o autor:

²⁰ A Federação Internacional de Ginástica promove reuniões com seu Comitê Técnico a fim de discutir as prováveis mudanças no Código de acordo com as tendências e inovações ocorridas no ciclo anterior. Após analisar sugestões de técnicos(as), árbitros(as) e demais profissionais envolvidos com a modalidade, os membros do Comitê Técnico organizam as novas regras e as submetem à aprovação do Comitê Executivo da FIG, que somente após essa aprovação, realizam um curso internacional de árbitros(as) para a divulgação das mesmas (LOURENÇO, 2003, p.70).

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado às teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura do significado. (Geertz, 1989, p. 24).

Quando explica a cultura como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, Geertz reconhece nela um contexto no qual fatos sociais, comportamentos, instituições e processos, podem ser descritos de forma inteligível, com densidade. Esse conjunto de significantes em torno dos quais as ações são produzidas, percebidas e interpretadas de forma que seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam à mesma ação, é um objeto da etnografia. Conforme Geertz (1989), é na prática social, na ação, que o discurso social se apresenta, se faz significante e onde se articulam as formas culturais. Para tanto, fazer etnografia, como explica o autor (1989, p. 7), “é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”.

No trabalho de campo os dados são realmente a própria apropriação das construções de outras pessoas, o mais semelhante possível do significado delas. As interpretações são, sempre, interpretações de interpretações, nas quais as originais são do grupo social, pois é sua cultura. A ideia não é de tentar tornar-se um membro de uma sociedade ou grupo a ser estudado, o que geraria uma interpretação em primeira mão, mas sim acessar o seu mundo vivido, ou seja, a tentativa de interpretar o mundo das significações de outro grupo não implica tornar-se nativo, mas apenas interagir com eles.

Na tentativa de mostrar as diversas interpretações que se pode ter ao visualizar uma prática, Geertz (1989, p. 5) considera a história de três garotos piscando rapidamente o olho direito. Nesse exemplo, um deles tem um tique involuntário, o outro uma piscada conspiratória a um amigo e o outro imita o piscar de uma forma propositada e grosseira. Como movimentos, essas piscadelas são idênticas. Porém, como se fosse uma câmara, numa observação “fenomenalista”, ninguém poderia dizer qual seria um tique nervoso ou uma piscadela ou, então, se as duas formas eram piscadelas ou tiques nervosos. Quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório, o piscar, é

um sinal de cultura, é um gesto. A análise está na compreensão desses significados, códigos estabelecidos e sua importância. Infundáveis são as complexidades do ponto de vista da lógica, uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos dos quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas ou as imitações são produzidos, percebidos e interpretados.

Insiste-se na lógica de que para conhecer as dimensões de um determinado grupo é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura que não são explícitos, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia. No entanto, a ideia de tentar pôr-se no lugar do outro e de captar experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo (VELHO, 1978, p. 37).

A preocupação, então, é a de descrever o significado das coisas e não as coisas em si. Dessa forma, explica Geertz (1989, p. 23), o objetivo não é encontrar padrões de comportamentos universais, mas sim “o alargamento do discurso humano”. Uma grande perspectiva da etnografia, e também dessa pesquisa, é obter uma *descrição densa*, em síntese, tentar ler os símbolos, apreender seus significados e por fim apresentá-los. O que importa é o que as pessoas, em diferentes situações, disseram e fizeram sob determinadas condições, com referência ao que se estuda. Isto traz implicações para esta pesquisa. Tomar acesso ao mundo conceitual dos sujeitos é compreender como estes símbolos se configuram e ganham significados em um universo específico, conhecendo como os sujeitos constroem, no cotidiano, suas relações com o corpo.

É preciso, no dizer de Bitencourt (2008, p. 14), lembrar que “o informante, o pesquisador e o contexto (cultural, social, político, etc) formulam o quadro no qual as informações são produzidas e as culturas (do etnógrafo e do nativo) são inventadas e/ou interpretadas”. Nestes termos, o que se tem são subjetividades em perspectivas que na reciprocidade de invenção – pois tanto o pesquisador quanto o grupo pesquisado estão formulando ideias sobre a vida – partilham conhecimentos e entendimentos sobre o mundo, possibilitando a escritura da cultura.

Podemos afirmar que o conhecimento está ligado a um ato de expressão e comunicação, é um objeto de cultura, portanto uma produção da subjetividade. Assim, o trabalho de campo constitui-se

como uma experiência imprescindível do trabalho antropológico, seja por sua natureza epistemológica – e ontológica – ou ainda pela experiência existencial, incondicionalmente constituída quando diferentes sujeitos se põem em interação (BITENCOURT, 2008, p. 8).

O mundo prático que se constitui na relação com o sistema de estruturas cognitivas e motivadoras é um mundo de fins já realizados, modos de emprego ou movimentos a seguir, de objetos dotados de um caráter teleológico permanente (BOURDIEU, 2009, p. 88). Isso porque a condição arbitrária tende a aparecer como necessária, até mesmo natural, pois estão no princípio de percepção e de apreciação por meio dos quais são apreendidas em relação às *potencialidades objetivas*, imediatamente inscritas no presente, coisas para fazer ou não fazer, falar ou não falar, em relação a um *por vir* provável. “Só se pode explicá-las, portanto, com a condição de relacionar as condições sociais nas quais o *habitus* as engendrou e as condições sociais nas quais ele é posto em ação”, ou seja, na condição que o *habitus* efetua, ao ocultá-lo, na e pela prática (BOURDIEU, 2009, p. 93).

Incluir a percepção de mundo social é construir uma visão de mundo, que também contribui para a construção desse mundo. Dado que nós construímos o espaço social, sabemos que esses pontos de vista são visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no campo. Essa tarefa descritiva se realiza a partir da necessidade de se compreender o espaço social no qual os sujeitos-objetos interagem. Segundo Bourdieu (2004, p. 157), “esse espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes percepções” e de uma determinada categoria social. Um elemento que está em jogo é determinado pelo sistema de preferências com relação ao corpo, com o envolvimento do corpo que está associado a uma posição social e a uma experiência originária do mundo físico e social. Isto é, as representações simbólicas são orientadas pela ação individual e coletiva do espaço da prática esportiva e do espaço das posições sociais; dependem, portanto, da interação do sujeito e das delimitações do espaço.

De fato, a estética corporal pode exprimir expectativas de tratamento do corpo de uma maneira específica, com ênfase no funcionamento dele como organismo, o que o leva a ter uma forma predominante em um espaço social específico. É a relação com o corpo, como dimensão privilegiada de *habitus*, que torna possível distinguir a relação instrumental com ele, o regime alimentar, os cuidados com a

beleza e a saúde, e a relação com a dor e sofrimento. O corpo, para além do seu aspecto biológico, tende a reproduzir a estrutura do espaço social e os princípios de classificação que fornecem, inclusive, o substrato para a imagem subjetiva de si mesmo. O gosto, por exemplo, está relacionado a outras dimensões sociais e com a filosofia prática de um determinado grupo.

Se a etnografia enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano, é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender que tipo de sentido eles dão para suas práticas. Faz parte desta experiência cognitiva, como sugere Merleau-Ponty (1991), compreender a noção de liberdade posto que o mundo existe independente de formulações individuais sobre os fatos e acontecimentos. Com o cuidado de não reduzirmos o outro à nossa percepção e nem o contrário, o sentido e as significações que surgem são, em última instância, significações vivenciadas pelos sujeitos.

Para a aquisição de tais informações, na possível busca pela imparcialidade, a posição do investigador em relação aos sujeitos-objetos, e vice-versa, pode interferir na constituição dos suportes e discursos narrativos. Esse enfoque, nas relações dos sujeitos-objetos, é determinante para entender a posição e o olhar do pesquisador, os quais são influenciados por sua própria experiência. De maneira determinante, o pesquisador deixa transparecer, em sua análise, seu quadro de referências, sua postura teórica, seus valores e, portanto, sua subjetividade.

Em meu caso, a escolha pela equipe de Ginástica Rítmica da cidade de Timbó e minha posição dentro desse campo foi determinada por minhas experiências. Sou de Timbó, município localizado no Vale do Itajaí, em Santa Catarina²¹, a mesma cidade da equipe estudada. Também sou conhecida pelos membros do grupo, do qual fui atleta e treinadora auxiliar. Essa equipe aparece com uma delimitação privilegiada para a pesquisa pela sua tradição, bom desempenho esportivo e acessibilidade. Na compreensão desse contexto de pesquisa, foi necessário desnaturalizar o experimentado na tentativa de “objetivar”

²¹ Timbó é uma cidade localizada no sul do Brasil, mais especificamente no estado de Santa Catarina, no médio Vale do Itajaí a 170 km da capital do estado, Florianópolis. Possui cerca de mais de 30 mil habitantes e é conhecida como a Pérola do Vale, por sua riqueza, beleza e com fortes raízes da cultura Européia (Germânica e Italiana).

o mundo que parecia tão familiar, provocando certo “desenraizamento desse universo”.

Como ensina Gilberto Velho (1978), uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais é a necessidade de uma distância mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho. Afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões. Trata-se de um problema complexo, pois envolve as questões de distância, transformando o “exótico em familiar e o familiar em exótico”. Sobre isso Da Matta (1978) sugere que o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. Assim, a “realidade” (familiar ou exótica) sempre é percebida de maneira diferenciada. O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico.

Essas concepções de pesquisa permitem perceber que o componente subjetivo é um aspecto relevante na pesquisa qualitativa – e também quantitativa –, pois apesar de todos os controles metodológicos, as subjetividades são inevitavelmente influenciadas pelos interesses e pelas formações social e cultural dos envolvidos. É preciso estar em constante processo de reflexão a respeito do seu lugar e do lugar social dos seus participantes. O grande desafio nesses casos é identificar e descrever fatos que estavam “invisíveis”. Nesse caso, vale seguir a orientação de Erickson (1984, p. 62) no sentido de “adotar a instância crítica de um filósofo, questionando continuamente os fundamentos do convencional, examinando o óbvio, aquilo que é tido por certo pelos participantes internos da cultura, que se tornou invisível para eles”.

Quando o pesquisador está diretamente implicado no meio que observa, é importante buscar um olhar crítico sobre o fenômeno de estudo. Visto que o pesquisador está presente em seus escritos, suas reflexões e na vida dos sujeitos-objetos, o problema que está presente na interpretação dos atores culturais é cair em um subjetivismo, em que a etnografia passa a ter impressões estritamente pessoais do investigador, na medida em que é necessário certo distanciamento.

Esses são os grandes desafios do pesquisador: discernir o que é “natural” e se distanciar do que lhe parece familiar. No entanto, o fato de o pesquisador estar envolvido com a área que ele analisa pode tornar mais difícil o reconhecimento de certas crenças e incorporações do seu próprio meio, mas é por meio desta prática reflexiva que o pesquisador

pode desenvolver uma perspectiva crítica sobre as suas próprias práticas e as práticas dos outros. Além disso, se a tarefa do etnógrafo consiste na aproximação ao significado ou à compreensão dos participantes, o conhecimento do próprio meio pode ajudar na aquisição desses conhecimentos e proporcionar uma leitura mais específica do próprio campo, como, por exemplo, na compreensão das estruturas significantes materializadas em termos específicos e da regulamentação.

Esse interesse ligado ao fato de se pertencer a um campo está associado a uma forma de conhecimento prático, interessada, que aquele que dele não faz parte não possui, coloca Bourdieu (2004, p. 110). Esse autor explica que há uma parcela de verdade no argumento usado correntemente, em contextos sociais diferentes, para desacreditar qualquer conhecimento externo, não autóctone. Aquele que se poderia chamar de “sociólogo original” assume os pressupostos dos que cuja história ele está contando - o que explica porque muitas vezes ele se veja na impossibilidade de objetivar sua experiência quase autóctone, de escrevê-la e publicá-la.

Há lugar para uma objetivação participante e de tudo o que esta implica, isto é, um domínio consciente dos interesses ligados ao fato de se pertencer ou não ao campo (BOURDIEU, 2004, p. 111). É com a condição de saber que se pertence ao campo que se pode controlar os efeitos dessa inserção e retirar daí as experiências e informações necessárias para produzir uma objetivação não redutora, capaz de superar a alternativa do interior e do exterior, da vinculação cega e da lucidez parcial. Esse tipo de análise propõe uma teoria embasada e construída por meio da comparação entre a os estudos realizados e a realidade dos dados empíricos. É preciso voltar-se à “teoria” antes, durante e após a inserção no campo de estudo para conhecer e reconhecer o que é legítimo e como pensar novas possibilidades de construção social.

Existem algumas formas de aquisição das informações. O etnógrafo tenta inscrever o discurso social tornando o contexto cultural inteligível, especialmente, em forma de texto escrito e outras formas de apresentação. Uma forma específica de obter dados é por meio de um caderno de campo que visa a apreensão dos dados da pesquisa. Esse instrumento se transforma em um material com impressões, sentimentos, esboços teóricos, discursos, práticas e observações do espaço social. É por meio desse diário de campo que chegamos a nossas reflexões, indagações, problemáticas e conclusões, já que o campo se tornou uma fonte de estudo e objeto de análise. Em todos os níveis de

atividades encontram-se também as entrevistas que possibilitam uma maior imparcialidade no que se refere a análise do pesquisador.

O grupo investigado permitiu-nos uma aproximação interessante.

Tratando-se aqui de uma etnografia a respeito das práticas, discursos e das representações, esse estudo foi realizado por meio de análise qualitativa de observações registradas em diário de campo, durante os anos 2008 e 2010, com a equipe de Ginástica Rítmica da cidade de Timbó.

Na primeira parte, em 2008, minha posição no campo foi de “observadora”, pouco interagi com o grupo. Meus passos foram controlados e determinados pelo ex-presidente da Fundação Municipal de Esportes de Timbó (FME). A FME constitui-se como um órgão governamental, vinculado à prefeitura de Timbó e tem como objetivo implantar políticas públicas de desenvolvimento do esporte na cidade. Algumas informações encontram-se na sua página virtual (<http://fme.timbo.sc.gov.br/index.php> em 20 de fevereiro de 2011):

Fomentar, promover e ofertar ações de esporte e lazer, que venham contribuir com a qualidade de vida tanto do desportista quanto do cidadão comum tem sido a missão da Fundação Municipal de Esportes de Timbó, ao longo destes anos e desde seu início no ano de 1993.

A FME de Timbó incentiva e mantém as modalidades e seus respectivos treinadores em diversas categorias nos naipes masculino e feminino, que representam a cidade em competições locais, estaduais, nacionais e internacionais.

Conforme foi permitida a coleta de dados, foi observada uma competição, os 21º Juguinhos Abertos de Santa Catarina, em Joinville, contando com o *ambiente de alojamento* destinado à equipe e dois treinamentos: um durante a competição e outro após o evento. O grupo ficou na cidade sede da competição durante cinco dias e eu as acompanhei durante todo o evento, com exceção da hora de dormir, já que o presidente destinou um quarto exclusivo para mim. Para ele, uma pessoa de “fora”, que não fosse da equipe, poderia interferir nos aspectos psicológicos das meninas, desconcentrando-as e atrapalhando seu rendimento. Essa competição foi considerada uma das mais importantes do ano e muito se mobilizou para que as atletas atingissem um bom resultado.

Além das observações, foram realizadas, durante a minha intervenção, seis entrevistas semi-estruturadas com quatro ginastas e duas treinadoras, todas pertencentes à equipe de Timbó²² e participantes da competição dos Joguinhos Abertos de SC.

Em 2010, além de observação, houve participação em várias decisões do grupo e ajuda no comando das meninas. Chamei essa participação de “observação participante”, onde eu não era apenas observadora. Era também integrante da equipe com possibilidades de escolher meus posicionamentos.

Nessa perspectiva, cumpri um duplo papel no campo. Por um lado de pesquisadora envolvida com os inúmeros problemas teórico-metodológicos que uma pesquisa apresenta, por outro, a incorporação das práticas do campo. Separar os dois papéis foi tarefa árdua e constante durante o processo. Saber trabalhar o envolvimento e as subjetividades, mantendo necessário distanciamento, requereu esse trabalho científico. Uma das formas de lidar com esta questão foi o estranhamento, um esforço sistemático de análise de uma situação familiar como se fosse estranha, uma vez que eu era um espelho da própria cultura estranhada. Aos poucos comecei a ver as treinadoras e as ginastas como “nativas” engajadas em rituais, interpretações, representações, ocupando papéis, envolvidas em pequenas percepções seletivas, em conflitos culturais em um grupo social específico.

A posição que o pesquisador ocupa é fundamental para a aquisição dos dados, porém uma reflexão de como os sujeitos enxergam os pesquisadores também se faz importante. Dependendo da relação entre os sujeitos-objetos e o pesquisador, os discursos e as práticas podem ser influenciados por essas posições, possibilitando singularidades dentro do campo. Isso se fez presente, pois as relações foram condicionadas e possibilitadas por esta ligação dos envolvidos. Em alguns momentos, as alunas não conseguiam diferenciar-me como integrante do grupo ou como investigadora. Esses aspectos estiveram presentes em uma competição na qual o grupo foi acompanhado e eu fui denominada auxiliar técnica da equipe. Nos treinamentos as meninas também me reconheciam como treinadora delas e solicitavam permissão

²² Ver detalhadamente em BOAVENTURA, P. *Feminilidade, corpo e técnica: Sobre a produção da beleza na Ginástica Rítmica*. Florianópolis – *Trabalho de Conclusão de Curso* (TCC). Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Desportos, 2008.

para beber água, nos cumprimentos ou até para reclamar de cansaço. Observe-se:

Logo que eu cheguei, todas correram até a entrada da quadra e gritaram meu nome “Cissa”. Me deram beijos, abraços e disseram que estavam contentes porque eu iria com elas para a primeira Etapa Estadual²³. [...] Após terminar a atividade a ginasta disse “ai, estou cansada” e pediu para mim se podia beber água. (Diário de Campo – 07/04/2010).

De todo modo, os sujeitos-objetos conheciam os objetivos da pesquisa e estavam atentos para tudo que eu escrevia e fazia. Vê-se no diálogo durante as anotações que todos acompanhavam o que era escrito²⁴:

Duas ginastas perguntaram sobre o meu trabalho. Eu expliquei o que estava estudando e buscando com os dados. Uma delas perguntou se eu anotava tudo o que elas falavam e eu respondi que sim. Elas solicitaram uma leitura rápida e eu li uma parte das anotações. (Diário de Campo - 09/04/2010).

O acompanhamento dessa turma em 2010 foi realizado entre os meses de março e outubro. Neste período, foram observados, aproximadamente, vinte treinamentos, quatro campeonatos estaduais de Ginástica Rítmica em SC: em Chapecó, Indaial, e duas vezes em Blumenau. No primeiro evento acompanhei a equipe durante o alojamento e nas outras etapas, mais próximas de Timbó, não houve disponibilidade de hospedagem, mas a FME ofereceu transporte para todos os dias.

As entrevistas foram gravadas e realizadas com a treinadora que era também a coordenadora do grupo; outra treinadora que era também a

²³ Faz parte do ritual de chegada, as meninas irem em direção às treinadoras e cumprimentá-las com beijos e abraços.

²⁴ Lembrando que houve sigilo em relação às identidades dos personagens utilizando nomes fictícios para todos. Ressalta-se que todos os sujeitos da pesquisa, durante toda a intervenção, puderam olhar, questionar e criticar nossas anotações e observações.

fisioterapeuta da equipe; uma auxiliar técnica; três ginastas da categoria Juvenil da equipe de Timbó²⁵; uma ginasta que foi atleta da mesma cidade, participou da pesquisa em 2008, mas agora é ginasta da seleção brasileira²⁶.

No caso do estudo em Timbó, o critério de escolha das turmas observadas e das pessoas entrevistadas, considerou o nível técnico das atletas, a presença nos treinamentos da equipe e a participação das competições analisadas em 2008 e 2010.

As ginastas observadas durante as duas incursões no campo possuíam entre seis e dezessete anos, pertenciam às categorias Pré-Infantil, Infantil, Juvenil e Adulto, e dedicavam-se diariamente aos treinamentos de GR. Lembro que há ginastas que apenas praticam a modalidade, mas não participam de competições, pois não dominam com destreza suficiente as técnicas corporais requeridas, não respondem às exigências dos treinamentos ou não apresentam idade mínima para competir.

Optamos por uma etnografia como método de incursão no campo. Isso não significa que somos necessariamente etnógrafos ou antropólogos, mas, de maneira geral, trata-se de fazer uma análise que leva em conta algumas considerações metodológicas²⁷, as identidades

²⁵ As ginastas mais novas não conseguiram se expressar em algumas questões, devido a baixa faixa etária, conseqüentemente, as perguntas ficaram sem respostas ou com pouquíssima informação, apesar de abrirem espaço para numerosos questionamentos interessantes para a pesquisa.

²⁶ Essa atleta da seleção brasileira não compete mais pela cidade de Timbó e é exclusiva da equipe nacional porque todas as meninas selecionadas para competirem pela seleção brasileira precisam se deslocar para a sede oficial da equipe, atualmente, localizada em Aracaju – Sergipe. O desígnio dessas ginastas é feito pela Confederação Brasileira de Ginástica em uma seletiva com diversas ginastas do país. São avaliados vários quesitos: peso, altura, flexibilidade, impulsão, manejo de aparelhos e trocas (lançamentos de aparelhos entre as ginastas), principalmente. É interessante apresentar que, de oito ginastas que compõem o quadro da seleção brasileira de GR, três são de SC. Essa ginasta entrevistada estava de férias em Timbó durante uma semana de julho.

²⁷ A realização crescente de estudos etnográficos em áreas (diferentes da antropologia) como a educação sugere um debate a respeito do conceito de etnografia nas áreas da Antropologia e Educação. Para alguns autores, como explica André (2005, p. 27), o estudo do tipo etnográfico é uma adaptação da etnografia à educação. Para o autor, requisitos sugeridos como, por exemplo, uma longa permanência do pesquisador em campo, o contato com outras

dos sujeitos-objetos, o espaço geográfico e social. Logo, apoiado nas concepções teórico-metodológicas da Antropologia Interpretativa proposta por Geertz e na abordagem teórica de Pierre Bourdieu, mergulhamos no universo da GR na tentativa de compreender as trocas e as práticas dos sujeitos em análise.

Nesse contexto, essa pesquisa tratou de lidar com percepções e opiniões já formadas, reconstruindo-as em novas bases, levando em conta, sim, as experiências pessoais, mas filtrando-as com o apoio de referencial teórico e de procedimentos técnicos. Em seu fazer cotidiano, esses sujeitos, por meio de uma complexa trama de relações que inclui permanências e conflitos, transgressões e acordos, fazem da GR um processo permanente de construção social.

2.3. O CAMPO: TREINAMENTOS E COMPETIÇÕES

A equipe de Ginástica Rítmica de Timbó teve seu início em 01/03/1985 com uma ex-treinadora e ex-atleta de GR licenciada em Educação Física pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). A equipe, ligada à Fundação Municipal de Esportes de Timbó (FME), era chamada “Clube de Caça e Tiro Frederico Donner”, presentemente chamada de “Clube Ginástico Guairacás²⁸”.

Em toda sua trajetória, a GR de Timbó frequentemente participou de competições de todas as categorias tanto em estaduais quanto nacionais. No estado, há também os eventos da Fundação Catarinense de Esporte (FESPORTE): Olimpíada Estudantil Catarinense; Joguinhos Abertos de Santa Catarina e os Jogos Abertos de Santa Catarina. As competições da Federação de Ginástica de Santa Catarina podem ser programadas em quatro ou cinco etapas durante o ano e contemplam todas as categorias.

A equipe obteve excelentes resultados durante toda a sua história, dentre eles, Campeã de um dos Joguinhos Abertos de Santa Catarina, várias vezes suas atletas foram campeãs estaduais em equipe e individualmente nas diversas categorias, Pré-Infantil, Infantil, Juvenil e Adulto. Uma ginasta participou da seleção brasileira no ciclo 2001/2004 e outra atualmente é integrante da equipe nacional, pertencente ao ciclo

culturas e o uso de amplas categorias sociais na análise de dados são adequados para estudos antropológicos, mas não necessariamente para a área de educação.

²⁸ Não se sabe o motivo pelo qual se utilizaram esses nomes. A hipótese é de que são nomes de instituições vinculadas aos esportes da cidade.

2010/2014.

Os treinamentos da equipe de rendimento de Timbó são realizados em um ginásio da cidade, de segunda a sexta-feira, no período vespertino para as categorias Pré-Infantil, Infantil, Juvenil e Adulto. As categorias são definidas conforme a idade das atletas:

- Pré-infantil: oito a dez anos.
- Infantil: onze a doze anos.
- Juvenil: treze a quinze anos.
- Adulto: a partir de dezesseis anos.

As categorias Pré-Infantil e Infantil, geralmente praticam Ginástica três vezes na semana, e algumas vezes de quatro a cinco, dependendo da disponibilidade da ginasta, da quantidade de tarefas para treinar e se há competição próxima. As categorias Juvenil e Adulto treinam cinco dias na semana. As segundas, quartas e sextas, os treinos são das 13h30min às 18h30min e, de terças e quintas-feiras, das 13h30min às 16h30min. Para todas essas categorias, sábados e domingos são utilizados excepcionalmente quando há competição próxima ou por razão de alguma atividade eventual.

Além das categorias de rendimento, há *Escolinhas*, que são aulas oferecidas para iniciantes, alunas que não possuem uma boa técnica corporal ou que não conseguem treinar com a equipe principal devido à indisponibilidade de horário. Essas aulas não visam o rendimento e são oferecidas para meninas com idades de cinco anos ou mais. Acontecem duas vezes na semana, nas terças e quintas, no período matutino, das 08h00min às 09h30min ou, no período vespertino, das 13h30min às 15h00min, em outro ginásio da cidade.

O local dos treinos para a equipe principal fica fora do centro da cidade, no bairro Tiroleses. A estrutura física é composta de um ginásio bastante amplo, com cimento na parte de fora e piso de madeira delimitado com linhas tradicionais na parte de dentro da quadra. Possui diversas salas fechadas nos cantos e, dentro de uma delas a equipe guarda roupas, aparelhos de treinamento, aparelhos de som. Alguns desses materiais são diariamente transportados para a quadra para que as ginastas possam treinar. Há também uma arquibancada pequena posicionada frente à quadra. Do lado dela há uma mesa de sinuca que completa o espaço de um bar, além de cadeiras e mesas. No lado direito, mais acima na parede, há uma televisão fixada. A parte interna do ginásio é contornada por redes e alambrados. Possui pouca claridade,

pois o lugar não comporta janelas amplas. Há alguns buracos na parte inferior e tijolos sem cimento na superior. A acústica do local é prejudicada porque se escutam barulhos externos que podem prejudicar na escuta das músicas.

A área de treinamento é delimitada por oito tapetes que ficam guardados e enrolados no canto esquerdo da quadra, juntamente com as barras de ferro de Ballet não fixadas e quatro bancos de madeira no lado direito. Para a utilização da quadra, os tapetes são abertos e divididos em duas áreas, cada uma constituída por quatro tapetes. Uma parte é destinada às ginastas mais velhas das categorias Juvenil e Adulto ou para as treinadoras montarem as séries; e a outra às ginastas mais novas das categorias Pré-Infantil e Infantil ou para aquelas que estão treinando na hora em que uma ginasta está passando sua série com a música²⁹ no outro lado.

A estrutura física dos locais de competição diferencia-se de maneira ínfima. O ginásio é grande e dividido em dois espaços (Figura 1): um para a apresentação da competição, com cinco tapetes unidos³⁰, formando um quadrado de 13x13m (quadra de competição), no qual as atletas passam suas séries com música, e outro espaço com outros tapetes não necessariamente unidos (quadra de treinamento) onde as ginastas repetem os movimentos corporais sem suas músicas.

²⁹ *Passar com musica* significa apresentar a sequência de movimentos que uma ginasta possui em sua série, com acompanhamento musical.

³⁰ Os tapetes são unidos com uma fita adesiva para que não se desgrudem e atrapalhem o exercício de alguma ginasta. Há uma fita também que contorna toda a área de competição, delimitando o espaço do tapete que pode ser utilizado durante a apresentação e a parte externa, que se utilizada durante a coreografia/série, a ginasta perde ponto.



Figura 1. XXI Jogos Abertos de Santa Catarina – Joinville

É na quadra de treinamento que as atletas ficam por maior tempo durante as competições, pois treinam repetidamente suas composições coreográficas até a hora da apresentação. Entre esses dois espaços há uma divisória, ou seja, é colocado um divisor de quadras geralmente em forma de painel ou biombo, para evitar que os aparelhos passem da quadra de treinamento para a que a ginasta está se apresentando. As mesas das árbitras ficam dispostas na frente dos tapetes de competição e o som em uma distância próxima da banca de arbitragem (Figura 2).

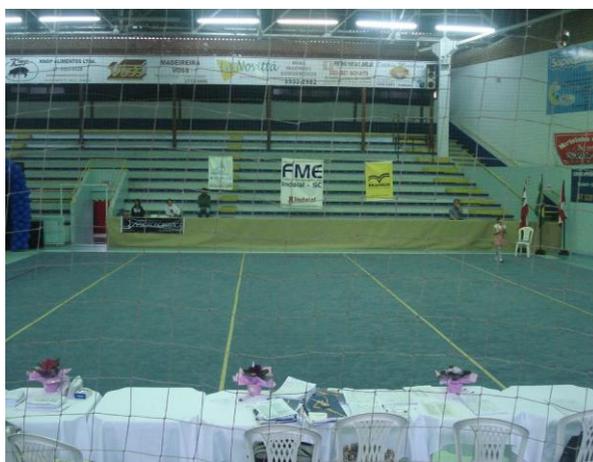


Figura 2. II Etapa Estadual de Ginástica Rítmica – Indaial

O investimento mensal de cada atleta para praticar GR varia entre dez e vinte e cinco reais, dependendo da categoria. Os gastos com sapatilhas (apenas um par), tapetes de treinamento, aparelhos de GR e materiais de treino em geral são supridos, em grande parte, pela Fundação Municipal de Esportes de Timbó e pelos recursos oriundos das mensalidades.

São emprestados às ginastas alguns objetos do figurino de treinamento, como, por exemplo, shorts, tops, collants sem bordados, macacões que não são mais utilizados nas competições e os agasalhos da equipe. Os gastos com o figurino são para comprar os collants de competição das séries individuais. O figurino competitivo é responsabilidade de cada atleta, sendo que um collant de competição custa em torno de R\$180,00³¹. Geralmente, as atletas possuem um collant para cada série individual e de conjunto.

Além disso, há despesas com os arranjos de cabelo, como grampos, amarrados de cabelo, enfeites, entre outros. As maiores despesas estão concentradas nas viagens para eventos de GR. Em cada competição e apresentação, há gastos com transporte, hospedagem, inscrição e alimentação. Porém, em alguns eventos a participação das ginastas é custeada pela Fundação de Esportes de Timbó, com exceção dos campeonatos brasileiros que são pagos pelos pais, patrocinadores ou com recursos oriundos de eventos promocionais coletivos.

Pela carência de patrocínio, a equipe de GR de Timbó, juntamente com a ajuda dos pais, arrecada grande parte do dinheiro para investir em competições estaduais e nacionais por meio de promoções, rifas, feijoadas e cafés. A treinadora e os pais se reúnem esporadicamente para discutir as formas de aquisição da ajuda financeira:

O primeiro tema a ser abordado na reunião de pais referiu-se às rifas para arrecadação de dinheiro. Este seria destinado, principalmente, às competições nacionais. Os pais aceitaram fazer uma rifa para os dias das mães. A premiação será duzentos reais e um jogo de jantar que uma mãe conseguiu no ano passado, quando estavam pensando em fazer outra rifa. Como não a fizeram, utilizarão para esta. Após conversarem

³¹ Em grandes equipes esse valor pode ultrapassar os mil reais.

sobre a premiação e outras formas de arrecadar dinheiro, optaram por fazer uma rifa para o dia dos namorados em junho e uma feijoada em julho. (Diário de Campo - 15/04/2010).

Em anos anteriores, esse dinheiro também possibilitou a contratação temporária de algumas treinadoras estrangeiras ou de outras equipes com o intuito de aprimorar as técnicas corporais das ginastas, melhorar o treinamento físico e montar as séries das ginastas com um número maior de elementos corporais diversificados. Atualmente, a equipe não possui nenhuma treinadora estrangeira, mas, por várias vezes, estrangeiras ministraram treinos para o grupo. Dentre elas, duas foram cubanas, uma por um mês (1987), a segunda por três meses (1989), além de outras nacionais.

A alimentação durante os treinos é levada de casa. Dentre os alimentos permitidos estão frutas, cereais, iogurte, bolachas de água e sal, sucos e água. Em todas as tardes são permitidas às alunas intervalos de alimentação com tempos destinados a cada categoria. As treinadoras dificilmente param para comer, mas, mesmo dando continuidade aos treinamentos, elas constantemente, ingerem os mesmos alimentos permitidos às ginastas.

A divulgação do grupo de GR da cidade é realizada a partir de um convite às escolas do município, estaduais, municipais e particulares. Nesse convite as treinadoras solicitam a participação de todas as meninas dessas escolas em um “aulão”. Nele é realizada uma amostra do que é um treinamento de Ginástica Rítmica como uma forma de divulgação da modalidade para a comunidade. Nessa seleção, a expectativa é de encontrar novos talentos para participarem da equipe de rendimento. As treinadoras escolhem as melhores meninas para entrarem nesse grupo e, as participantes não selecionadas para participarem das Escolinhas.

Nesse “aulão” o ginásio fica lotado e há, geralmente, a presença de 150, 180 crianças. É feita uma apresentação da equipe principal para que os pais visualizem algo do que é a modalidade. Depois da apresentação, com o intuito de aquecê-las, as treinadoras fazem de três a quatro brincadeiras com todas as meninas presentes. Depois disso, as meninas são distribuídas na quadra para fazerem uma aula com elementos básicos da Ginástica. Como todas estão com números colados no peito, as meninas que tiverem certas características são chamadas, juntamente com seus pais, pelo seu número, por meio do microfone. É

conversado com os pais e feito um convite especial para as selecionadas para que participem do grupo principal. As meninas que não são selecionadas são convidadas para participarem da Escolinha. Após um tempo de treinamento, depois de realizar um trabalho com essas crianças selecionadas, elas passam a treinar com as outras meninas do treinamento de rendimento.

Vale ressaltar que esse recrutamento é realizado no início do ano, no mês de fevereiro, para que as ginastas entrem para a equipe no começo das tarefas anuais. Isso porque há um cronograma anual para que as atletas se adequem as exigências do calendário de adaptação e competição. Assim, esse cronograma anual estabelece os treinamentos que são destinados para a adaptação do grupo após as férias, montagem das séries e distribuição das competições no calendário.

Em fevereiro, é realizado apenas o trabalho de aquecimento, sem “pegar aparelho”, sem muita exigência técnica, focando mais na correção postural, exercícios de flexibilidade de perna e coluna e reconhecimento do próprio corpo. Após esse período de adaptação, durante os dois meses seguintes, as atletas trabalham com os aparelhos específicos da modalidade, escolhem músicas e iniciam a montagem das séries. Depois das séries prontas e ensaiadas, é feita uma reformulação dos movimentos excluindo e incluindo os exercícios aos quais as atletas não se adaptaram. Elas só começam a série com música quando executam os movimentos corretamente e ligados entre si numa sequência pré-definida.

As ginastas executam os exercícios corporais, em uma sequência diária e rotineira de atividades. Para todas as sessões de treinamento elas chegam ao ginásio, aquecem e alongam as articulações e os músculos por cerca de vinte minutos. Após essa primeira parte, trabalham força e flexibilidade por meio de movimentos no chão, deslocamentos com saltos em diagonal, flexibilidade no banco³², no qual devem permanecer em máxima amplitude. Além desses procedimentos, há exercícios na barra de Ballet para adquirirem certa leveza, graciosidade *versus* força e dureza muscular. Se necessário, são montadas as séries e após as passagens dessas coreografias com música, para finalizar o treinamento, as atletas fazem preparação física. A preparação física é feita com

³² A ginasta deve realizar um espacate (abertura das pernas) e apoiar suas pernas (uma na frente e a outra atrás) em bancos, cadeiras ou elevados e, fazer a máxima amplitude possível. A expressão utilizada pelos sujeitos é “fazer banco”.

exercícios que visam um fortalecimento e melhoria dos sistemas funcionais mais importantes do organismo da ginasta. Parte desse trabalho de treinamento visa aperfeiçoar e manter as qualidades físicas necessárias à realização dos elementos técnicos da modalidade. Para esta preparação física é importante saber identificar, em uma técnica de Ginástica Rítmica, qual a musculatura principal envolvida, para poder fortalecê-la e, assim, melhorar os exercícios que exigem força e até possibilidades de conseguir executar gestos técnicos cada vez melhores, associando-se, na busca de um melhor rendimento, ao ganho de impulso e leveza.

Há também, além das sessões padronizadas, o treinamento de controle. Este foi realizado em 2008 para que a equipe se sentisse “ameaçada”, já que o presidente e o diretor da Fundação Municipal de Esportes da cidade verificassem o trabalho que estava sendo feito. Simulou-se uma competição. Assim, as meninas se vestiram e se maquiaram como nas competições e apresentaram suas séries individuais para os visitantes. Verificou-se esse procedimento apenas na primeira inserção do campo. Na segunda parte, esse treinamento controle apenas esteve presente na programação da equipe nacional de GR, mas não foi observado.

Os treinamentos durante as competições são distintos daqueles do dia a dia. As atletas chegam ao ginásio de competição, alongam e aquecem a musculatura. Depois disso, passam a treinar os aparelhos da competição, sem parar. Antes de apresentarem as séries, as ginastas param os exercícios físicos e trabalham a concentração juntamente com a treinadora. Em consequência disso, durante as competições, em vários momentos, o trabalho feito com as atletas foi “praticamente psicológico”. Ali, realizaram exercícios de meditação e relaxamento, ficando o máximo do tempo focadas no “pensamento competição” e não realizaram nenhum esforço físico, além do exigido no treinamento no ginásio de competição.

Da etapa de montagem de séries até o final do ano o cronograma é definido pelas competições. Durante esse tempo também é feito um trabalho psicológico e ensaios das séries finalizadas. Essas coreografias são regularmente treinadas e apresentadas conforme uma ordem específica que depende da categoria de cada ginasta e dos aparelhos que são exigidos nos campeonatos.

Durante essa inserção no campo, acompanhei a equipe de Ginástica Rítmica de Timbó nos XXI Joguinhos Abertos de Santa Catarina do ano de 2008, nos treinamentos do primeiro semestre de

2010 e nas quatro etapas estaduais do mesmo ano. Houve participação em todos esses eventos e descreverei agora as particularidades desses dois momentos.

– Os dados de 2008.

Segundo os relatos das integrantes da equipe de Timbó, no ano de 2008, a competição mais importante para a equipe e para a FME foram os XXI Joguinhos Abertos de Santa Catarina (Figura 02). O grupo trabalhou o seu máximo potencial e empenhou-se para essa competição nas coreografias individuais, abandonando a participação de conjunto.

Os 21º Joguinhos Abertos de Santa Catarina³³ foram realizados entre os dias treze e vinte e um de setembro de 2008, no município de Joinville. Durante nove dias quatro mil cento e vinte atletas de setenta e dois municípios disputaram vinte e oito troféus em quinze modalidades, nos naipes masculino e feminino. Constaram no programa do campeonato as seguintes modalidades: Atletismo, Basquetebol, Caratê, Ciclismo, Futebol, Futsal, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Handebol, Judô, Natação, Tênis, Tênis de mesa, Voleibol e Xadrez.

A Ginástica Rítmica seguiu as exigências da categoria da Federação de Ginástica de Santa Catarina, conforme normas do Código de Pontuação da Federação Internacional de Ginástica (FIG)³⁴. Participaram atletas nascidas no período compreendido entre 1992 e 1996 (doze a dezesseis anos).

A equipe de Timbó foi composta por cinco atletas inscritas nas provas individuais. Apenas dois aparelhos foram exigidos, bolas e arcos, acompanhados pelo regulamento da Federação de Ginástica de Santa Catarina da categoria Juvenil. As ginastas foram avaliadas pela execução do grau técnico durante a apresentação e pelo valor artístico apresentado na sua série, ou seja, foi considerada a relação que elas estabeleceram entre música e movimento, bem como a execução correta e a criatividade na utilização dos aparelhos.

Durante essa competição, as equipes ficaram em escolas que serviram como alojamento durante todos os dias de estada.

³³ A Primeira edição dos Joguinhos deu-se no período de 24 de novembro a 4 de dezembro de 1988, com a participação de 160 municípios.

³⁴ A Federação Internacional de Ginástica (FIG) como a mais antiga organizadora da Ginástica Internacional, tem como objetivo dar orientação, regularizar, direcionar e impulsionar eventos ligados à área da Ginástica.

Tradicionalmente, para cada município participante é destinado um estabelecimento de ensino localizado na cidade de competição. A Ginástica Rítmica ficou nesse local durante quatro dias e dividiu o espaço com as equipes femininas e masculinas de Xadrez e Atletismo e, também com a equipe feminina de Judô, todas pertencentes à cidade de Timbó.

As ginastas e as treinadoras de GR ficaram no mesmo quarto, já nas outras equipes, os treinadores, o presidente e o diretor da FME, dormiram em um quarto separado dos outros atletas. Eu fiquei em um quarto separado, mas durante todo o tempo, com exceção da hora de dormir, a equipe de GR foi acompanhada.

O quarto destinado para a equipe de GR no alojamento era dividido em dois espaços estabelecidos pelo próprio grupo. Uma área era logo do lado da porta de entrada em que estavam os dois colchões das treinadoras e, no fundo da sala, os cinco colchões das atletas. Havia collants e toalhas molhadas pendurados nas cadeiras e carteiras distribuídas nos cantos da sala e, um recado de carinho no quadro das atletas para as treinadoras, além de papéis pendurados e desenhados pelos alunos da escola. Nestes lia-se advertências contra o cigarro e o fumo.

Outro detalhe importante é que as meninas viviam grande parte do tempo livre no banheiro, já que dentro do quarto não havia espelhos. Durante a primeira tarde que as observei no alojamento, elas bateram fotos, maquiaram-se e pentearam-se em frente ao espelho do banheiro. Esse local passou a ser, muitas vezes, o mais importante e utilizado por elas.

A alimentação era bastante diversificada e continha alimentos com elevado teor calórico. Vale salientar que algumas atletas tiveram mal-estar, enjôo, vômito e dor de cabeça. Esse fato pode ter sido consequência da alimentação ou de fatores como o estresse e/ou o nervosismo, como observamos: “Uma atleta estava enjoada e a treinadora solicitou que ela comesse um pouco. Neste momento, outra ginasta da mesma equipe comentou que a causa era o nervosismo”. (Diário de campo – 14/09/2008).

Em todos os dias, no café da manhã havia pão, queijo, presunto, café, achocolatado, manteiga e mousses doces. Os almoços eram variados e para cada dia havia um cardápio diferente. No primeiro dia, frango com alecrim, frango com molho de abacaxi e curry, arroz, couve-flor cozido com manteiga, frango a milanesa, farofa, saladas e frutas. No segundo e terceiro dias variaram os pratos, entre eles, feijão, arroz, bife,

carne de panela e polenta com calabresa. No primeiro jantar foi feito um buffet de massas. Havia vários tipos de macarrão, lasanha à bolonhesa, molho de calabresa, carne picada com molho vermelho. No jantar de despedida foi feito um rodízio de pizza.

Após o término das competições, as treinadoras de GR fizeram brigadeiro de chocolate e ofereceram coca-cola para as meninas, algo que havia sido prometido durante todo o campeonato. Tem-se o seguinte trecho extraído do diário de campo: “O pessoal do atletismo ficou sentado no sol com uma coca-cola, próximo às ginastas. As meninas viram a garrafa de refrigerante e comentaram que também queriam. Uma treinadora disse ‘Se vocês merecerem, a gente compra uma garrafa de coca’. Elas combinaram de fazer brigadeiro e dar coca-cola para as atletas no dia seguinte”. (Diário de Campo, 15/09/2008). Nesse contexto, os prazeres do corpo são um prêmio aos sacrifícios do corpo, tema que será discutido nos próximos capítulos.

– Os dados de 2010.

Na minha inserção no grupo em 2010, a equipe estava no período de montagem das séries das ginastas. Na elaboração das coreografias, primeiramente as professoras escolhiam as músicas que adequassem ao perfil da atleta e do aparelho de competição. Ao identificar os ritmos musicais, as treinadoras elaboravam uma grande variedade de elementos corporais, formas e movimentos em amplitudes, direções, níveis, planos e velocidades distintas. Ao criarem esses exercícios, solicitavam sua execução pelas alunas a qual destinavam a coreografia. A atleta ficava individualmente com a treinadora até a finalização de todos os exercícios. Após montada a série, cada uma treinava os seus exercícios e aos poucos passava com música para adequar os movimentos aos ritmos musicais.

Algumas ginastas mantiveram suas séries dos anos anteriores na tentativa de aprimorar a técnica de execução dos movimentos. Diversas coreografias também foram passadas de uma ginasta de categoria superior para outra de categoria inferior e, então, foram feitas algumas modificações para a adequação da série à nova ginasta.

Foram observados treinamentos e competições nos meses de março a outubro. As competições acompanhadas foram as seguintes:

A primeira Etapa do Campeonato Estadual, em Chapecó, no dia vinte e dois de maio de 2010. A equipe de Timbó dividiu um ônibus e viajou com uma de Blumenau no dia vinte e um de maio de 2010 e

voltou no dia vinte e três do mesmo mês. Nesse ônibus havia doze integrantes da equipe de Timbó das categorias Pré-Infantil, Juvenil e Adulto e oito de Blumenau. Durante toda a viagem as treinadoras de Blumenau bordaram os collants e amarradores de cabelo das ginastas que iriam competir no dia seguinte.

A alimentação durante a competição foi bastante controlada. A treinadora comprou para o café da manhã e lanche frutas, pães, bolachas e sucos. Essas refeições foram patrocinadas pelo supermercado da cidade de Timbó que ofereceu também um pacote de bombom “sonho de valsa” para presentear as ginastas. A FME pagou os almoços e os jantares. No primeiro dia, no almoço, a treinadora exigiu no mínimo duas cores diferentes de salada e na janta foram compradas pizzas, já que não havia restaurante próximo ao alojamento. As *pequenas*³⁵ só puderam comer duas fatias e as *grandes* três. Foram feitas filas para cada sabor de pizza e a entrega era feita pelas treinadoras. Depois de comerem, as ginastas de Timbó foram lavar as mãos, escovar os dentes e molhar o cabelo para fazer o coque, penteado utilizado na competição. Durante a montagem dos coques as meninas tiraram fotos e as ginastas mais novas fizeram massagem nas mais velhas.

Antes de dormirem, a treinadora fez um círculo com as meninas de Timbó e todas ficaram de mãos dadas bem próximas. Cada uma memorizou as suas séries. As atletas mais velhas relembrou uma vez cada série e, as mais novas, duas vezes cada.

A equipe dormiu no prédio da Fundação Municipal de Esportes de Chapecó. As ginastas de Timbó e Blumenau dormiram juntas em uma sala e as treinadoras em um corredor. Como eu estava caracterizada como auxiliar técnica, tive o mesmo tratamento que as treinadoras.

No dia da competição, o treinamento em quadra estava marcado para as oito horas manhã. Nesse treino, prévio ao início da competição, cada equipe foi escalada em uma ordem e, ao ser anunciada, tinha poucos minutos para treinar na quadra oficial. Após as apresentações durante o campeonato, foi realizada a premiação. Os pais e treinadoras entregaram as medalhas. No total, a competição levou 12 horas e houve a participação de 163 ginastas.

Nas outras competições a equipe de Timbó foi acompanhada

³⁵ As meninas do Pré-Infantil e Infantil são chamadas, dentro do campo, de *pequenas*, *as menores* ou *as mais novas*, enquanto as meninas das categorias Juvenil e Adulto são comumente chamadas de *grandes*, *as maiores* ou *as mais velhas*.

apenas durante os eventos competitivos, pois, como as cidades sedes eram próximas, não foi necessário utilizar um alojamento.

Na segunda Etapa do Campeonato Estadual de GR competiram as categorias Infantil e Juvenil. Realizou-se no dia vinte e seis de junho de 2010 na cidade Indaial. A terceira Etapa aconteceu em Blumenau nos dias trinta e trinta e um de julho de 2010 e competiram as categorias Pré-Infantil, Infantil e Adulto. A última Etapa foi também em Blumenau nos dias vinte e nove e trinta de outubro para as finalistas de todas as categorias. As oito melhores colocadas nas etapas anteriores participaram desse evento e houve a presença de algumas atletas de Timbó.

Em todos esses eventos, as competições seguiram uma sequência específica: primeiramente era feita a abertura, com o desfile das autoridades, da arbitragem e, por fim, das equipes (Figura 03). Algumas vezes as árbitras já estavam dispostas na banca e apenas levantavam quando era anunciado, pelo microfone, o seu nome. As equipes participantes foram: ADEBLU (Blumenau); ADIEE (Florianópolis); AGIRC (Chapecó); AGIRDI (Indaial); AGRIBC (Balneário Camboriu); APAGRO (Criciúma); GUAIRACÁS (Timbó); NORSUL (Blumenau), SPAGAT (Itajaí) e JOINVILLE.



Figura 3. I Etapa Estadual de Ginástica Rítmica – Chapecó

As equipes entravam na quadra e se posicionavam em colunas, uma equipe ao lado da outra. Era cantado o hino nacional. Após a entrada de todos os participantes, as autoridades se expressavam. Alguns

relatos seguem:

No discurso do prefeito: “A ginástica é uma modalidade de arte, além de ser desportiva é arte”, “O seu corpo vai fazer o trabalho, mas a mente vai dirigi-lo”, “levem pra vida de vocês, os professores, o respeito dos pais”. As falas de Jucélia, presidente da Federação de GR de Santa Catarina, complementaram as do prefeito: “Prazer estar com essas belas meninas”, “Foram sábias as palavras do prefeito”, “A Ginástica é a melhor modalidade, maior de todas, mais difícil”. (Diário de campo - 26/06/2101)

As equipes responsáveis pela organização de cada evento competitivo realizaram apresentações com as alunas das Escolinhas e com as ginastas das categorias de rendimento, que, em sua maioria, não competiram naqueles dias. A apresentação que mais marcou pela representação de uma certa feminilidade vinculada ao universo infantil, foi a da terceira Etapa, na cidade de Blumenau. Nessa competição a decoração era de conto de fadas, com cartazes de Cinderela, Branca de Neve e Bela Adormecida. Nessa apresentação da abertura foi realizado um teatro em que as ginastas eram caracterizadas como essas personagens. Tudo era rosa e infantilizado. (Ver Figura 04).

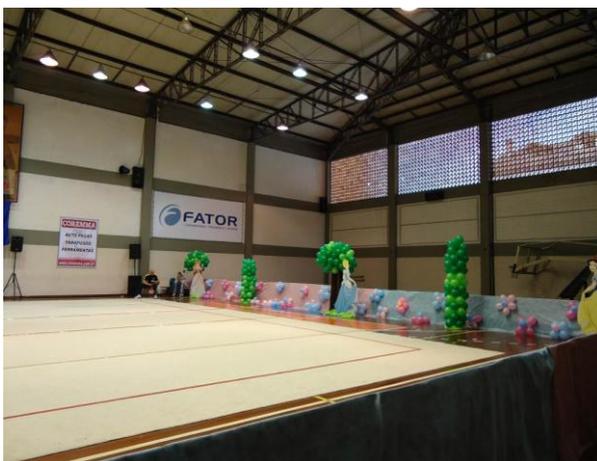


Figura 4. III Etapa Estadual de Ginástica Rítmica – Blumenau

A presença de homens foi constante em todos os campeonatos, mesmo que inferior a das mulheres. Na primeira e terceira Etapas Estaduais houve árbitros e bandeirinhas homens. O bandeirinha avisava quando a ginasta ou o aparelho sai da quadra de apresentação. Na última Etapa Estadual, o árbitro chefe da banca era homem. Tinha o papel de verificar todas as notas em todos os quesitos e, caso elas não estivessem equivalentes, as árbitras daquele quesito específico eram chamadas para revê-las.

Nas torcidas houve a participação de alguns homens que, muitas vezes, eram pais e familiares. Como se verificou no campo:

Havia muitas pessoas na arquibancada. Dentre elas, a maioria era composta por mulher. Não obstante, o quadro masculino era bastante grande, mas com pouca durabilidade. Em um momento, muitos homens apareceram na arquibancada, mas logo foram embora. Continuaram ali, torcendo, alguns pais. (Diário de campo - 22/05/2010).

Geralmente, as pessoas que frequentaram os ambientes de treinamentos e competições foram treinadoras, ginastas, árbitras e árbitros, pais e funcionários da Fundação Municipal de Esportes (FME) e outras instituições. Dentre esses personagens³⁶, os que fizeram parte da pesquisa foram:

- a. Luiza, treinadora e coordenadora da Equipe de GR de Timbó. Ela tem trinta e um anos, é formada em Educação Física pela FURB e tem pós-graduação em Educação Física Escolar. Possui formação em massoterapia e é árbitra nacional de Ginástica Rítmica. Iniciou sua carreira na modalidade bem cedo, em média com cinco anos de idade, permanecendo doze anos como ginasta e treze como treinadora. Foi uma das entrevistadas, participou das duas incursões ao campo.
- b. Carol, treinadora e fisioterapeuta, com vinte e sete anos de idade. É formada em fisioterapia pela FURB, árbitra estadual, estudante de Educação Física da FURB e, ingressou na GR como ginasta, com seis anos de idade. Atualmente ministra os treinamentos de GR, juntamente com Luiza. Também foi entrevistada e participou das

³⁶ As informações referentes aos personagens são de 2010.

duas etapas da pesquisa.

- c. Fabiane e Luciana, as auxiliares técnicas e também árbitras estaduais, fazem o curso de Graduação de Educação Física, são ex-atletas, porém, sem regularidade, voltam a treinar e eventualmente competir. Participaram da pesquisa em 2010.
- d. Eduarda tem dezoito anos e foi atleta durante dez anos. Em 2008 comentou que pretendia iniciar a Graduação em Educação Física dentro de dois anos. Hoje é estudante do curso e não treina mais. Esta menina é especial, pois não possui uma mão, porém participava das competições normalmente, conseguindo muitas vezes, classificação para torneios nacionais. Foi o último ano em que participou de uma competição dos “Joguinhos Abertos” por ter alcançado o limite de idade previsto para a competição. Obteve classificação para a final no aparelho arco. Como a mais experiente da equipe, também foi entrevistada após essa competição. Participou da pesquisa apenas em 2008 na categoria Adulto.
- e. Gabriela, atualmente, ginasta da seleção brasileira, mora em Aracaju, fez parte da pesquisa em 2008 como atleta da cidade de Timbó e agora, em 2010, como atleta nacional. Na primeira etapa da investigação, participou das observações e entrevista, porém, nesta última parte, foi apenas entrevistada. Ela tem dezesseis anos e está no segundo ano do Ensino Médio.
- f. Stefani, com quinze anos de idade, é ginasta há mais de dez anos e cursa o primeiro ano do Ensino Médio. É da categoria Juvenil, mas compete pelas categorias Juvenil e Adulto. Participou da pesquisa atual e em 2008.
- g. Manoela tem quinze anos, também estuda no Ensino Médio com Stefani e participa como atleta Juvenil e Adulto. Foi uma das personagens em 2008 e em 2010.
- h. Kauana, quatorze anos, foi ginasta desde os quatro anos de idade e pertencia à categoria Juvenil. Participou dos Jogos Abertos e da pesquisa apenas em 2008.
- i. Clara, ginasta da categoria Juvenil, tem doze anos e é natural de

Belém. Iniciou a prática tardiamente, com dez anos de idade. Faz parte da pesquisa apenas em 2010.

- j. As ginastas da categoria Infantil: Fernanda, Denise, Andressa, Monique e Thaís estão na 5ª série do Ensino Fundamental e têm onze anos. Todas foram observadas apenas em 2010.
- k. As atletas do Pré-Infantil que fizeram parte da pesquisa foram: Natalia, nove anos; Sabrina, nove anos; Cristina, nove anos; Maria, nove anos; Marcia nove anos; Geovana, oito anos; Fabricia, sete anos; Andreia sete anos. Essas duas últimas não participaram de nenhuma competição, pois não possuíam oito anos, idade mínima regulamentar. Todas participaram da pesquisa apenas em 2010.
- l. A equipe de Blumenau que viajou com a equipe de Timbó para a primeira Etapa Estadual de Ginástica de 2010 em Chapecó. Muitos foram os momentos que foram observados suas práticas e discursos.
- m. As equipes adversárias representam as outras cidades que participaram das competições: Balneário Camboriú, Blumenau (que tem duas equipes), Chapecó, Criciúma, Florianópolis, Indaial, Itajaí, Joinville, São Francisco do Sul.
- n. As árbitras também conformam uma categoria de análise. Durante a competição, participaram árbitras mulheres e homens, tanto na banca quanto bandeirinhas.
- o. A torcida compõe outro grupo de análise como, amigos, familiares, atletas de outras equipes, ginastas, enfim, uma união de pessoas que tinham objetivos em comum, torcer e visualizar um espetáculo.
- p. As autoridades da equipe de Timbó que frequentaram o campo foram: João, ex-presidente da FME de Timbó é formado em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), participou diretamente com as equipes de Timbó no treinamento controle, nos Joguinhos Abertos de 2008 e fez a entrega de medalhas para algumas equipes de GR durante a premiação desse campeonato. Léo, ex-diretor da FME também é formado em Educação Física e participou, juntamente com João,

do treinamento controle e da competição de 2008. Frederico é o atual presidente da equipe e contribuiu para que executássemos nossa pesquisa e inserção no campo.

Conhecer a cultura, a história de um determinado grupo, pode favorecer uma determinada interpretação de um trabalho que se inscreve na procura da imparcialidade. Tentou-se entender a realidade cotidiana e revelar como operam os mecanismos de *educação do corpo* na construção do gesto técnico e na composição coreográfica. Portanto, pretende-se analisar, nas próximas páginas, a educação do corpo e sua relação com a técnica corporal presente nos ritmos, nas manifestações da dor, na distribuição das funções e nas hierarquias.

3. FORMA ESPECIALIZADA DE EDUCAÇÃO DO CORPO

3.1. O CORPO ADESTRADO: AÇÕES E GESTOS PRECISOS

A Ginástica Rítmica é uma prática corporal que projeta posturas normativas inspiradas na geometrização dos gestos, nas explicações fisiológicas que permitem uma análise mais acurada acerca das funções orgânicas, da ordem dos movimentos e sua eficácia. É considerada um conjunto de técnicas capaz de educar o corpo, reformar, melhorar, aprimorá-lo, além de intervir no caráter do indivíduo, assim como faz a Ginástica, conforme ensina Soares (2009, p. 135). Ambas as práticas, com formas específicas de *pedagogia*, se utilizam dos corpos em uma relação de alinhamento e ensinamentos de distâncias necessárias à precisão do movimento, estabelecem ritmos comuns e ordens coletivas, adequam o corpo em relação aos objetos e seus usos (SORAES, 2009, p. 135: grifo da autora). Desta forma, ensina técnicas de autogerir-se, maneiras de servir-se do corpo, uma aprendizagem de ensinamentos técnicos.

Em seus conteúdos e modos de organização, a Ginástica Rítmica encontra-se enraizada na lógica do treinamento esportivo, na forma tradicional de seus gestos mecânicos, na inibição dos medos, na seleção de ritmos e movimentos, no controle do corpo e de recomposição de elementos clássicos: instrumentos, roupas e valores, inscrevendo características e carregando-as de novas significações. Eis, pois, uma técnica específica, uma expressão gímnica e artística, com características que lhe são próprias, portanto, “uma *técnica de educação do corpo*, ensinando o comedimento, a contenção, o rigor consigo e com o outro, a igualdade de ritmos e gestos”. (SOARES, 2009, p. 136: grifos da autora).

Como expressão da cultura e como forma específica de *educação do corpo*, a Ginástica – e aqui ressaltamos que se trata da Ginástica Rítmica – guardou, em seus conteúdos, relações próximas e mesmo de dependência entre o esporte e a arte (SOARES, 2009, p. 145). Do primeiro, reteve as ordens coletivas, os uniformes, a organização, as vozes de comando, as destrezas arrojadas como forma de espetáculo coletivo; apropriou-se do universo de conhecimentos, sobretudo, na anatomia, fisiologia, mecânica e higiene. Da segunda, guardou relações com o mundo das artes, como a música, a dança, o teatro e soube agrupar sequências de exercícios físicos com ou sem a utilização de

aparelhos manuais ou de demonstração performática (SOARES, 2009, p. 145).

Em sua estreita imbricação entre espetáculo e performance, em que um exercício físico apresenta-se como regrado e constituído de símbolos, é realizado um conjunto de procedimentos que visam contribuir para incorporar cuidados de si, construir normalidades, gestos precisos, cultuar hierarquias, maneiras de educar o corpo. Os esquemas musicais e técnicos, os aparelhos e materiais, conferem à GR um lugar importante na educação dos corpos, marcada por discursos especializados, de um modo dirigido, com expressiva participação em torno de um elemento comum, a técnica corporal.

A Ginástica Rítmica é personagem de um cenário educativo, na formação normativa e disciplinar em que o corpo é a superfície de inscrição mais imediata de novos códigos, comportamentos e valores. Conforme a história desse esporte, apresentada por Toledo (2010, p. 25), sua prática é composta por exercícios físicos sistemáticos, “visando não à comparação de performance, mas ao condicionamento, à disciplina e à estética do corpo, entre outros objetivos”.

Pode-se inferir que é indispensável um lento, intenso e obstinado trabalho de adestramento do corpo para que isso ocorra. “A educação do corpo, portanto, percorre caminhos múltiplos e elabora práticas contraditórias, ambíguas e tensas”. (SOARES, 2003, p. 02). Segundo a autora, essa educação estabelece, prescreve e aplica fórmulas e formas de contenção tanto de necessidades fisiológicas – contrariando, assim, a “natureza” –, quanto de velhos e mais diversos desejos. Esta educação duradoura e intermitente é onipresente e manifesta-se em tudo o que envolve os sujeitos, nos distintos atos e discursos que a constituem.

A GR traz fundamentos e desenhos precisos para definir intensidades, espaços e tempos para cada movimento. Na tentativa de tornar o gesto técnico “ideal” e passível de ser alcançado, é necessário *decompor o movimento*, calculá-lo e treiná-lo, como se observa nos trechos retirados do diário de campo.

Na aula de pivots ministrada por Luciana [...] Primeiro treinaram só a preparação do pivot. Depois a preparação com o equilíbrio passé³⁷. Ao estarem na preparação, Luciana explicava

³⁷ Equilíbrio passé é uma posição estática em que a ponta do pé da perna de trabalho toca o joelho da perna de apoio.

“Relevé³⁸, mostra a pontinha e fica.” [...] Após o trabalho de preparação inicial do movimento e a preparação do movimento juntamente com o equilíbrio, as ginastas realizaram o pivot (giro) completo. (Diário de Campo - 15/04/2010).

Carol contava para que Natalia fizesse os movimentos no ritmo dela, que era o mesmo ritmo da música. Fizeram um lançamento e Natalia comentou em fazê-lo com reversão. Carol pediu para mostrar o movimento sem a bola. A ginasta mostrou e Carol pediu novamente, mas na contagem dela 1, 2 e finaliza. Depois, Carol a mandou fazer a mesma coisa, mas agora com a bola lançando. Por fim, Natalia fez o lançamento completo com o rolamento. (Diário de Campo - 16/04/2010).

O elemento corporal pivot e o lançamento com a bola foram minuciosamente trabalhados em diversos movimentos para serem treinados. Dessa forma, a Ginástica Rítmica, como a Ginástica analisada por Soares (2009), utiliza-se de programas de treinamentos que assumem a ideia de decompor o movimento para, em seguida, realizar melhores e mais complexas combinações. Alimentam-se, ainda, da ideia de repetir para melhor afirmar e reforçar, como é possível visualizar em alguns trechos anotados.

No treino, Stefani fez o início da série e se enrolou com a fita [...] Carol a corrigiu e explicou o que estava fazendo errado. Quando terminou disse para as ginastas treinarem o manejo antes de treinarem a série completa: “Antes de treinar (a série), quero cinquenta bolinhas com cada mão e serpentina, em relevé”. (Diário de Campo - 12/04/2010).

Cristina fez um pivot (giro) com a perna a frente, 90° graus e desequilibrou. Carol mandou repetir. Ela desequilibrou de novo e não completou uma volta, descendo do relevé antes do tempo. Fez

³⁸ Elevação sobre a ponta do pé.

cinco vezes e quando acertou, trocou de exercício. (Diário de Campo - 20/05/2010).

Andressa terminou de alongar e pediu para as treinadoras o que ela precisava treinar. Carol disse “é fazer cinco vezes cada exercício de sua série e cinco mil vezes o exercício casinha”. (Diário de Campo – 24/03/2010).

Para além do treinamento minucioso dos movimentos ginásticos, há a necessidade de repeti-los demasiadamente, como se verifica nas anotações acima. Assim, a ginasta, guiada por sua treinadora, executa repetidamente os movimentos até acertá-los ou interminavelmente. Na medida em que há um exercício extremamente complexo as repetições são ainda mais exigidas, como é o caso da tarefa de Andressa, repetir cinco mil vezes um elemento corporal. Percebe-se que o domínio do exercício é adquirido por meio de sua repetição isoladamente e posteriormente com a junção dos movimentos mais complexos, como quando “a treinadora mandou dividir a série em três partes: treinar cinco vezes cada dificuldade, cinco vezes cada lançamento e cinco vezes cada parte da série. Após as repetições as atletas treinaram a série completa”. (Diário de Campo – 24/03/2010). Soares (2009, p. 147) explica que “distribuir com método os lugares e as orientações possíveis de deslocamentos, o lugar e o agenciamento das repetições parece mesmo ser o projeto da pedagogia encarnada pela Ginástica para educar os corpos”.

Os pontos importantes do desenvolvimento da técnica estão na decomposição do exercício e na sua repetição. Nessa dinâmica, se faz presente também a separação dos movimentos que utilizam os aparelhos da modalidade. Observa-se que no campo investigado a técnica de aprendizagem utilizada se caracteriza pela divisão do movimento e, ao se trabalhar com algum aparelho específico, a ginasta deve aprendê-lo, em um primeiro momento, a mãos livres³⁹.

Luiza explica para Stefani ao errar um movimento: “Faz sem as maçãs. Primeiro pensa”. Ela erra novamente. “De novo. Sem as maçãs.

³⁹ Na GR, a ginasta utiliza aparelhos específicos da modalidade, porém, também treina a mãos livres. Ou seja, ao executar os movimentos primeiramente os faz sem a utilização de aparelho.

Primeiro se orienta”. (Diário de Campo - 06/04/2010).

Repetindo inúmeras vezes o exercício sem o aparelho maçãs, a treinadora manteve o exercício no programa da ginasta e exigiu o gesto técnico correto sem e com o aparelho. A dinâmica dos corpos corresponde à necessidade de eficiência dos gestos e da precisão das ações demandadas pela configuração de uma educação racionalizada.

Por outro lado, há situações em que as prescrições seguem uma ordem dos movimentos da coreografia, isto é, a ginasta não pode começar um exercício sem terminar o outro corretamente: “Depois de Stefani apresentar a série de fita, a treinadora falou ‘A Stefani é agoniada, que nem [é também] na corda. Tu não podes começar um exercício sem terminar o outro direito’”. (Diário de Campo – 21/04/2010). A coreografia é composta por elementos colocados em uma determinada ordem que devem, obrigatoriamente, ser executados como previamente estabelecido, sem olvidar o acompanhamento musical. A ginasta precisa obrigatoriamente realizar um movimento correto em uma sequência contínua até o final da série, como relatado em seguida.

Natalia passou sua série com música [...] Luiza e Carol a corrigiram durante a passagem “Joelho, calma, isso, e saltou, e mesinha⁴⁰, e quicada, braço para frente, vai, cabeça, braço Natalia, calma, pés, panché⁴¹ e lançou, e 1 e 2, prepara pivot, e lança”. (Diário de Campo - 21/04/2010).

Acertar o lugar dos braços, das pernas, dos movimentos do corpo e do aparelho, como está descrito no trecho acima do diário de campo é preciso nesse ambiente. Os exercícios de cada série são treinados individualmente e quando passados com música, são minuciosamente executados. Sem a permissão de paradas, como descreve o Código de Pontuação, a ligação entre os movimentos é contínua, porém, deve ser regulada em momentos exatos.

Uma educação específica do corpo vai dar consistência ao treinamento repetitivo e exaustivo e ensinar a prestar atenção às

⁴⁰ Movimento em que o tronco se posiciona a 90° em relação ao corpo.

⁴¹ Movimento em que o tronco está em posição invertida e a perna que está se movimentando deve estar a 180° da perna de apoio.

posturas, à precisão das ações e, principalmente, à ordenação das partes corporais. Os joelhos, os pés e a cabeça passam a ter um lugar importante na aquisição técnica. Em outra descrição observa-se esses aspectos:

Fabiane olhava para todas as ginastas da quadra e corrigia os seus erros. Gritava “pés, joelhos, perna da frente, perna de trás, postura, finaliza, cabeça, mãos, cotovelo”. [...] Fabiane corrigiu tocando as meninas, principalmente, nos pés e joelhos ou gritava chamando a atenção para as partes do corpo que não estavam corretas. (Diário de Campo - 14/04/2010).

Uma pedagogia da postura passa a ocupar espaços específicos e amplos na GR e, como nos explica Soares (2009, p. 148), é uma educação específica do corpo que ensina a prestar atenção a elas, à precisão das ações individuais e coletivas, “pois já se tem consciência de que elas interferem naquelas mais complexas e difíceis”. (SOARES, 2009, p. 144). A estrutura do corpo passa a ser pensada em detalhes, e a combinação de seus diversos segmentos ganha importância a partir de um obstinado e meticuloso trabalho de fortalecimento muscular e articular que sustenta essa boa e adequada postura.

Um corpo sem conexão que deve ser trabalhado a partir de sua fragmentação constitui as formas de trabalho. Essa forma de propor os movimentos alimenta as “metáforas da decomposição” (SOARES, 2009, p. 147), formada por gestos específicos para braços, cabeça, tronco, pernas, quadril, buscando trabalhar, igualmente, cada lado do corpo em movimentos separados, decompostos e que se projetam para todos os planos do espaço. É a proposta de uma ordem, de uma sucessão e de sequências de repetições muito bem definidas, distribuídas no tempo preciso de um conjunto de sessões de treinamento, de aplicação exaustiva e desgastante de exercícios.

Os movimentos são divididos e compartimentados, buscando simetrias que possam reforçar e aprimorar os equilíbrios musculares, criando assim, sistemáticas que sejam capazes de prevenir as deformações, fortalecer os diversos segmentos corporais e, ao mesmo tempo, enquadrar o movimento na sua melhor performance. Assim, as formas didáticas relacionadas ao trabalho corporal na Ginástica Rítmica devem trabalhar todos os planos para que o corpo esteja em plena simetria bilateral e homogênea, como é possível observar em algumas

transcrições do diário de campo:

Em decúbito dorsal, puxaram uma perna estendida em abdução em oito segundos, sustentaram-na sem mãos oito segundos, chutaram-na deste ponto para baixo (soquinho) em oito segundos. Fizeram isto com a perna direita e esquerda. [...] Andreia fez igual com a perna direita e esquerda em todos os exercícios e a treinadora a elogiou. (Diário de Campo - 14/04/2010).

Após achar a música de Geovana, Carol chamou-a para montarem sua série. Primeiramente, para montar a pose inicial, Carol perguntou “Geovana, tu é boa de direita ou esquerda?” Como era boa de direita, Carol se posicionou no meio da quadra com o corpo virado para a porta. [...] Luiza perguntou para Cristina com que perna ela saltava. Ela apontou para a perna direita e Luiza disse “então vamos começar aqui”. (Diário de Campo - 08/04/2010).

É possível pensar esse trabalho corporal nos exemplos citados: movimentos de abdução, decúbito dorsal e os lados direito e esquerdo que se observa. O desenvolvimento das habilidades dos dois lados é extremamente ressaltado na hora de realizar um exercício, pois, dependendo do lugar em que a atleta se posiciona em quadra, o movimento pode ser apreciado e visualizado no seu melhor ângulo. É digno de nota quando se observa uma atleta com ambos lados do corpo igualmente desenvolvidos, como se vê na atleta Andreia, algo dificilmente encontrado nas demais, pois há geralmente uma predominância de um lado e uma limitação do outro. Preferencialmente, a atleta executa os exercícios em direção ao seu lado que apresenta melhor performance, entretanto, o treinamento sempre é exercido para ambas as direções.

Como forma didática, é interessante observar que o conhecimento dos corpos pela anatomia descritiva e a fisiologia, assentadas na mecânica corporal e na bioenergética, permitiram a descrição e a classificação dos órgãos por suas características morfológicas, explica Gleyse (2007). Desse modo, o saber anatômico, construído a partir do modelo do cadáver, transforma o corpo em objeto de conhecimento que se dispõe à ciência, como matéria a ser manipulada, inclusive em partes

isoladas, e explicada a partir da lógica mecanicista, segundo a qual o corpo se organiza em vários sistemas autônomos. Assim organizado, permite, por meio de sua objetividade, estabelecer parâmetros de normalidade, a partir dos quais se ditam modos de tratá-lo e educá-lo.

O detalhamento dos músculos e das suas respectivas articulações aprofundaria a mecanização dos movimentos e também possibilitaria um olhar milimétrico sobre o ato de mover o corpo e, algo mais pretensioso ainda, sobre aquilo que move o humano. Esboçava-se uma representação do trabalho corporal, ao qual se impõe um agenciamento de movimentos esquadrihados e uniformemente repetidos (VIGARELLO, 1978, apud SOARES, C.; FRAGA, A., 2003, p. 85).

O olho técnico é capaz de prescrever, perscrutar, nomear os volumes e intensidades, identifica os erros, encontra os acertos e soluciona as deformações. É a descrição rica em detalhes e a elaboração de correções que tornam a técnica do corpo eficaz. É possível, guiado pelas explicações precisas, decodificar, separar e fragmentar as partes, penetrando em todas as dimensões corpóreas. O caminho para a constituição da técnica corporal é obtido pela precisão dos gestos em formas específicas de coerção e disciplinamento. No campo investigado, a treinadora corrige as atletas tocando as partes corporais incorretas ou nomeia a ginasta e seu erro, como se vê exposto em um trecho do diário de campo:

Durante a execução dos movimentos, a treinadora contava até oito e corrigia com palavras ou tocava nas partes do corpo das ginastas que estavam erradas. Algumas vezes, chamava a atenção da ginasta pelo seu nome e erros específicos. (Diário de Campo – 07/04/2010).

Toda vez que a ginasta executa um movimento errado, é chamada a sua atenção. Ela deve, constantemente, obedecer às correções da treinadora e executar, de modo minucioso, o movimento que foi solicitado.

Na manutenção da técnica surgem explicações acerca da tensão entre as partes do corpo em movimento. É comum um exercício ser mais eficaz após as correções em um determinado tempo. Nessa análise das ações e reações corporais, na tentativa de medir o corpo em pleno deslocamento, combinam-se as formas específicas do corpo e suas distintas conduções.

Luiza comentou para a ginasta “Braço tem que ter muito em mãos livres, se não o valor artístico vai lá embaixo.” Em seguida “Agora, olha para mim, eu vou te imitar” e salienta “Tem que fazer assim, com mais vida.” Mostrou como era para fazer o exercício. Após Monique repetir o movimento, Luiza a acalmou “Tu acalma. Hoje está bem difícil para você, mas depois vai ficar fácil. Não te apavora”. (Diário de Campo - 24/03/2010).

Desse modo o corpo é alvo de prescrições detalhadas para suas partes diversas. A treinadora é enfática ao afirmar que dependendo da capacidade física da ginasta ela vai priorizar certas partes do corpo: “Se eu tiver uma ginasta super flexível, eu vou usar só coluna e virilha. Se eu tiver uma ginasta de muito manejo e pouca flex⁴², eu vou usar mais ondulante, eu vou usar mais braço, vou usar mais marcação”. (Luiza, depoimento, 23/05/2010). É corrente atentar para o que é adequado para cada ginasta. É preciso saber não somente os gestos técnicos, mas também a hora adequada para cada uma, de modo que cada parte do corpo deve ser valorizada como tal. Há uma maneira exata para a utilização do corpo priorizando as partes que devem estar mais à mostra.

O trabalho corporal também acentua as exigências de cuidados e “limpeza” dos movimentos. O que deve ser feito é suprimir os defeitos e os erros que a ginasta tem, como se observa:

Carol falou para Natalia “Vou te limpar hoje”. [...] Luciana sentou-se à mesa e observou as séries das meninas. Luiza pediu para ela limpar a série de Sabrina. (Diário de Campo – 21/05/2010).

Luiza disse que uma ginasta da equipe Apagro ganha na execução porque é muito limpa, mas Carol comentou que sua série é “ridícula”. (Diário de Campo – 23/05/2010).

As prescrições para manter-se limpa são baseadas principalmente na possibilidade de solucionar os defeitos nos movimentos, requisito para ter-se uma nota alta em execução. Assim, a exposição corporal prioriza os movimentos limpos, nos quais a finalização do movimento, sem quaisquer desequilíbrios, é essencial.

⁴² *Flex* significa flexibilidade.

Afirma-se uma ambição de revelar e repertoriar sucessões de movimentos em frações mínimas. Essa pedagogia ordena as técnicas de decomposição e apreensão de detalhes dos corpos a partir de um instrumental baseado em meticulosas planificações de trabalho, que desenhariam limites e dirigiriam as ações mais elementares. Percebe-se a instrumentalização e organização do treinamento quando a treinadora aumentou em trinta minutos uma sessão:

Em meia hora, dependendo do dia de treino, elas podem fazer repetições dos erros das séries durante a tarde toda. Elas podem fazer um banco. Elas podem fazer um trabalhinho de peso de tornozelo. Se elas treinaram muito mal os saltos, eu posso usar essa meia horinha pra treinar aquilo que elas erraram no salto. Dependendo do treinamento específico, a gente pode .. meia horinha trabalhar isso... todos os erros da tarde, usar essa meia hora... ou até mesmo passagem na música. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

As prescrições voltadas para uma técnica corporal correta se valem do argumento de que o vigor e o bom funcionamento do corpo são vetores fundamentais para o desenvolvimento das aptidões físicas necessárias à formação da ginasta. Essa educação para a retidão se viabiliza por meio de exercícios físicos rigorosamente organizados em prol da eficiência do trabalho corporal (SOARES, C.; FRAGA, A., 2003, p. 81).

Diferentes pedagogias são desenvolvidas para intervir e educar em nome da retidão das formas e dos costumes, com destaque para a sistematização e regulação dos movimentos. Essa organização sistemática é elaborada por um trabalho individual na correção das performances, em que a treinadora ou uma ginasta de categoria avançada examina os movimentos de outra ginasta. Abaixo, o trecho retirado do diário de campo mostra o envolvimento da atleta em relação a correção de outra.

Stefani olhou para Andressa e explicou o erro que estava cometendo em um exercício. Ela tentou realizá-lo novamente, mas insistiu no erro. Stefani corrigiu-a de novo e, Andressa melhorou um pouco. (Diário de Campo – 06/04/2010).

Observa-se, a partir dessa descrição, que cada ginasta treina seus exercícios individualmente e, ao ver uma ginasta de categoria menor, errando consecutivamente um movimento, uma atleta mais experiente a ajuda. Porém, as intervenções não se valem, apenas, de trabalhos individuais, mas, também, de movimentos coletivos que causam múltiplas transformações. À medida que mais pessoas sintonizam sua conduta com a de outras, a teia de ações teria que se organizar de forma sempre mais rigorosa e precisa, a fim de que cada ação individual desempenhasse uma função conjunta.

Todas estavam pulando corda [...] Fabiane mandou todas descansarem trinta segundos para repetirem e comentou “Se não fizer, vão repetir de novo, até ficar bonito”. Quando todas terminaram, as que não executaram corretamente precisaram continuar. Fabiane mandou Natalia, Marcia, Sabrina e Maria fazerem de novo. Fizeram mais 30 segundos que as outras. Estas ficaram olhando, mas estavam proibidas de sentar. (Diário de Campo 14/04/2010).

Aqui as meninas que executaram os movimentos errados continuaram o exercício e as outras que o realizaram corretamente não puderam sentar-se porque era preciso esperar as demais para que, então, o grupo progredisse na programação. Todo o mérito de uma conquista individual adquirida por meio de uma aprendizagem metódica e sancionada foi obtido por sacrifícios coletivos. Nesse sentido, as intervenções propostas valeram-se de trabalhos organizados a partir de movimentos individuais, mas que causaram efeitos coletivos. Desta forma, as ginastas precisaram executar as tarefas em decorrência do acerto ou erro do grupo. Observa-se esse aspecto também em outros momentos:

Stefani demorou pra fazer a abertura das pernas no banco e Carol falou “Stefani, tu foi a última a subir. Elas vão ficar vinte segundos a mais porque tu demorou para subir”. Logo em seguida, Carol comentou ironicamente “Vou dar um prêmio pra quem fez a careta mais feia no banco”. Ressaltou “Tá louco Stefani, táis quase morrendo. Deixa de ser molenga”. Stefani sussurrou “Deu”, “Ai, ai,

aiii”. Carol impôs “Para de falar ai, ai, ai. Silêncio”. (Diário de Campo – 08/04/2010).

Trocaram de perna e Carol chamou a atenção das três meninas do centro “Eu não acredito que vocês não subiram ainda”. “Vão todas ficar a mais porque vocês não subiram no tempo certo”. (Diário de Campo – 08/04/2010).

Para Soares (2009, p. 147-148), “os exercícios ritmados, executados em conjunto e atendendo a uma voz de comando, rompem definitivamente com práticas familiares, conhecidas, e são remetidos à razão mecânica, uma vez que necessitam explicar e justificar a estranheza que sua aplicação causa”. Parece que esse tipo de trabalho é mais intenso e decisivo no corpo que qualquer aplicação ou que o uso de algum aparelho poderia ter. Sem dúvida, remete às singularidades do corpo como algo a ser adestrado, com práticas executadas de modo particular e voltados a cada parte dele.

É importante o modo como a treinadora reforça ou pune as atletas de acordo com suas condutas frente à regra geral do grupo, sem qualquer exceção. Ela passa a ter influência direta na atuação das atletas e em seus resultados. Objetiva aperfeiçoar o rendimento, desenvolvendo suas habilidades físicas, técnicas e psicológicas. Esse modelo orientado pela treinadora preocupa-se com a eficácia do treinamento, do ensino e aprendizagem, visando o cumprimento da tarefa, como sugere Becker Jr (2000). Dessa perspectiva, as orientações técnicas estão aliadas ao cumprimento das tarefas e à eficácia do treinamento. O autor explica que a comunicação do técnico com o atleta pode trazer bons resultados, mas para isso ele deve especificar o que deseja de seus subordinados. Nesse caso, os atletas devem estar de acordo com as regras de cada esporte (BECKER JR, 2000). Dessa forma, como se vê na GR, o tratamento é regrado e explícito. As ginastas são, constantemente, obrigadas a seguir os regulamentos e normas às quais são submetidas, sob pena de, invariavelmente, sofrerem punições morais e corporais. Punir por meio de contenções e sacrifícios corporais faz parte do trabalho individual e coletivo, sendo este racionalizado nas exigências da aprendizagem da técnica.

Pelo fato de as ginastas submeterem o corpo ao treinamento físico e psicológico, tem-se um conjunto de atitudes permitidas ou não, às quais se atribui símbolos e valores, representados pela postura, fala, silêncio, decomposição do corpo e dos exercícios, castigos, todos

altamente disciplinadores. Essa metodologia é sustentada por conhecimentos e dispositivos que contêm elementos que buscam melhorar o desempenho esportivo, sendo que a exigência central é exatamente colocar o corpo sob aprimorado controle.

3.2. ALGUMAS FORMAS DE CONTROLE DO CORPO

Uma impetuosa busca pela eficácia do gesto técnico impõe-se em relação à educação do corpo. Essa educação é visível por meio de um cauteloso processo de adestramento do corpo. Porém, um dos efeitos mais sutis do processo de educação do corpo destinado ao endireitamento ortopédico exige também o desenvolvimento da retidão do caráter, portar-se adequadamente, andar na linha, manter a compostura (SOARES, C., FRAGA, A., 2003), um desenvolvimento moral. Dessa forma, geram-se prescrições e definições do corpo, impõe-se atitudes e comportamentos preponderados, como a organização e disciplina, a regulação de mecanismos temporais e atitudes íntimas.

É assim que, primeiramente, abordaremos a regulação de toda a vida no sentido de Norbert Elias, segundo o qual o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção específica. Este processo, resultante de muitos planos e ações isoladas, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência surge uma ordem irresistível que determina o curso da mudança histórica, e que inclui o processo de educação do corpo. Os mecanismos presentes constituem modos de vivência, nos quais a incorporação dessas adequações mostra as mudanças de comportamento, tanto no âmbito coletivo quanto individualmente. A educação intencional e inconsciente de pessoas isoladas ou de grupos é convertida em autocontrole.

O corpo passa a ocupar um lugar de visibilidade e inscreve-se em novos códigos de condutas. É posta em movimento a dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, as maneiras como as pessoas se localizam em um determinado campo e como se vêem obrigadas a conviver nessa ordem. Segundo Elias (1994, p. 194), planos e ações, impulsos emocionais e racionais, constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Isso pode dar origem a uma ordem mais forte e imponente do que a vontade e a razão das pessoas que a compõem.

Toda essa organização é desencadeada pelos relacionamentos humanos que se fazem acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras de viver, na estrutura da personalidade, cujo resultado

provisório é a forma de conduta e, como explica Norbert Elias (1994, p. 193), de sentimentos “civilizados”. É essa a ordem que justifica o processo civilizador: formar hábitos, regras e condutas para viver em sociedade.

O processo civilizador poderia ser caracterizado, então, entre outros elementos, pelo autocontrole corporal e por uma crescente interdependência entre os indivíduos, na qual haveria uma maior diferenciação social. Elias destaca que o processo civilizador ganhou espaço nas sociedades européias a partir do século XV, quando surgiram certas modificações sociais que forçaram “seus membros a uma lenta e crescente regularidade de conduta e de sensibilidade”. (ELIAS, 1992, p. 225). Exemplo desse movimento seria, mais especificamente na Inglaterra no século XVIII, o esporte contemporâneo. Segundo Elias, o esporte atinge um nível de ordem e de disciplina nunca alcançados até então e isso se dá porque “a progressiva limitação de controles reguladores sobre o comportamento das pessoas e a formação da correspondente consciência, a interiorização das regras que regulam de forma mais elaborada todas as esferas da vida, garantem às pessoas, nas suas relações entre si, maior segurança e estabilidade”. (ELIAS, 1992, p. 224).

Um elemento importante a ser levado em conta no quadro de uma educação do corpo é, sobretudo, os mecanismos de regulação do tempo. Um tempo regrado e disciplinado é condicionante das práticas internas dos treinamentos, na medida em que é realizado um lento processo de controle do corpo por meio dele. A articulação e relação de seus diferentes registros esclarecerem as significações e explicam a racionalidade das práticas. Segundo Brigatti (2003, p. 04), o tempo para o homem contemporâneo se realiza por meio de fatos e tarefas objetivas, o que vem realçar a ideia de racionalização e funcionalidade. Elias (1992, p. 67) reflete que “o tempo, ou, mais exatamente, sua determinação, aparece como um meio de orientação, elaborado pelos homens com vistas a realizar certas tarefas sociais muito precisas, dentre as quais figura também a determinação dos movimentos dos corpos”.

O relógio passa a ter não tão somente uma eficácia como marcador do tempo social, mas é eficaz, sobretudo, na esfera da vida produtiva e no processo de centralização e sincronização das atividades de distribuição do tempo, verificado por meio desse instrumento. É com a difusão de tecnologias ligadas à regulação do tempo, como o uso de pêndulos no século XVII e o de relógios portáteis no século XVIII, que se observa a Revolução Industrial demandada por uma “maior

sincronização do trabalho”. O relógio regulava os novos ritmos da vida industrial (THOMPSON, 2008 p. 279). Afinal, “o relógio teria sido o primeiro instrumento automático utilizado para finalidades práticas e, que toda a teoria sobre a produção de movimentos uniformes desenvolveu-se a partir dele”. (LORENZETTO, 2009, p. 13 - 14).

Nesse sentido, a atenção destinava-se a uma “administração eficiente” do tempo de trabalho, fator que oprimia a vida daqueles que possuíam um emprego regular. Se os trabalhadores aprenderam o significado da disciplina temporal para o trabalho, pois o controle das horas era uma atribuição exclusiva do empregador, formaram-se novos hábitos de trabalho e impunha-se uma nova disciplina de tempo. Assim, as mudanças que ocorreram nas relações de trabalho e na percepção/medição do tempo – em seu condicionamento tecnológico – acabaram por repercutir na cultura (LORENZETTO, 2009).

Essa repercussão passou a definir as práticas e seus modos de orientação. A administração eficiente entre as práticas sociais e o controle está também presente no esporte – e na Ginástica Rítmica. Como instrumento definidor dessas práticas, o relógio passou a ser primordial na utilização do tempo e seu controle, determinando as tarefas e os movimentos corporais. As tarefas são extremamente orientadas e distribuídas a partir do tempo controlado, como é possível ver nesse extrato retirado do diário de campo:

No banco, fizeram três rodadas com cada perna. Direita e esquerda, um minuto cada lado e quarenta segundos abertura de frente. [...] Dividiram-se em três filas e saltitaram com a corda, em cima dos colchonetes, durante um minuto cada exercício. (Diário de Campo 12/04/2010).

Isso nos permite entender as diferentes relações que se estabelecem entre o tempo destinado ao trabalho corporal e a distribuição das tarefas na GR. A precisão dos gestos e o seu tempo exato de duração condiciona a preparação da atleta, a qual visa, entre outros, a máxima rentabilidade no tempo regulamentar de um treinamento, e a máxima produção nesse mesmo tempo. Cada segundo passa a ser determinante para a aquisição técnica:

Se você for colocar no papel trinta minutos hoje, trinta minutos amanhã, trinta minutos depois de

amanhã, dá muito tempo. Muita gente pensa, “ahh, é tão pouco, só meia horinha”, mas pra elas trinta minutos são muita coisa porque os individuais delas são de um minuto e quinze a um minuto e trinta... Nesses trinta minutos quantas vezes elas podem passar na música? Quantas repetições elas podem fazer de cada exercício? Então por isso que é importante pra elas. Às vezes elas não sentem, mas o organismo delas fala um pouco mais alta. (Carol, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

Trinta minutos de treinamento regulamentados e controlados são de grande importância para o aperfeiçoamento da técnica e é esse tempo, na condução dos modernos métodos de treinamento, que é fundamental a obtenção de performances.

Müller (1996, p. 126) aponta que o esporte moderno está cada vez mais determinado pelas ações do tempo e do espaço. Para esse autor,

No passear, andar de bicicleta, jogar bola, etc., abre-se também para nós um mundo para o desempenho de diferentes capacidades a partir de um repertório significativo de movimentos. Porém, se essa capacidade se estabelecer no reduzido âmbito do esporte de rendimento, outros critérios tornam-se visíveis. Trata-se, então, de rendimentos máximos possíveis, para a eficiência máxima e as melhores possibilidades de sobrepular em competições. As condições para isso derivam das interpretações tecnológicas do movimento, onde os homens colocam o corpo em ação. Ações humanas concretas são assim hipostasiadas.

Enquanto espaços definidos e construídos com significados, ao tratar a quadra como espaço instrumental, os gestos são altamente delimitados e tornam-se alvo de aferição. Nessa direção, Bitencourt (2005) propõe que a tecnologia que desenvolve o atleta em milésimos de segundo e a distância de centímetros aperfeiçoa os aparelhos de medição, tornando o esporte cada vez mais dependente da máquina.

Essa necessidade e função do controle do tempo eliminam as possíveis irregularidades e provam a severidade das regras.

Desse modo, o tempo cronométrico é para o esporte fator fundamental no controle da performance e define a dinâmica do processo de aquisição técnica.

Fabiane alertava sobre o tempo “Quem matar vai ficar dois, três minutos a mais, até fazer”. [...] Fabiane avisou-as “Quem não fizer certo, vai ficar dois minutos”. (Diário de Campo 14/04/2010).

Na automatização de gestos, os exercícios são calculados e determinados pelas treinadoras, que controlam durante o treinamento todos os passos de suas alunas. Dessa forma, o tempo do banheiro, o tempo da água, o tempo do lanche, o tempo do sono são os tempos controlados e, na maioria deles, permitidos ou proibidos. Na regulamentação do tempo do banheiro e da água encontramos,

Enquanto eu estiver falando, ninguém me interrompe na explicação e quando quiser ir ao banheiro, tomar água, tem que vir falar comigo. Porque às vezes elas perdem alguma coisa muito importante nesse vai e vem do banheiro. Atrapalha, até as outras. Elas já estão habituadas, tu viste. Em aquecimento elas nem perguntam, só quando acaba “Posso agora?”, “Agora pode”. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

Stefani falou “ai, um gole de água”. Fabi disse “Não, ainda não terminou o aquecimento”. [...] Depois que terminou de saltar falou para sua amiga “Aii, estou cansada. Preciso beber água”. (Diário de Campo – 07/04/2010).

Ao executar um exercício, Manoela pediu se podia beber água. A treinadora a deixou. [...] No treino, Natalia fez mais de cinquenta lançamentos sem parar. Enquanto estava fazendo, chamaram-na para passar com música. Após terminá-la disse “ai, estou cansada” e pediu para mim se podia beber água. Eu a permiti. (Diário de Campo – 19/04/2010).

Há momentos permitidos para beber água e eles não podem prejudicar o andamento do treinamento, como explicou a treinadora. Além disso, na maioria das vezes as ginastas são autorizadas a beber água quando a treinadora faz uma pausa coletiva, mas, fora isso, a dinâmica é peculiar, pois durante o treinamento as meninas não podem ir juntas, ou seja, a ginasta só bebe água quando a outra volta: “Stefani saiu para beber água. Quando voltou, Manoela foi e, quando Manoela voltou, Clara foi”. (Diário de Campo – 12/04/2010).

Além do controle do tempo da água, há o de sua quantidade:

Assim, a treinadora diz que a gente não pode beber água direto do bebedouro, a gente tem que levar uma garrafinha pra ter o controle de quanto a gente bebeu num treino. “Ai tá, eu bebi duas garrafinhas de 500 ml”, ai ela diz que é muito no caso. Porque tem que beber uma garrafinha por treino só, mas como lá é muito quente, a gente sempre bebe mais. E a gente fala que se a gente está com sede tem que beber porque depois a gente fica desidratada. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Como se observa no depoimento acima, a atleta não pode beber água livremente e deve controlar a sua ingestão. Apesar disso, a realização de exercícios, principalmente os intensos ou os realizados em ambientes quentes, segundo Panza, et. al (2007), implica em maior liberação de calor corporal, pela produção de suor, um dos principais mecanismos fisiológicos da termorregulação, ou seja, o organismo utiliza mudanças fisiológicas para o controle da temperatura corpórea. Portanto, a atleta deve ingerir líquidos antes, durante e após o exercício, a fim de equilibrar as perdas hídricas decorrentes da sudorese excessiva. Segundo os autores, recomenda-se que durante o esforço, a ingestão de líquidos deve incluir 150-350 mL a cada 15-20 minutos. Para a reposição das perdas hídricas no período de recuperação, o atleta deve consumir, pelo menos, 450-675 mL de líquidos a cada 0,5kg de peso corporal perdido durante o exercício.

A recomendação de uma garrafa de água de 500 mL pela treinadora para o treinamento de seis horas-treino é abaixo da apresentada na recomendação da pesquisa, mas a hipótese é de que a quantidade excessiva de água pode interferir na aferição do peso

corporal. Sobre isso, nos diz uma informante:

Duas vezes por dia a gente pesa, no começo e no final do treino. Às vezes são até três vezes durante o treino (risos) porque ela quer ver quanto que a gente perde em cada treino. Se a gente realmente se gasta, mas isso não tem nada a ver porque às vezes, eu me gastei, mas eu bebi água e água pesa. Ela não deixa a gente beber muita água também. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Essa regulação é ocorrente mesmo quando a atleta está com muita sede. Ela precisa medir e controlar o quanto vai beber, para que, na hora de verificar o peso corporal, não haja diferença no valor da balança, como se deixa perceber quando a atleta Stefani implorou para tomar água devido ao esforço físico.

Para além do consumo, os usos da água também atestam outras transformações de costumes em relação à educação do corpo, como indicam estudos de Soares (2003). Seu emprego como elemento fundamental de higiene tem como finalidade revelar os usos dos corpos. As pretensões de limpeza e higiene, também aliadas à educação, operam lentamente uma disciplinarização mais abrangente do cotidiano e dos comportamentos, a partir de uma compulsão de controlar o corpo. Frequentemente, no campo investigado, as atletas mais velhas, antes de irem para o colégio após os treinos, tomavam banho no ginásio. Essa prática esteve presente nos alojamentos e competições, porém, sua falta caracterizava as ginastas como mal cheirosas, como detalhado em seguida.

As treinadoras entraram no ginásio de mãos dadas com as pequenas. Foram para o banheiro e todas se higienizaram, lavaram rostos e mãos. [...] Depois de comerem, as ginastas de Timbó foram lavar as mãos, escovar os dentes e molhar o cabelo para fazer o coque. [...] As ginastas não tomaram banho porque não havia chuveiros nos alojamentos. Só havia banheiros nos ginásios e reclamaram que não se aguentavam mais porque estavam fedidas. (Diário de Campo – 22/05/2010).

Simultânea ou sequencialmente a essa prática, pode-se fazer referência aos banhos e os usos do banheiro. Esse lugar passa a ser

privilegiado, momento íntimo de abençoados e higiênicos atos. A higienização corporal é corrente e parece ser um ritual essencial na limpeza do corpo. Aliada às preocupações higiênicas, os inúmeros cuidados com a limpeza do corpo também tendem a ser tratados sob um intuito de embelezamento presente em ocasião em que todas “foram ao banheiro várias vezes para se olharem e fazerem poses na frente do espelho”. (Diário de Campo – 14/09/2010).

O uso do banheiro também foi importante em outros momentos, como antes da alimentação, em que toda a ginasta se higienizava. Foi observado que na hora em que paravam o treinamento, pelo término das tarefas exigidas individual ou coletivamente, era permitido fazer um lanche. O lanche era controlado para que não houvesse desperdício de tempo para o treinamento.

As 15h40min foi a parada para o lanche e durou em média dez minutos. Antes de comer, todas lavaram as mãos e sentaram na beirada do tapete para lanchar. [...] Após 10 minutos, Raquel reclamou da demora do lanche e mandou todas comerem rápido para voltarem a treinar. (Diário de Campo – 14/04/2010).

Manoela pediu se podia lanchar e Luiza perguntou se tinha acabado a tarefinha. Manoela disse que sim, mas as outras ainda não tinham terminado. Manoela então, disse que ia esperar as duas para o lanche. (Diário de Campo – 12/04/2010).

Porém, a alimentação tem um papel importante na medida em que é preciso comer para obter um bom rendimento. Segundo Panza, et al. (2007), o consumo de dieta variada e balanceada parece atender o incremento das necessidades de micronutrientes gerado pelo treinamento. Na tentativa de suportar as demandas do esforço ali dispendido, a treinadora exige que a atleta se alimente mesmo sem fome. Observa-se no campo:

Luiza estava comendo uma barra de cereal e ofereceu para Clara. Clara não quis, mas Luiza insistiu “Não, vai dar uma mordida sim, não vai ficar sem lanche”. (Diário de Campo – 23/03/2010).

Luiza ofereceu bolacha e as meninas não quiseram. Luiza se impressionou e disse “Não querem? Não é sempre que tem”. Outra treinadora completou “E não é salgada ainda”. As meninas aceitaram. Carol comentou que era muito cedo e talvez elas não estivessem com fome ainda. Luiza disse que elas deveriam comer para não entrar com barriga vazia na quadra. (Diário de Campo – 22/05/2010).

Gabriela disse também que no café da manhã só tem uma fatia de pão, almoço normal e todas as noites só tem sopa. Luiza comentou que ela deve estar passando dificuldade, pois comia bastante e agora está sendo controlada. Disse também que ela deve comer para aguentar o ritmo de treinamento para continuar com a boa performance. (Diário de Campo – 16/04/2010).

A importância destinada às questões nutricionais no desempenho esportivo pode determinar o comportamento alimentar de grupos atléticos. O padrão nutricional próprio da Ginástica Rítmica apresenta uma ingestão de baixo índice calórico, o que deriva no alto consumo de frutas, iogurte, sucos e cereais. É uma forma de repor energia sem sobrecarregar o peso corporal.

Há certa exaltação dos alimentos de menor índice calórico e um elogio a manutenção de baixa ingestão calórica como relatado e apresentado em seguida.

De todas as ginastas, apenas uma trouxe bolacha, outra trouxe uma fruta (banana) e as outras todas, iogurte. Tati falou “Deixa eu ver quem tem o lanche mais gostoso hoje”. Olhou uma por uma e falou em voz alta o lanche que cada uma trouxe. A treinadora deu mais ênfase para a banana e elogiou a menina que a trouxe. (Diário de Campo – 15/04/2010).

Dessa forma, é o peso corporal, mantido pela ingestão de alimentos de baixas calorias, que formatam o corpo da ginasta. Essa formatação, determinada pelos esforços corporais e pelo controle alimentar, mostra uma face de culto ao corpo magro e que está em

constante controle. O cuidado com a alimentação também foi exercido nas competições e constantemente controlado pelas treinadoras, como seguem nos relatos.

No almoço, as meninas que já se apresentaram e que não competiriam novamente podiam comer mais, repetindo o prato. [...] As pequenas só puderam comer duas fatias e as grandes, três. Foram feitas filas para cada sabor de pizza. As treinadoras entregaram para as meninas. Na hora da comida, todas estavam comendo em silêncio. Comentaram que estavam com muita fome. (Diário de Campo – 21/05/2010).

O pessoal de Blumenau combinou que iriam comer fruta porque não havia necessidade de comer, já que o almoço estava programado para 12h30minhrs. Algumas treinadoras compraram sanduíches, refrigerantes, bolachas recheadas e, Fabi comentou “As técnicas (treinadoras) podem”. (Diário de Campo – 21/05/2010).

As demandas dos treinamentos e competições, junto a outras atividades de controle corporal, podem exercer grande influência nos hábitos alimentares. Nesse sentido, devem ser observados os aspectos inerentes à rotina alimentar, a alimentação durante os treinamentos e as competições, e a necessidade de controle de peso corporal. É possível, então, pelo conhecimento do estilo de vida (alimentar) de uma atleta, identificar os padrões corporais presentes na modalidade esportiva específica.

Na civilização ocidental, o conjunto de ações tornou-se tão complexo e extenso, o esforço necessário para comportar-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do controle consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido, explica Elias (1994). Assim, as atletas autocondicionam sua alimentação, mesmo que haja certa liberação da treinadora. Verificam-se esses aspectos nas anotações:

Uma ginasta juvenil de uma equipe de Blumenau, não pegou salada e sua treinadora chamou sua atenção. A atleta comentou que está gorda e que precisa perder peso. Luiza disse que ela já estava

magra o suficiente, mas a ginasta discordou. (Diário de Campo – 21/05/2010).

Após almoçarem, foram buscar a sobremesa. Luiza liberou e a treinadora de Blumenau deixou as meninas comerem apenas gelatina ou salada de frutas. Mesmo que Luiza liberou, algumas meninas não quiseram comer sobremesa. (Diário de Campo – 21/05/2010).

Um fato seguinte foi característico de mudanças psicológicas ocorridas no curso civilizador: o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no sujeito desde seus primeiros anos de ingresso, como uma autocompulsão, nos termos de Elias (1994, p.196), à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse. Os bons modos civilizados estão presentes nos sujeitos e apresentam-se regularmente no campo, como se ressalta abaixo:

Porque às vezes, se tu pedes pra ir ao banheiro ela diz que não precisa avisar que tu vais quando tu queres, mas eu nunca assim, eu nunca deixo de avisar. Porque vai que ela pergunta “Cadê a Gabriela? Cadê a Gabriela?”, aí fala que eu estou no banheiro, aí ela “Ai, ela não me avisou”. Então, depende. Eu procuro sempre avisar. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

A organização das atletas e dos seus pertences é exigida nos campeonatos e a fiscalização é presente: “Luiza pediu para Raquel olhar as bolsas das meninas. Ela disse que já olhou e que todas estão organizadas”. (Diário de Campo – 22/05/2010).

As alunas aprendem o controle do tempo e das atividades: o tempo das tarefas, da água, da alimentação e da organização, e incorporam essas práticas. Isso parece acontecer ainda quando questões como falta de rendimento e descanso surgem como justificativa para tal fato. Sendo assim, parece ser importante, na dinâmica da GR, passar muitas horas do dia e muitos dias da semana em quadra, treinando, numa dedicação quase integral ao esporte:

[...] tem que ter responsabilidade, saber “Não posso dormir tarde porque no outro dia eu tenho treino, eu tenho que estar bem para o treino e pensar nas outras meninas”. (Gabriel, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Carol viu uma ginasta e falou “Tu estavas dormindo de novo? Sua dorminhoca”. Olhou para mim e falou “Ela dorme depois do almoço”. Outra menina comentou “Eu também durmo depois do almoço, mas eu boto despertador, se não durmo até as 15h00min”. Carol respondeu “Aé? Sua dorminhoca. Hã, hã, hã”. (Diário de Campo – 24/03/2010).

O sono e a hora de dormir são determinados pela crença de que a eficiência é obtida quando o corpo está descansado. Segundo os estudos de Pinto; Infante; Oliveira (2005), o padrão de sono, o estilo de vida e as condições de vida do indivíduo, influenciam diretamente no desempenho físico. Assim, os sujeitos do campo necessitam destinar os seus tempos para a prática e o descanso em função ao rendimento. Entretanto, o descanso não deve ser excessivo porque o tempo inutilizado será fonte de condutas inapropriadas e não produtivas.

A rotina das meninas parece produzir uma variedade de práticas e condutas disciplinadas que buscam o rendimento: há por parte delas subserviência às regras e a vontade de estarem incluídas dentro da lógica produzida nos ambientes desse campo, e, dessa forma, renunciam a muitas atividades diárias. A partir dos discursos de uma ginasta, detalhados em seguida, observa-se que ela escolheu abdicar suas atividades que não condiziam ao treinamento e relatou que é imprescindível deixá-las.

As minhas amigas da escola, várias vezes, elas me chamavam pra sair e eu não podia porque tinha treino. Elas ficavam “Ai, mas tu também só treina”, mas era um compromisso que a gente tinha. Tem sempre aquela de, “Aii, só tem tempo pra Ginástica, não tens pros teus amigos”, mas é assim, foi o que a gente escolheu. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Tem muita coisa que a gente deixa de fazer. Mas depois a gente não se.... Eu não me arrependo de nada que eu deixei de fazer por vir treinar. Mesmo se depois eu parar... eu não vou me arrepender de ter treinado tanto tempo assim. E bem treinado. Vale a pena eu vir aqui treinar pra eu ter mais técnica pra fazer os exercícios. Pra melhorar, sabe? (Gabriela, ginasta, depoimento, 22/09/2008).

O fato de ausentar-se um dia no treino e deixar de fazer exercícios físicos “por preguiça” é inaceitável. Isso se vincula ao que Sabino (2000, p. 90) chama de uma “dedicação quase que monástica” que é exigida daqueles que desejam transformar seus corpos. Essa dedicação se aproxima ao que Hansen e Vaz (2004) destacam como uma espécie de vício, que parece acometer muitos frequentadores de academias de ginástica.

Esta submissão a privações e a uma árdua rotina de exercícios muitas vezes torna-se algo imprescindível, um “vício” [...] do qual não querem se livrar, a ponto de relatarem sentimentos de culpa e de frustração tanto pelas falhas relacionadas à regularidade de suas respectivas frequências na academia, quanto pela não obtenção dos resultados esperados. (HANSEN; VAZ, 2004, p. 143).

Podemos dizer que o treinamento é uma espécie de doença produzida, considerando que o corpo do atleta não pode descansar, pois para o seu progresso contínuo é necessário que receba doses de estresse sob a forma de cargas altas e regulares de treinamento. Desse modo, o corpo está sempre próximo de um “limite” anunciado por treinadores, e é mantido aí por meio de estresse (treinamento) contínuo (VAZ; GONÇALVES; TURELLI, 2006).

Esse controle como vimos no decorrer das últimas páginas, é transformado em aprendizagem de hábitos e costumes. Assim sendo, esse mecanismo de adequação das práticas visa prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos profundamente arraigados, mas, precisamente porque opera cegamente e pelo hábito. Isso constitui o processo civilizador, no sentido de Elias (1994), que se impõe no controle e regulação das necessidades

fisiológicas – hora de comer, hora de ir ao banheiro, hora de dormir –, além de hábitos de higiene e limpeza, entre outros.

Ao mesmo tempo, em que os sujeitos do campo incorporam esses hábitos, também aprendem suas respectivas posições dentro do campo. Colocam-se em determinados lugares seguindo uma ordem hierárquica durante os treinamentos, aprendem a respeitar e rezear as treinadoras, preenchendo as representações e ações que marcam a atleta e sua categoria. Para Elias (1994, p. 196), se fosse consciente ou inconsciente, sob a regulação crescente diversa de impulsos, o processo de diferenciação social – entre as atletas e treinadoras, por exemplo, em nosso caso – é determinado pela progressiva divisão de funções e pelo crescimento de cadeias de interdependência, direta ou indiretamente, por meio de cada impulso, de cada ação, o indivíduo torna-se integrado.

Como exigência de um longo processo de organização das condutas destinadas ao endireitamento do corpo, as ginastas submetem-se a treinamentos em que a hierarquia entre elas está bastante explícita. Isso se dá ao fato de que as atletas mais experientes ocupam uma posição mais destacada no interior do campo, como o escrito em seguida.

Fabi iniciou o treinamento de chão e pediu para que as maiores (de categoria) ficassem na frente e as menores atrás. Todas se espalharam pelos tapetes, as maiores de categoria (as do adulto e juvenil) sentaram-se na frente, logo atrás as do Infantil e no final, as ginastas do Pré-Infantil. (Diário de Campo – 07/04/2010).

A superioridade é suposta entre aquelas que detêm uma técnica mais refinada, quando a hierarquização dos corpos experientes ocupa o lugar de excelência. Assim, dentro do campo, há certo respeito pelas pessoas mais velhas e que possuem maior autoridade devido a isso. Perante a legitimação do comando, as treinadoras, como as mais velhas e experientes do campo, ditam as normas e controlam as ginastas. Exercer o controle sobre as atletas é função das treinadoras, porém, em poucos momentos, as atletas possuem certa autonomia, como explica Gabriela:

A gente não pode opinar porque ela acha que tem que ser daquele jeito, mas tem dias que a gente tem assim autonomia pra ajudar. Assim, quando

ela diz que a gente tem que fazer aquilo e a gente tenta mudar, às vezes ela não gosta então ela não deixa. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Essa hierarquia das práticas mostra que as treinadoras possuem o direito de falar durante os treinamentos, enquanto isso, as atletas devem manter-se em silêncio. A linguagem oral, então, é específica, com alternância de voz, e utilizada apenas pelas treinadoras quando é praticamente inexistente entre as atletas. Observa-se esse aspecto na anotação:

Para subirem no banco novamente, Fabi disse “Vou contar até cinco, se não tiverem em cima do banco vão fazer dois minutos”. Todas se arrumaram rápido e Fabi pediu silêncio, “Sem conversa, xxxxx” [...] As pequenas pegaram seus aparelhos e ficaram conversando. Carol gritou “chega de conversinha agora” e mandou todas treinarem em silêncio. (Diário de Campo – 19/04/2010).

A transmissão dos hábitos ensina, de maneira simbólica, o lugar que cada sujeito deve permanecer nesse espaço social. Esse poder simbólico, “poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1998, p. 7-8), ganha espaço na Ginástica Rítmica. Por meio da GR, a violência arbitrária do tempo e do espaço é reforçada e lembrada aos membros mais novos do grupo como um valor inquestionável, como se fosse parte da natureza das coisas.

O tempo e o espaço estão dados. Cada aluna recebe orientações da treinadora que carrega o poder maior dentro do campo. A hora de ouvir e de falar, de exercitar e prestar atenção, até o tempo de brincar, são designados pela posição inquestionável da treinadora frente às atletas. O modelo de autocontrole, o gabarito pelo qual são moldadas as paixões, certamente varia muito de acordo com a função e a posição do indivíduo, segundo Elias (1994, 197). Há, em diferentes setores desses espaços, variações de intensidade e estabilidade no aparelho de autocontrole que parecem, à primeira vista, muito grandes. Esse molde encontra-se presente nas ordens destinadas; porém, às treinadoras tudo é

possível, pois, como elas afirmam “as técnicas (treinadoras) podem tudo”. (Diário de Campo – 21/05/2010).

Uma regulação constante e altamente diferenciada do próprio comportamento é necessária para cada indivíduo seguir seu caminho. Seja como for, esses espaços agregam valores de ordem e de controle, separam contextos e configuram atitudes. Mais do que nunca as relações pessoais estão bem demarcadas e os papéis sociais definidos. Mesmo que a tensão desse controle torna-se difícil, não há espaços para falta de compromisso e dedicação, “malandragem”, desordens e rebeldias. O reconhecimento das condutas desejáveis é continuamente reconhecido. Isso dá uma ideia de como a grande pressão formativa sobre a constituição do corpo educado, seu autocontrole constante e diferenciado, vincula-se à crescente caracterização e estabilização das funções sociais.

No desenvolvimento da técnica corporal o controle do corpo passa a ser essencial. Os exercícios ginásticos auxiliam o sujeito a compreender e dominar suas próprias forças, buscando seu equilíbrio, moldando o corpo com o próprio corpo, superando os limites, na tentativa de obter a melhor performance. É aqui que se instauram mecanismos de controle das emoções na esfera do coletivo e de autocontrole na esfera individual. Fatores importantes nesse processo de destreza são, sem dúvida, as mudanças de comportamento, promovendo com isso autocontrole, desenvolvimento de hábitos e padrões sociais, proporcionados, sobretudo com o processo de *educação do corpo*.

3.3. DOMÍNIO DE SI E SACRIFÍCIO CORPORAL: DOR E TÉCNICA

Presente de forma irrenunciável na dinâmica do esporte, a noção de tempo, bem como o modelo correspondente de autodisciplina, atuam sobre os costumes e hábitos do grupo. O investimento corporal das atletas coloca o corpo em funcionamento e, no treinamento esportivo, este aparece como um objeto passível de manipulação, adestramento e operacionalização.

Ao analisar o esporte como fenômeno moderno e contemporâneo, potencializador do domínio do corpo, Vaz (1999) afirma que o treinamento esportivo só é possível por meio da reificação corporal, pois é preciso (re)conhecer o corpo como objeto, ou não se pode treiná-lo, ou, como explica Gonçalves (2007, p. 27), o corpo “deve ser transformado em objeto para poder ser manipulado, operacionalizado

pela lógica do treinamento esportivo para se chegar ao rendimento”. É preciso, de certa forma, reificá-lo para alcançar as exigências da modalidade esportiva. Esta separação radical entre sujeito e objeto é o que autoriza a comparação com a máquina, cara às relações de treinamento:

O corpo como máquina, manipulável como se fora um cadáver, matéria quantificável que perde sua qualidade, aparece ser ainda a imagem necessária que impera no esporte de alto rendimento, modelar para a educação do corpo em geral. É preciso conhecer o corpo como coisa, para que se possa dominá-lo. (VAZ, 2000, p. 03).

Ao ser reificado – também pela ciência e várias de suas disciplinas como anatomia e fisiologia, além de diversas formas, como a decomposição –, “o corpo aproxima-se da morte, atingindo o mesmo estatuto do cadáver, ainda que se mantenha exercitado”. [...] “A medicina oficia a reificação, imputando ao ser humano uma passividade que o reduz à ser apenas *corpo*”. (VAZ, 2000, p. 01).

A expressão desse artifício é a dominação do desconhecido no trânsito do mundo mitológico em direção à racionalidade, ou, dito de outra forma, ao que Horkheimer e Adorno (1985, p. 17) chamam, repetindo Max Weber, de “desencantamento do mundo”, a oposição formal a qualquer tipo de magia. Essa dominação é revelada pelo processo de esclarecimento, no qual, o ser humano – esclarecido – deve, por meio da razão, desvendar tudo o que lhe é desconhecido e que, por isso, provoca medo. Essa ideia é existente porque, segundo Vaz (1999, p. 90), “a força que nos leva a tentar ser esclarecidos é o medo do desconhecido, da natureza que nos parece perigosa, ameaçadora, mitológica”.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, “o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 17). O homem passaria a ser o “senhor” e, de forma paradoxal, o escravo de uma chamada *razão instrumental*, na qual o indivíduo acabaria por perder o discernimento crítico.

A relação com o corpo representa um momento fundamental da separação entre sujeito e objeto. Ela aqui se afigura como cisão entre uma dimensão não corporal (espírito) que exerce seu senhorio, e o corpo, próprio e o de outros, visto como objeto a ser conhecido e

dominado (VAZ, 2000, p. 01). Podemos encontrar claras referências à concepção de uma *dialética do esclarecimento* nesse processo, segundo o qual, o controle e a manipulação da natureza, condições necessárias para a civilização, se prolongam na dominação do homem pelo homem, e de cada indivíduo sobre si mesmo. A tese central defendida por Horkheimer e Adorno é a de que a repressão à natureza e a produção da subjetividade são constituintes e decorrentes do percurso da cultura e da civilização, no interior do qual a passagem do estágio do mito para o do esclarecimento é produtora da regressão a um novo estágio mitológico.

O mito, como tentativa de explicar a realidade e de alguma forma nela interferir, é esclarecimento, uma vez que o simples fato de combatê-lo já o torna produto do próprio esclarecimento, pois o mito “(...) queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, explicar”, tendo os mesmos objetivos que o esclarecimento argumentaria séculos depois (HORKEIMER; ADORNO, 1985, p. 23). Da mesma forma, ao desencantar o mundo, o esclarecimento cai novamente no estágio mitológico. Mas, o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento: “aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão”. (HORKEIMER; ADORNO, 1985, p. 23).

O entendimento que vence a superstição impera sobre a natureza desencantada. A técnica passa a ser a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros. O homem busca dominar o mundo à sua volta, conseqüentemente, dominando a si mesmo, submetendo assim, suas conclusões e sua subjetividade a ciência.

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. (HORKEIMER; ADORNO, 1985, p. 20).

O que importa não é a satisfação que, para os homens se chama “verdade”, mas o procedimento eficaz, a “operation” (HORKEIMER; ADORNO, 1985, p.18). A razão e a ciência substituem o mito, mas reafirmam seu procedimento sacrificial em favor da autoconservação do sujeito, que introverte o sacrifício originalmente presente em todo ato mágico (VAZ, 2000, p. 1). Desta maneira, “toda tentativa de romper as

imposições da natureza rompendo a natureza, resulta numa submissão ainda mais profunda às imposições da natureza”. (HORKEIMER; ADORNO, 1985, p.13).

A razão – e a ciência e a técnica por meio dela – pretende ser a forma privilegiada pela qual os seres humanos devem relacionar-se com a natureza. Como tal, ela exige como premissa que se encare a natureza como outro, objeto a ser conhecido e dominado. (VAZ, 2000, p. 02).

“O que temos de natureza em nós, nosso corpo, também é visto como algo perigoso e ofensivo, devendo por isso mesmo ser dominado, domesticado, apaziguado. [...] Ao tornar sua própria natureza, seu corpo em objeto de domínio, o ser humano torna-se sujeito, inaugurando uma relação que lhe será própria e determinante, de domínio do segundo em relação ao primeiro”. (VAZ, 2000, p. 03). Com isso, o corpo torna-se objeto e vítima preferencial de controle, pois é por meio de seu sacrifício que é possível dominar a natureza. O homem, sacrificando o próprio corpo, o faz também com sua subjetividade, reificando-se. Ao encarar o percurso em busca do esclarecimento, Horkheimer e Adorno (1985, p. 54) mostram que a transformação do sacrifício em subjetividade passa a ter lugar sob o signo da astúcia que sempre teve uma parte no sacrifício.

Essa história oculta realiza-se no corpo, vítima de uma civilização que o dilacera, desfigura e recalca seus instintos e paixões, tomando-o como objeto de controle e manipulação. Foi esse processo de repressão dos desejos, sentimentos e sensações contidos no corpo, que possibilitou a construção do indivíduo esclarecido, pois “ao mesmo tempo em que contribuía para a formação da cultura, cada um pôde, nesse processo de domínio de sua corporeidade, de seus sentimentos, de seus desejos, formar um ego enrijecido, que transformou cada um em indivíduo, consciente de sua própria pessoa”. (FREITAS, 2003, p. 14). Assim, em nome da razão e do esclarecimento, as pulsões devem ser esquecidas e dominadas.

Nessa metamorfose, a dominação se instaura como necessária e objetiva, tornando o corpo, coisificado, em instrumento de aquisição dos gestos técnicos. É nessa lógica que o esporte impera, mantendo relações com o processo de reificação, bem como com a técnica, sendo esta, uma forma elaborada de controle e domínio corporal no treinamento esportivo, gerando uma educação do corpo específica: “uma certa

educação dos gestos humanos engendrada pela crescente tecnificação, [...] uma (des)subjetivação ancorada no corpo. Tal processo conduziria, segundo Adorno, à perda da delicadeza e da civilidade, a um embrutecimento dos gestos”. (BASSANI; VAZ, 2008, p. 106). Por meio da tecnificação, os indivíduos assemelham-se progressivamente a um instrumento, tornando-se cada vez menos sujeitos, por meio de um processo contínuo de violência contra o corpo.

“É preciso que o corpo seja operacionalizado, já que de outra forma, como se pode abstrair da teoria do treinamento, não há resultado, não há melhoria na performance desportiva”. (VAZ, 1999, p. 92). Assim sendo, os princípios básicos do treinamento e todo seu arcabouço metodológico formam um complexo teórico e prático que tem como objetivo a melhoria do desempenho esportivo e, como exigência fundamental, colocar o corpo sob o máximo controle.

Os processos mais refinados de domínio e controle, que expressam a fé no progresso infinito e sem limites do corpo e dos resultados, são estabelecidos por meio da técnica (VAZ, 2001, p. 95). Entretanto, assinala Adorno que, atualmente a relação mantida com a técnica é irracional e exagerada, na medida em que ela é considerada como algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, e não um meio para se alcançar um fim. Para o autor (1995, p. 07), esquece-se que ela (a técnica) é a extensão dos braços dos próprios homens. Assim, os meios (e a técnica) são fetichizados porque os fins encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. Esse movimento de fetichização da técnica seria característico de um tipo de subjetividade que o filósofo denominou de consciência coisificada, em que as pessoas reificam-se (tornam-se iguais a coisas) e reificam os outros, gerando uma espécie de insensibilidade generalizada.

No campo investigado, está em jogo uma educação em que o trabalho pedagógico que ali acontece tem por função controlar o corpo conforme as exigências da prática em questão. Sendo assim, na GR, o corpo deve ser dominado e coisificado para que as ginastas, por meio do treinamento, consigam chegar à qualidade do gesto técnico.

As treinadoras disseram para Manoela ao passar com música: “Vai, arruma o arco e faz”, “Faz a flex, vale 0,40”, “Vai, lança”, “Linda”, “Isso, faz”, “uhulllll”. Carol bateu palma em alguns momentos. Ao terminar a série “O que foi isso (no final)?”, “Vamos. Tu estás tão bem”, “Vamos lá, força”. Carol perguntou o que ela estava fazendo

com sua barriga que estava com três grandes marcas. Ela explicou que tem um exercício que o arco sempre bate forte na sua barriga, por isso ficaram as marcas. (Diário de Campo – 12/04/2010).

[...] Clara fez um salto e bateu os pés com força no chão e a treinadora gritou para a atleta “Ai, o calcanhar. Vais ter esporão que nem a Manoela, de tanto bater”. (Diário de Campo – 23/03/2010).

A dominação é exercida quando o corpo é submetido a um treinamento em que para se chegar ao melhor gesto técnico é preciso suportar as exigências da execução e a própria violência consequente dele. A violência e os impulsos destrutivos nos seres humanos são, nos dizeres de Peter Gay (1995, p. 126), ilimitados. A agressão transforma-se em agressão disciplinada e uma alternativa de canalização da violência passa a servir como um catalisador, “um apaziguador de pulsões primitivas” (GONÇALVES, 2007, p. 29), manifestadas nessas atividades.

Para tanto, potencializar o corpo só é possível quando ele é objetivado, para então fazê-lo suportar as marcas da dominação, como se observa nas anotações detalhadas em seguida.

Natalia estava executando um exercício mata-borrão⁴³ e disse “coitados dos meus braços”. Ela estava com os ombros e o queixo marcados e avermelhados porque raspavam no chão quando executava esse movimento. (Diário de Campo – 14/04/2010).

Stefani saiu da quadra e veio me mostrar o seu pé machucado. Estava com vários machucados e reclamava de muita dor, mas não parava de treinar. Comentou “Ai, eu não sinto os meus pés”. (Diário de Campo – 14/04/2010).

[...] Carol falou para Fernanda “Vamos Fernanda. Eu sei que dói, mas vocês tem que se acostumar,

⁴³ Esse movimento significa uma *parada de peito* ou, ainda, queda de peito, pelo fato de realizar o exercício com o apoio do peitoral no solo.

senão o pezinho vai quebrar”. Fez a contagem e gritou “Força!”. (Diário de Campo – 08/04/2010).

Fabi corrigiu as meninas: “Força. Puxa mais. Joelho. Rasga. Encaixa. Vamos”. Em alguns momentos encostou no joelho e nos pés de algumas meninas. Comentou alto “Se vocês fizerem errado, vão repetir”. [...] Uma ginasta sussurrou “ai” e Luiza falou alto “Deixa rasgar!”. (Diário de Campo – 19/04/2010).

A vigilância e a disciplina classificam a atleta, seu ritmo de desempenho, rendimento e sua capacidade de suportar os esforços nos treinamentos. A educação dos corpos é demarcada pelas formas idealizadas e as experiências existenciais das transformações corporais. A procura por um corpo produzido por um investimento pessoal e coletivo desencadeia verdadeiras cruzadas pela busca de uma natureza dominada, e pela manutenção, a qualquer preço, de um corpo “forte” e “rasgado”. Há um elogio a esse tipo de corpo – forte e rasgado –, em que, para atingi-lo, é necessário suportar os esforços para alcançar uma boa técnica de movimentos, como se verifica:

Carol ficou mais de dez minutos montando a pose de Natalia e mexendo em sua perna até um ponto que gostasse. Ao achar uma posição boa, no exercício panché, chamou Luiza para olhar e comentou “Queria mostrar a perna dela”. Luiza disse “Mas está bom. Ela está bem rasgada”. Carol manteve a posição. (Diário de Campo – 12/04/2010).

No banco, as meninas fizeram espacate de direita, esquerda, abertura de frente, e forçaram ponta do pé e relevé. Ficaram um minuto a quarenta segundos em cada exercício. Luiza olhou Andressa e elogiou-a. Disse que melhorou muito porque não conseguia fazer fora do banco e que agora está rasgada. [...] Em outro exercício, Stefani saltou e Carol gritou “Vem com toda força que tu tiveres e rasga”. Comentou que elas fazem o banco tão bonito e não conseguem executar bem o salto dentro da quadra. (Diário de Campo – 13/04/2010).

Como relatado, o corpo rasgado e forte é obtido à base de tempos controlados – a hora do banco⁴⁴ - e posições determinadas em que a ginasta assim pode ser elogiada.

A teoria do treinamento desportivo partilha uma estrutura mais ou menos comum a outras técnicas e discursos de controle do corpo, na dor e na renúncia do prazer imediato em benefício de se construir um corpo atlético: sentir voluntariamente fome; levar o corpo até a exaustão por meio do exercício físico; comer a partir do cálculo sobre o número de calorias e nutrientes dos alimentos (VAZ; ALBINO, 2008).

Na Ginástica Rítmica esse corpo deve ser modelado e manipulado para que as ginastas, por meio do treinamento, consigam chegar a perfeição técnica e artística. Para isso, é necessário suportar as barreiras, neste caso, a dor e o sofrimento. Observa-se esses aspectos a partir das observações do campo.

Luiza gritou, ao ver uma ginasta na atividade, “Rasga, não é para aguentar”. (Aguentar, no sentido de segurar e não deixar forçar). Para outra “Rasga Joana. Rasga Sabrina”. Quando Sabrina foi puxada/forçada, gritou “Deu!” e começou a chorar. (Diário de Campo – 15/04/2010). [...] Sabrina chorou e Luiza mandou continuar o que já estava acabando. No final. Luiza disse “Que foi Sabrina? Está com dor? Está todo mundo com dor”. Continuaram a atividade. (Diário de Campo – 16/04/2010).

Clara mostra o mata-borrão, com braços a frente, toca os pés na frente da cabeça três vezes, junta as pernas estendidas e volta pra trás. Luiza disse “É para rasgar o braço, rasgar tudo, principalmente o braço”. (Diário de Campo – 16/04/2010).

Uma ginasta disse “Ai, eu sinto rasgar aqui”. Carol comentou que é normal doer bastante porque todas ficaram muito tempo sem treinar. [...] Após fazerem *espacate* com as pernas direita, esquerda e frente, trocaram de posição. Carol

⁴⁴ Em um ou dois bancos, as ginastas realizam *espacate* “rasgando” as pernas em máxima amplitude.

gritou “Joelhos, pés. É para ficar bom no salto”, “Dói um pouco, mas tem que ser”, “Vai Fernanda, você consegue”. (Diário de Campo – 08/04/2010).

A dor utilizada como método é, então, compreendida como o resultado de um investimento pessoal e é buscada em formas homogeneizadas, não importando as consequências nem os riscos decorrentes dela. Há um desejo desesperado por um corpo útil, firme e forte e, sobretudo, rasgado.

Para Vaz (2000, p. 02), “no esporte exige-se o aprendizado da superação da dor, que não deve mais ser considerada como expressão irrenunciável da corporalidade, sem a qual esta não pode ser pensada”. Assim sendo, não há espaço para dor, já que no treinamento esportivo, ela “passa a ser vista não mais como uma aliada da vida, uma expressão viva da corporeidade, mas como um obstáculo a ser superado, dominado, ignorado, tornando-se, talvez, até mesmo fonte de prazer”. (VAZ, 1999, p.104). Por outro lado observa-se, no depoimento da treinadora, a dor como aliada da técnica corporal: “[...] Se está doendo, não sente agora. Depois. Depois a gente vê o que a gente faz, mas agora não a deixa (a dor) atrapalhar”. (Carol, treinadora, depoimento, 22/09/2008).

Esse modo particular de lidar com o corpo traduz os resultados de um lento processo de educação que acontece por meio de um conjunto articulado de prescrições de exercícios que revela o investimento pessoal na especialização. O processo do treinamento deve ser detalhadamente controlado em seus efeitos, permanecendo como orientação os objetivos e metas previamente estabelecidos. A aplicação da carga é elemento decisivo a ser controlado no processo. A peculiaridade de aplicar com sucesso cargas apropriadas de treinamento é perceber antecipadamente quando será excessivo o trabalho muscular. Essa dinâmica revela que o corpo é suscetível de portar aparelhos, pesos, cargas e mostra que quanto mais intenso e pesado o treinamento, mais resultados serão alcançados:

O que elas menos gostam? Abdominal. Preparação física. Porque a gente geralmente faz no final do treino e elas já estão exaustas, mortas final do treino. E é bem puxado pra elas, eu vejo que é, mas tem que ser. Preparação física, eu vejo assim que elas têm um pouco de rejeição assim. Elas fazem, só que elas... Por elas não fariam.

(Luiza, treinadora, depoimento, 22/09/2008).

Clara estava fazendo os saltos e Carol gritou “Quanto mais firme ficar com peso, mais firme vai ficar sem”. Ela saltou novamente e Carol complementou brincando “Clara, tu parece uma gelatina. Vem aqui gelatina de morango para eu te lamber”. A ginasta não acertou e Carol foi até ela. Explicou que os membros superiores devem ficar fortes para fortalecer as pernas para o salto. (Diário de Campo -24/03/2010).

A fixação no corpo e pelo corpo apresenta-se como ato quase desesperado de posse de algo em que é possível transformar, não importando as condições e limites para tal processo. Para Gonçalves (2007), no treinamento esportivo a dor é tomada como objeto de controle e manipulação. Assim, mesmo com a necessidade de controle da dor e fortalecimentos muscular e articular, observa-se que, dificilmente, a ginasta distancia-se de machucados, torções e lesões em geral:

[...] elas sentem bastante dor, assim, de joelho, de estar estourada mesmo, assim, de muito tempo de treino, começa a machucar, a se lesionar. [...] Depende da lesão também, porque ela já é acostumada com as dores dela. Faz tempo já que ela tem essas dores (risos), então, ela já é acostumada. A outra ginasta, como a lesão dela foi muito forte, o médico mesmo disse que ela não podia treinar. Ela teve que parar, mas... A gente nunca pára por nossa vontade, “nossa não agüento mais, vou parar”. A gente sempre vai até o limite assim [...] Deu problema, acho que no menisco, e ela tinha sido operada. Por isso que, não sei se tu viste que ela não tinha nenhum grande salto por causa do joelho dela. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Contudo, contrariando os conhecimentos científicos e informações médicas, a ginasta prefere suportar a dor e continuar treinando. Verifica-se que, apesar de suas dificuldades físicas, a lesão não é um empecilho para competir. Encontram-se esses vestígios em

outros depoimentos:

Ela ficou algumas semanas treinando sem fazer dificuldade nenhuma. Ai, uma semana antes da competição, ela começou a fazer as dificuldades pra chegar no dia da competição e não piorar ainda mais. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Eu sou a única que não faço fisioterapia. Porque eu não tenho nenhuma lesão, mas as outras todas tem lesão ou fazem pra fortificar. [...] Elas sentem bastante dor, assim, de joelho, de estar estourada mesmo assim, de muito tempo de treino, começa a machucar, a se lesionar. Tem uma ginasta da seleção que convive com a dor dela e ela sempre vai fortificar, fazer fortificação. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Durante os dias nos quais a atleta apresenta uma lesão muscular, a melhor maneira de acelerar a recuperação parece ser o exercício muito leve ou repouso. Porém, as ginastas criam estratégias para *esquecer* a dor e suportar o sofrimento para continuar na luta em busca de uma boa técnica de movimentos. As ginastas, como os pugilistas estudados por Loïc Wacquant, “devem também aprender a controlar e a conviver com o desconforto físico, com a dor e com os ferimentos”. (WACQUANT, 1999, p. 82). Afinal, segundo o discurso nativo, “o esforço, a dedicação, a dor... lá na frente vale a pena”. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010). O trabalho técnico associado à racionalização da dor é resultado da cobrança de performance, que é exigida ao máximo nos treinamentos e competições. O desgaste corporal é, muitas vezes, mitigado pelos usos de diversos medicamentos, analgésicos, pomadas, ataduras, bolsas térmicas, equipamentos de proteção, tratamentos fisioterápicos, enfim, uma série de artifícios cujo propósito não é cessar a fonte da dor, mas permitir, mesmo com ela, que o treinamento e a máxima performance continuem, como é observado no diário de campo.

Quando é feito machucado aqui no treino se bota gelo e a gente sempre tem uma pomadinha, um spray pra dor e a gente enfaixa, a gente passa tensor sempre na parte que está machucada e a gente deixa só dois dias de molho. Quando a gente

vê que é mais ou menos grave assim... Que muitas vezes uma se machuca e a cabecinha já acha que está morrendo. Então assim, a gente sabe diferenciar quem se machuca de verdade e quem está com manha. Às vezes o pezinho vira, mas nem dá nada e já tão dizendo que está doendo, mas nem dói. A gente sabe que não dói. Mas assim, a gente trabalha com medicamento, com dorflex, a gente dá uns comprimidinhos às vezes pras meninas. (Luiza, treinadora, depoimento, 22/09/2008).

Depois de passar com música, Stefani disse “Ui, tirei a pele”. Luiza “Ah, isso tu vai ter que por esparadrapo”. [...] Carol fez massagem nas costas de Manoela e passou um produto para aliviar a dor. Essa ginasta competiu na primeira etapa estadual, mesmo lesionada. (Diário de Campo – 12/04/2010).

A lesão ou os pequenos machucados são constantes na GR e se apresentam naturalizados. Todavia, durante os treinamentos, as atletas são submetidas a exercícios que exigem muita dedicação, esforço e resistência à dor, mas que, segundo o discurso nativo, são necessários para a melhora corporal e técnica. A naturalização da resistência à dor é exemplificada quando a treinadora diz que é normal senti-la ao se executar um movimento, ainda que ela não deva ser revelada: “A treinadora perguntou: ‘Você sentiu dor subindo?’ A ginasta respondeu ‘Sim, no pé.’ A treinadora complementou: ‘É normal, tá?’”. Dessa forma, os movimentos tornam-se visualmente “naturais” e espetaculares quando não deixam transparecer as dificuldades que deles surgem, como é o caso do sofrimento para a eles chegar. A partir de outros depoimentos, encontra-se a dor como instrumento pedagógico:

Eu sinto dor, mas não mais como eu sentia quando eu comecei. Quando comecei eu sentia dor, dor de mesmo, da articulação mesmo, que eu não era acostumada, de espacate. Mas com o tempo você vai alongando bastante e não sente mais dor. Eu sinto dor ... de cansaço, muito. É de cansaço mesmo dos músculos que a gente sente dor. E às vezes quando a gente.... teve um dia no treino assim, que a gente teve que fazer muito

battement⁴⁵ (risos), muito, muito. Aquele dia eu chorei até. Eu não choro muito assim. Quando eu estou no meu limite, com raiva, acho que eu choro. Aquele dia dos battements, eu estava sentindo dor, cansaço e não raiva (risos), mas eu estava chorando de cansaço, daí eu chorei. Mas, não por.. tipo... eu chorei por cansaço, não foi por raiva de “ah, fazer os battements”, porque eu sei que os battements são pra gente melhorar, né? (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Elas odeiam fazer banco, flexibilidade. Porque geralmente dói um pouco. Rasga, que nem a gente fala. “Rasga”. É hora do rasgamento, é hora do banco. E elas não gostam muito de fazer barra porque é força física, é contração muscular, é postura. Elas têm que estar duras e realmente pega bastante na musculatura que no outro dia, elas ficam tudo doídas. Elas odeiam. Mas é necessário né, uma coisa complementa a outra. (Carol, treinadora, depoimento, 22/09/2008).

Fabi mandou estender o joelho e explicou que se estiver flexionado, no salto também estará. Mandou as mais velhas colocarem o tronco para trás e pediu silêncio. Comentou “Prepara. Se chorar é dois minutos”. Fran segurou o choro e respirou fundo. (Diário de Campo – 19/04/2010).

Contudo, há uma relação entre os limites do corpo e a reprodução do choro na obtenção da técnica corporal. O esforço é ajustado pela forma com que as atletas controlam seus sentimentos. Assim, o choro está ligado ao descontrole e deve ser evitado: [...] Uma atleta disse para uma menina não chorar e a treinadora gritou “Sem chorar Joana. Ninguém chorou. Engole o choro”. (Diário de Campo – 15/04/2010). Outros depoimentos também mostram as formas de utilização do choro:

Não adianta chorar nos treinos porque no dia se tu errar ou acertar, o choro não vai mudar. Então, não

⁴⁵ Os batimentos (*grands battements*) são executados geralmente na barra. Uma perna é estendida e elevada à frente, podendo ir para o lado e para trás.

pode ser uma defesa o choro. [...] Elas vão chorar e a gente vai ter pena? Não. Elas têm que saber que a gente não vai ter pena por causa de um choro. Se errou é porque não treinou direito... não é porque foi azar ou porque estava frio, estava quente, ou estava... sabe? [...] A gente fala pra elas que enquanto elas choram as outras menininhas, de outras cidades, estão treinando. Então, o tempo que elas perdem pra chorar as outras ganham o treino. Não é que a gente proíbe de chorar, no entanto que elas choram. Tu viste aqui essa semana. Algumas choram no banco, choram de medo, choram... de estresse, montando série nova... elas não sabem o que é. Mas a gente procura não fazer elas chorarem tão fácil porque senão vai virar mania. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

Muitas vezes algumas choram por manha e outras choram porque está doendo mesmo, porque sentem dor. Tem que ser forte pra não chorar... Eu aguento pra mostrar que eu sou forte. (Stefani, ginasta, depoimento, 20/04/2010).

O choro aqui representa a fraqueza, conduta inadequada, já que, como apontado nos depoimentos, busca-se sujeitos “fortes”, que dominem seus corpos. É possível lembrar que no trabalho realizado com as meninas é desejável que elas sejam fortes fisicamente como foi apresentado anteriormente, mas valoriza-se uma “força psicológica”, em que as emoções também devem ser dominadas.

Nesse contexto, a qualidade das práticas deriva do sofrimento das ginastas, indicado de tal modo, pelo comentário da treinadora ao mostrar que o treinamento só seria pesado e bom o suficiente se as ginastas tivessem chorado, como: “Eu comentei que o treino de ontem foi mais puxado no final. Carol comentou ‘Elas choraram?’ (risos). Eu disse que não e ela respondeu: ‘Então nem foi tanto assim’”. (Diário de Campo – 07/04/2010). As narrações dos sujeitos confirmam a resistência à dor, também ao choro e que é necessário dominá-los.

Para que haja reconhecimento, é imprescindível suportar a dor e encará-la como meio para atingir a máxima performance. Igualmente, o limite está na capacidade de controlar os impulsos, pois, como salienta Rial (1998, p. 248), “a derrota não desonra se o derrotado for capaz de

suportar a dor até o final”. Desistir da competição, seja qual for o motivo, ou não ser “forte” o suficiente, é visto como um ato indigno.

Analisando esse contexto a partir do que sugerem Vaz, Gonçalves e Turelli (2006), identifica-se que há, em atletas, certo gozo associado à dor sofrida nos treinamentos, o que, por sua vez, e até mesmo na forma de uma lesão mais leve, remete ao juízo moralizante segundo o qual a dor garantiria o mérito de haver treinado o corpo com dedicação. Encontrou-se no campo pesquisado uma atleta descontente porque não estava sentindo dor, afirmando que era preciso forçar mais:

Quando foi a vez de forçar Andressa no chão, ela gritou “Ai, deu!” e quando terminou o exercício sussurrou “ai, ai, ai”. Na outra perna, reclamou que não estava doendo e que era para forçar mais. [...] Quando trocou de perna e sua colega estava forçando muito pouco, pediu para que forçasse mais. (Diário de Campo – 15/04/2010).

A dor incorporada ao cotidiano, como mencionado, fonte de algum prazer, dignifica quem a tolera e a vivencia, pois os treinamentos, “passam a ser concebidos como eficazes, quando rendem ‘uma dorzinha’, ou terminam em uma lesão leve que permite a continuação da atividade, mas é sentida”. (VAZ, GONÇALVES, TURELLI, 2006, p. 16). Supõe-se que quanto mais “puxado” e exigente os treinamentos, melhores serão os resultados.

A comparação constante do corpo com a máquina – ou o homem tornado máquina –, principalmente no mundo esportivo, pode ter contribuído para se criar espaços onde essas crenças se disseminam. Esta analogia vincula-se de forma estreita ao esporte que, segundo Trebels (2003) é uma “definição técnica do movimentar humano”. Esta definição técnica exige espaços delimitados, regulados e regulamentados para sua prática, pois apenas desta maneira é possível fazer as comparações objetivas necessárias ao sucesso dessa forma de organizar o corpo e seus movimentos. Afinal, “Tanto a máquina quanto a técnica transmitem a ideia de ordem e controle”. (BITENCOURT, 2005, p. 91).

Esse modelo corporal, em detrimento às máquinas, é submetido a um conjunto de procedimentos rigorosamente compreendidos, repetidos e, gradativamente, aumentados em número e intensidade. Aqui, o lugar do corpo é tomado pelo sacrifício determinado por devidas proporções, como se verifica no depoimento da treinadora em que “A dor delas, na

verdade, não é a dor máxima. A gente sabe. Quando realmente está no limite da dor, no limite de esforço físico delas. A gente já conhece assim. A gente sabe o trabalhinho que a gente faz. Tudo que a gente faz, a gente põe no papel, numa planilha. De carga, carga máxima, carga fraca... carga de feriado, carga de final de semana, carga de competição... Então tudo isso a gente tem controlado. Então a gente sabe quando elas estão realmente passadas ou não, na musculatura. Então muitas vezes a gente não dá bola porque sabe que é manha. Pode até estar doendo um pouquinho, mas elas falam que é DOR [acentuou a palavra]. Tem diferença entre uma dorzinha e uma Dooor. Elas não sabem distinguir”. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

Muitos sacrifícios são legitimados. Os treinamentos, que acabam sendo mais desgastantes que as competições, como indicado no depoimento de Gabriela – algo também assinalado por Loïc Wacquant (2002) para o pugilismo – exigem que as ginastas estejam preparadas. Isso faz com que as atletas, a exemplo dos lutadores, busquem melhorar seu preparo por meio de sessões de treino dirigidas. Tudo isso fornece elementos para a compreensão contemporânea do corpo atlético no desejo de adquiri-lo como firme, rasgado e, necessariamente, forte. Um imaginário energético impõe-se e a busca da eficácia no gesto tem a sua entrada triunfal na educação do corpo (SOARES, C.; FRAGA, A., 2003, VIGARELLO, 2005 e SANT’ANNA, 2004). É necessário adestrar o corpo, suas forças, economizar energias, empregar o tempo, adequadamente. A força e o vigor devem ser adquiridos e reorientados: a técnica corporal resulta deste modo de “cuidar de si”.

Em síntese, as pedagogias do corpo aqui tratadas fazem sentido no interior desse campo esportivo, em que um conjunto de descrições subjetivas nos revela significações que criam nos corpos identidades e apropriações, e que nos permite interpretar a Ginástica Rítmica no que tange aos mecanismos de aquisição dos gestos técnicos. Para compreender novas questões referentes à educação do corpo, nas próximas páginas passaremos a olhar a materialidade polissêmica do corpo direcionando os sentidos, as teorias e os saberes em busca de uma *beleza artística* e uma valorização do *feminino*, já que o corpo, remexido e revirado pelo avesso, possibilita a revelação de sua existência e suas inscrições sociais.

4. BELEZA E PERFORMANCE

4.1. PEDAGOGIAS DO CORPO FEMININO

A dinâmica dos corpos deve corresponder à necessidade de eficiência dos gestos, ações precisas, economia de forças demandados pela configuração desse espaço gímnico. O corpo passa a ter toda a sua aparência “naturalmente” redesenhada, atos enquadrados, ritmos refeitos por uma educação racionalizada, no interior da qual a ideia de tempo é forjada em sua materialidade. O entusiasmo pelas formas do corpo e pelos exercícios é bastante expressivo no treinamento da Ginástica Rítmica, sendo esses corpos apresentados pelas simetrias desenhadas e modelares. De certa forma, como explicam Soares e Fraga (2003, p. 78), “um corpo louvado pela excelência das simetrias depende, em grande parte, do processo de degradação dos ‘desengonçados’ que sucumbiram (e ainda sucumbem) diante de suas mais cintilantes formas”. O prestígio corporal deve, então, desatar as marcas desalinhas e desritmadas, nas quais se estruturam um conjunto de discursos, prescrições e imagens que fomentam uma constituição feminina.

A essa constituição é indispensável um domínio do corpo, no qual um *dever ser feminino* passa a ser protagonista da condição técnica. A subjetivação feminina é sobrepujada por uma condição técnica por meio de um trabalho intermitente, compreendendo exercícios físicos e outros métodos que se enquadram nas exigências desses corpos. Como resultado de inúmeras técnicas para moldá-lo de modo cada vez mais específico e objetivo, as prescrições e detalhamentos tendem a centrar-se, sobretudo, no corpo, constituindo uma “*pedagogia dos corpos femininos*” (VAZ; ALBINO, 2005, grifos dos autores). A qualidade técnica torna-se imperativa para a educação feminina. Ela é resultado de um investimento, de um controle do corpo, de uma educação cuidadosa, de quase uma certa predisposição para a tortura, que sensibiliza a composição corporal.

A exposição corporal acentua as exigências de cuidados. Ao corpo se designa grande parte das prescrições ornamentais, uma vez que ele parece o maior símbolo feminino de beleza. As prescrições para manter-se bela são baseadas principalmente no discurso higienista⁴⁶, o

⁴⁶ Ver Soares (2003, 2009).

qual se manifesta, por exemplo, no incentivo à limpeza como requisito para se obter um corpo condizente à condição feminina. Os relatos indicam tal apreciação:

Antes de fazerem os coques, as ginastas de Timbó lavaram as mãos e escovaram os dentes. [...] Luiza chamou a atenção das ginastas com a limpeza dos uniformes e que não queria vê-los sujos. Olha para Gabriela e a puxa tocando em lugares sujos da sua roupa. Comentou ironicamente “Olha que menino! Aonde você jogou futebol hoje? Porque está toda suja assim?”. Gabriela só sorriu. (Diário de Campo – 14/09/2008). [...] Luiza pediu para guardarem as coisas e limparem os fiapos de elástico que caíram no chão. Uma ginasta passou o lixo para frente e disse que tinha cabelo. Fabi reclamou “ui, que nojo” e pegou-o com dois dedos. (Diário de Campo – 23/05/2010).

Higiene e limpeza traduzem, concretamente, os cuidados necessários no que concerne ao corpo feminino e aos gestos. Os mecanismos reformadores da higiene colocam em ação certa economia de comportamentos, de atitudes, de hábitos, e os racionalizam. Sem embargo, o corpo não pode tornar-se objeto de cuidados sem suscitar julgamentos de valor e conduzir a uma espécie de moral corporal. Segundo Soares e Fraga (2003), é um ajustamento dos discursos sobre a educação do corpo, sintonizados na retidão de posturas e comportamentos, que visa a sua exterioridade traduzida por uma posição moral interna, acrescidas da necessidade de pôr o corpo em movimento como pressuposto voltado à manutenção do bom funcionamento orgânico, estratégias essas que evitam as doenças, os gestos defeituosos, dando-lhe mais vigor e energia para que possa enfrentar e exercer suas funções de modo mais adequado.

As consequências e a extensão dos cuidados implicam profundas transformações dos costumes. Não basta apenas cuidar da higiene pessoal, mas, também, da aparência. A ginasta deve fazer uso de tratamentos de beleza e ter cuidados diários com a exterioridade. O uso de imagens do corpo em certas práticas e produtos de embelezamento desperta o desejo e constitui uma política de controle das condutas largamente utilizada nesse campo, no qual é preciso cuidar da feminilidade revelada, como é detalhado a seguir.

Carol perguntou se Luiza trouxe um secador de cabelo porque queria lavar o cabelo de novo, mesmo que fez piastra/prancha de manhã. [...] Manoela comentou ao terminar o movimento, “Ai meu cabelo está todo despenteado”. (Diário de Campo – 21/05/2010).

Fabi, com seus dreads no cabelo e chinelo havaianas, disse brincando que será a nova geração da arbitragem. Luiza comentou ao ver que Fabi estava mal vestida: “Nem pensar”. As outras treinadoras comentaram que estava usando pijama com duas cores, calça curta e dread. Fazendo brincadeiras, compararam-na com outra treinadora, vestida idealmente: com salto alto, maquiagem e toda arrumada. (Diário de Campo – 22/05/2010).

Luiza e Carol olharam para algumas meninas e falaram “Que linda que você está”, “Passou brilho? Que querida”. Luiza elogiou a unha pintada de rosa que Monique estava usando. Carol abraçou uma ginasta e disse “Que cheirosa. Cheira o meu cabelo”. (Diário de Campo – 24/03/2010).

Determinadas tarefas são estimuladas em nome da vaidade. As ginastas são orientadas a cuidarem de seus corpos e a reafirmarem, entre elas, as orientações desejadas. Elas devem fazer uso de cosméticos, produtos e equipamentos destinados ao feminino, como se verifica, nas afirmações a seguir, o que se refere aos cabelos e unhas arrumadas.

Stefani perguntou se Luiza pintou o cabelo. Luiza disse que sim, mas que estava feio naquele momento porque estava amarrado. Carol disse que vai pintar igual. [...] Luiza olhou para a unha pintada de Denise e comentou “Que unha é essa? Que chique!”. Uma pequena viu a unha pintada de Luiza e falou “Tua unha é igual a da minha mãe”. Luiza disse “Mas a minha é mais bonita né?”. A menina respondeu “As duas são bonitas” e todas riram. (Diário de Campo – 08/04/2010).

A treinadora de Blumenau disse “Se tem unha é para pintar”. Outra treinadora comentou “Esse é o problema. Ela não tem unha”. [...] As treinadoras conversaram sobre suas unhas e uma delas comentou que não havia feito a unha do pé. As outras comentaram “Esqueceu que tu és mulher?” e todas riram dela. [...] Em seguida, Carol viu a meia da outra treinadora e disse que era meia de homem. A pessoa que estava usando disse que não era de homem e que elas eram apenas diferentes umas das outras. Comentaram mais uma vez da sua “unha de pedreira”. (Diário de Campo – 23/05/2010).

As mulheres são incentivadas a realizar um trabalho cuidadoso de embelezamento, em um *dever ser feminina*, imposto e cobrado pelos próprios sujeitos do campo. Esse caráter atinge de modo direto as ginastas, para as quais a recomendação é cuidar de si e de suas aparências, devendo manter as unhas pintadas, o cabelo penteado, o corpo limpo. O embelezamento deve, portanto, ser realizado priorizando regiões específicas: o rosto, a cabeça, as mãos e os pés, com atenção especial às unhas e evidentemente às partes que estão em maior evidência: “A treinadora perguntou à sua atleta se ela havia feito a unha do pé. Ela respondeu ‘Claro que não’. Disse que a última vez que ela fez perguntaram se ela era jogadora de futebol”. (Diário de Campo – 21/05/2010). É vergonhoso não se adequar às necessidades femininas, mas é aceitável quando elas não estão à amostra, como é o caso das unhas dos pés cobertas pelas sapatilhas de uso obrigatório durante os treinamentos e competições. Assim, Soares e Fraga (2003) explicam que se entranha nos corpos, por meio de um arsenal educativo voltado para a retidão das formas e dos costumes, uma distribuição detalhada do que deve ser vergonhosamente escondido ou orgulhosamente exibido.

Exibir-se corresponde a uma declaração de fidedignidade aos inúmeros cuidados com a aparência, porém, esconder-se é imperioso quando surgem formas protuberantes indesejáveis no corpo, como, por exemplo, a obesidade, a flacidez e musculaturas a mais. Quando são observadas pelos membros da banca de arbitragem, essas deformações passam a chamar muita atenção. Aliado a isso, tem-se uma visão de normalidade feminina que aparece no seguinte comentário:

Algumas treinadoras comentaram que Marcia tem o bigode muito escuro e que a banca de arbitragem percebeu. Algumas árbitras comentaram que era muito visível e feio. A treinadora da ginasta comentou que não tem coragem de depilar o buço da menina e que não pode chegar para ela ou para a mãe dela e dizer que é horrível e que tem que tirar os pêlos. Outra treinadora falou que chamará muita atenção se ela for para o conjunto. (Diário de Campo – 23/05/2010).

É onde se movem os ideais de beleza que as diversas e acessíveis técnicas de embelezamento sugerem uma conformação de corpo feminino. Seria necessário depilar a ginasta para que ela seja mais harmônica dentro de quadra. Há também outras formas de manutenção da beleza e, para isso, seria preferível perder o cabelo a se obter, em troca, um corpo mais bonito e mais magro, exemplificado pelo escrito que segue.

Uma ginasta de Blumenau comentou que estava gorda. Algumas pessoas disseram que ela estava magra. Sua treinadora não falou nada. Luiza disse brincando “É o cabelo que está pesando” e a ginasta respondeu “Então eu vou raspar”. (Diário de Campo – 21/05/2010).

Essa pedagogia dos corpos magros desencadeia obrigações, a cumprir-se qualquer preço, pela manutenção e busca pela magreza. As experiências das transformações corporais são causadas por um controle exaustivo do peso corporal. Há um desejo desesperado por um corpo limpo e belo, sobretudo, magro⁴⁷.

Uma boa atleta... Tem que ser magra, de perna longa, flexível e muito determinada no que faz.

⁴⁷ Como frequentemente acontecem com as ginastas, os atletas de Karatê, analisados por Turelli e Vaz (2011), cultivam recursos simbólicos a confirmar um modelo de feminilidade e masculinidade continuamente celebrado pela dor e sua superação. A convivência com a dor, privações alimentares para que não haja ganho de peso corporal, obediência às regras, são experiências cotidianamente necessárias.

[...] Prefiro ver ginasta magra, mas eu não sou neurótica de nenhuma forma assim. Eu as deixo bem à vontade, mas quando elas começam a errar no treino eu falo “Ah Eduarda não saltou porque a bunda tá grande”. “Ó, não segurou o pivot por quê? Tá com a coxa grossa. Não tá aguentando”. Então assim, eu vou dando aos pouquinhos exemplos no treino que elas têm que ser magrinhas entende? Porque se eu falar, entra e sai né? Então eu espero o tempo certo de falar “Aaaa, não tá saltando hoje por quê? O que você comeu? Tomou coca? Tomei....Então ó, tá aí”. Sabe? Eu dou exemplos do dia a dia pra elas. (Luiza, treinadora, depoimento, 22/09/2008).

O que está em jogo é um corpo essencialmente magro acompanhado de um controle de peso. A necessidade de controlá-lo está ligada a falhas técnicas, que, no entendimento da treinadora, podem ocorrer pelo excesso de peso. Portanto, o controle é feito tanto pelas comparações dos gestos, quanto pela influência da alimentação, a qual o regime alimentar está presente. Observa-se isso nas anotações:

“Tu emagreceste. Está fazendo dieta?”. Carol completou “Não que precisa fazer dieta, mas tem que cortar as guloseimas”. [...] As treinadoras perguntaram para as meninas como havia sido a Páscoa e se haviam comido muito chocolate. Manoela respondeu que comeu uma barra de chocolate e Carol respondeu que uma barra é muita coisa para três dias. (Diário de Campo – 24/03/2010).

A treinadora de Blumenau se serviu no almoço e quando terminou disse que ainda estava com fome, mas que não ia repetir porque isso é coisa de gorda. (Diário de Campo – 23/05/2010).

Outra forma de controlar o peso corporal constitui-se a partir da execução de exercícios. Conforme a atleta acerta os movimentos, a ela é oferecido por um momento de permissão, real ou imaginário, de obter elementos proibidos nesse âmbito. É como se o corpo fosse premiado quando apresentasse um gesto técnico eficaz. Essa recompensa é concedida por algo que é regrado e valorizado, a comida. Algumas

situações mostraram esse controle, como “em um momento a treinadora falou para a atleta que se ela não fizesse os exercícios ela não poderia comer o bolo que outra atleta havia trazido para comemorar o aniversário”. (Diário de Campo – 12/04/2010).

Obviamente, o alimento não é a questão em debate aqui, mas é exatamente o controle do apetite que “é meramente a expressão mais concreta da norma geral que rege a construção da feminilidade, de que a fome feminina — por poder público, independência, gratificação sexual — deve ser contida”. (BORDO, 1989, apud BORDO, 1997, p. 23). Outras ocasiões também mostram esse controle de peso por meio da interdição:

O pessoal do atletismo ficou sentado próximo a elas com uma garrafa de coca-cola. As meninas viram a garrafa e comentaram que também queriam. Luiza disse “Se vocês merecerem, a gente compra uma garrafa de coca”. (Diário de Campo – 15/09/2008).

[...] Uma treinadora disse que combinou com o grupo juvenil que se elas ganhassem iam ganhar um kinder-ovo (chocolate) cada uma. Uma ginasta estava do lado e a treinadora comentou que se ela fosse bem, ia ganhar um pirulito. A ginasta respondeu “Além do kinder né?”. [...] As 19:00h, a treinadora disse que todas iam jantar em uma pizzaria. Uma ginasta perguntou “Sério?” Ela respondeu: “Bem sério. Pra vocês fazerem bem bonito. Acho bom vocês honrarem isso e entrarem em dobro amanhã”. (Diário de Campo – 21/05/2010).

A coerção é substituída pela culpabilização, ou nesse caso a cobrança de não estar de acordo com as exigências corporais e de movimento. As deformidades estão relacionadas ao excesso de peso e a busca da composição corporal equilibrada está intimamente vinculada ao princípio da retidão do corpo e da magreza do porte, tão necessários para o gesto técnico perseguido.

A ginasta realiza um trabalho contra o aumento do peso corporal, vigiada pela balança. Ela deve pesar-se diariamente e invariavelmente combater o excesso de gordura corporal:

Eu tenho exigência de não poder engordar. Se eu engordo 100 gramas eu já levo esporro, é assim. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010). [...] Gabriela comentou que a treinadora da seleção mandou todas as ginastas emagrecerem de 8 a 10 quilos. Gabriela é a única ginasta que precisa emagrecer de 2 a 3 quilos. (Diário de Campo – 16/04/2010).

Na busca dos mais sofisticados artefatos de eliminação dos excessos encontra-se a tirania em relação ao corpo, assentada de forma a extirpar as saliências corporais indesejáveis. Destinada a endireitar seu corpo a qualquer custo, a ginasta utiliza diferentes técnicas para não engordar ou manter o peso corporal, sendo presente o consumo de laxantes ou o uso de outros artifícios para parecer mais magra. Gabriela, atleta, expõe essas situações:

Gabriela contou que nessa semana, uma ginasta comeu escondida e que muitas tomaram laxantes e remédios para emagrecer. [...] Uma atleta chegou a tomar remédio para emagrecer para que continuasse treinando e competindo. (Diário de Campo – 16/04/2010).

[...] Não, ela não come normal. Ela come absurdamente. Ela não pára de comer e ai depois, ela vai lá (...), pra não engordar né? Ela é bem magra, mas ela tem obsessão por comer, sabe? Ela come sem parar, ai depois ela vai lá, toma laxante ou provoca o vômito, pra não engordar. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

Há um padrão de normalidade que se refere à ingestão alimentar o que pode ocasionar, quando ocorrem desconroles alimentares, a utilização de produtos para emagrecimento e indução de vômitos, como explica Gabriela. Esse controle da alimentação é voltado para o ajustamento das formas corporais, quando que a adoção de regimes alimentares, utilização de cinturões, a ingestão de remédios e laxantes são legitimados para que seja possível ingressar e continuar na equipe. Isso porque, como explica Porpino (2004, p. 124),

A busca por uma estética corporal que ao menos se aproxime dos padrões internacionais da modalidade começa desde a escolha das ginastas para compor as equipes e se mantém durante todo o treinamento com o controle regular do peso. A estética corporal pretendida está atrelada aos movimentos que esse corpo é capaz de realizar na modalidade e repercute também na possibilidade de manter a elegância, a graça e a exuberância nas execuções das séries. (2004, p. 124).

A elegância dos movimentos e o espetáculo são produzidos por um corpo que deve atender a um modelo de magreza. Porém, o extraordinário aumento da gordura corporal, como fator crítico, como espécie de “anomalia de feminilidade” (ADELMAN, 2003), é concernente aos aspectos femininos visualizados nos corpos. Independente das mudanças hormonais e de crescimento, a ginasta é recriminada quando aumenta o seu peso corporal. É normal que uma ginasta esteja em fase de crescimento, já que inicia a prática de atividade física precocemente, mas, isso é também motivo de contenção alimentar, como se lê a seguir.

Luiza perguntou quem estava com peitinho e olhou uma por uma. Apenas uma ou duas ginastas tinham-nos aparentes. [...] Luiza comentou que mesmo que a treinadora mandou Gabriela emagrecer, na verdade é “porque ela está ficando com peito, está gostosa, mulherão e não necessariamente gorda”. (Diário de Campo – 16/04/2010).

Uma ginasta comentou sobre o corpo da aluna Geovana, da equipe Pré-Infantil, e disse “imagina, quando ela crescer vai ser assim” – levantou os braços para cima e para o lado. (Diário de Campo – 08/04/2010).

Nessa censura generalizada, de maneira sutil, a imagem de um corpo magro funciona como um ponto culminante de convergência no desenvolvimento de virtudes predominantemente femininas. A exortação dos corpos dissimula as características de gênero e impõe cuidados com a aparência externa, principalmente com os seios, coxas e nádegas.

Essas partes são precisamente apontadas durante os treinamentos, como se vê no diário de campo: “Manoela fez um exercício e comentou que sente dor nos seios ‘Doem os peitos’. Stefani concordou e comentou ‘Amassa tudo’”. [...] “Manoela afirmou ‘Eu estou com dor na bunda porque eu fiz salto e puxou tudo antes’”. [...] “Carol falou para a treinadora de Blumenau ‘Olha o tamanho das coxas dela, parece que ela faz GO⁴⁸’”. (Diário de Campo – 22/05/2010).

A articulação das sequências de exercícios percorrem os ideais corporais e conectam quase que imperceptivelmente as formas femininas. Há um desprezo do corpo quando este se assemelha às características ditas masculinas, como se exemplifica na fala de Carol ao comparar as coxas de uma ginasta de GR com a de GO. No entanto, é inaceitável quando as atletas se queixam de dores devido à condição de mulher, como é o caso de Manoela e Stefani, ao reclamarem de dores nos seios ao realizar um movimento. A possibilidade de adequação do gesto técnico só é possível quando se ultrapassa as barreiras do corpo feminino.

As vestimentas também são usadas para conformar o corpo e valorizar o encanto das séries e a simplicidade do gesto. Para isso, a roupa deve ser moldada pelo corpo e não o corpo pela roupa, como explica Demeny (1920, apud SOARES, C.; FRAGA, A. 2003, p. 82), eliminando os defeitos de conformação. Nesse processo oculto de mostrar as deformações corporais encontram-se mecanismos de forma a obter um determinado resultado quando, “uma atleta usou meia calça por baixo do collant de competição e Eduarda comentou que não sabia se era por causa do frio ou se era para esconder alguma coisa (gorduras)”. (Diário de Campo – 16/09/2008). Outros momentos também caracterizam esse ato de ocultação e foram detalhados no diário de campo:

Carol salientou o uso do collant “É bom porque não marca o corpo”. Luiza perguntou brincando para as atletas “Já fizeram a lipo de vocês?”. Elas riram e pegaram na lateral da barriga e concordaram que o collant não marca suas “gorduras laterais”. (Diário de Campo – 09/04/2010).

⁴⁸ GO é a abreviação de Ginástica Olímpica, conhecida também como Ginástica Artística (GA).

O traje obrigatório em competições, o collant, pode ocultar as “marcas” defeituosas do corpo. Entretanto, as escolhas dessas vestimentas servem, também, para assessorar a ginasta em seu conteúdo artístico, valendo-se as combinações das atletas: suas músicas, seus aparelhos e seus perfis.

A treinadora de Blumenau disse que o próximo collant de sua atleta, para a série de maçãs, deve ser azul marinho com vermelho porque combina com a sua música de tango. [...] A treinadora perguntou para Luiza se ela trouxe algum aparelho maçãs vermelho. Luiza disse que trouxe rosa e verde e que se ela quiser, pode usar. A treinadora disse que precisava de uma vermelha para combinar com o collant. (Diário de Campo – 23/05/2010).

As treinadoras falaram para uma colega que o bordado que ela fez no collant de sua ginasta, pouco fez diferença. Uma treinadora comentou que tem que bordar mais lantejoula porque o collant tem que brilhar mais [...] Ela pediu para uma atleta pintar a sua unha da cor do collant. (Diário de Campo – 21/05/2010).

A treinadora perguntou que cor ela mais gostava. A ginasta disse roxo. Luiza comentou que terá roxo no seu collant, mas também outra cor clara pra realçar sua pele, já que é morena. [...] Luiza gritou do outro tapete “Ficasse linda de collant vermelho Stefani”. (Diário de Campo – 09/04/2010).

Tudo deve combinar entre si e ter uma medida certa: as cores, os brilhos, os tons de unha, os aparelhos que podem ser encapados, as nuanças do cabelo e, até mesmo, o ritmo da música. O que é demasiado, que não combina ou que é “feio”, segundo o discurso nativo, pode prejudicar. Percebem-se esses aspectos na fala de uma mãe que estava sentada na arquibancada observando as ginastas na competição:

Uma ginasta da categoria Infantil estava competindo com um collant preto e uma mãe comentou que achava collant preto feio para as

meninas menores, mas achava bonito no adulto. Para ela, só combinava com as grandes porque dá impressão de seriedade. Logo depois, uma ginasta estava com um collant de tigresa e a mesma mãe comentou “a música deve ser do homem nas cavernas”. (risos). (Diário de Campo – 26/06/2010).

Comentaram que havia um collant sinalizador, pois era muito extravagante e que era exagerado demais. [...] Uma mãe comentou também de um collant bege que estava feio porque parecia com a cor do tapete. [...] Falaram mal também de um collant cor da pele que uma ginasta estava utilizando. (Diário de Campo – 23/05/2010).

Faz parte da produção, envolver o rosto com cores semelhantes à roupa, ressaltando um tipo de maquiagem, exaltada e extremamente aparente, marcada, ainda, por uma forma de ser bela e feminina. Encontra-se sua utilização como forma de ritual de passagem, marca da competição, quando uma ginasta adquire idade mínima para competir.

Na hora da maquiagem, Carol passava a sombra preta e Luiza completava com a sombra clara. Ao terminar, Carol disse para Luiza “Olha que linda a Sabrina com esse olho azul e sombra preta”. Luiza concordou e comentou “Todo mundo ficando bonita”. (Diário de Campo – 12/04/2010).

Luiza comentou olhando para Andreia “Imagina a Andreia de maquiagem ano que vem? Eu vou ficar louca com ela de maquiagem”. (Diário de Campo – 16/04/2010) [...] Stefani comentou “Parece que a gente vai competir né?”. Eu perguntei se era porque estavam nervosas. Ela respondeu “Não, é por causa da maquiagem”. (Diário de Campo – 15/09/2008).

A maquiagem também tem um aspecto de importância, pois como a atleta Stefani indica, parecia que ela ia competir porque estava com sua face pintada. As treinadoras completaram que a necessidade da maquiagem era para que as ginastas ficassem mais bonitas.

No conjunto de embelezamento, há também certa exaltação do

penteados da ginasta com uma decoração semelhante aos outros objetos. É regularizada a utilização do coque tanto nos treinamentos quanto nas competições, aqui com nuances em destaque. Assinalam parte dessa produção alguns comentários:

Ao terminar de bordar o collant, a treinadora começou a bordar, com brilhos, os amarradores de cabelo para colocar no coque. Havia diversas cores para combinarem com todos os collants e ficarem discretos no cabelo. (Diário de Campo – 21/05/2010).

O cabelo de Andressa caiu e Luiza gritou “E esse cabelo ai? Daqui a pouco eu vou cortar. O coque não pode cair”. [...] Ao realizar os movimentos que errou passando com música, caiu o coque de Andressa. Luiza chamou a sua atenção “Esses coques que caem. Vou cortar esses cabelos tudo fora”. (Diário de Campo – 06/04/2010).

A utilização desse penteado também corresponde ao gesto técnico, na medida em que sua falta pode prejudicar o rendimento, como se vê em certa apresentação: “o aparelho fita enrolou no cabelo da ginasta e a mesma perdeu pontuação porque teve que parar a série para se desenrolar”. (Diário de Campo – 22/05/2010). Por isso a necessidade de superação dos desconfortos ao fazer o coque. As ginastas reclamavam frequentemente de dores na hora de fazer esse penteado, como o que se confere no diário de campo:

Cristina estava fazendo o coque com Fabi e gritou “Aii, doeu! Aiii, aiii! Fabi tirou o grampo e o colocou novamente. Luiza fez o rabo de Clara e disse “É plástica natural”. Clara “Aiii, eu não consigo fechar os olhos direito, é sério!” Luiza disse para Clara puxar a pele para baixo. Na hora do coque, Clara gritava “Sessão tortura!”. “Acho que atravessou aqui Luiza, aiii!”. (Diário de Campo – 21/05/2010).

Luiza avisou que as ginastas de Timbó farão o coque hoje a noite e que vão ter que dormir com ele. Fabi comentou “Assim elas já se acostumam

com a dor de cabeça”. Contou que já ficaram três dias com coque e que agora é só um dia. Para ela é pouco tempo. [...] Uma atleta comentou sobre a realização do coque: “A Luiza machuca muito”. Fabi completou “Fura a cabeça”. (Diário de Campo – 21/05/2010).

Observa-se, a partir dos relatos, o culto à beleza e os sacrifícios que em nome dela são exercidos. Estreitas relações se impõem à base de sacrifícios corporais para adequação a um modelo de feminilidade. A dosagem do corpo produzido deve, então, atender os critérios de beleza desse campo, amortizada pelo pagamento do preço de “ser mulher”.

As prescrições, então, atentam para as roupas e os acessórios, a maquiagem e o cabelo. No entanto, não basta apenas produzir o corpo, é preciso saber usar de suas partes combinando os gestos técnicos em um ritmo adequado e coerente com aquilo que consta no Código de Pontuação. Relatos sobre isso não foram raros:

Uma menina que estava se apresentando fez muita careta nas marcações e as mães que estavam ali, ao meu lado, começaram a rir. Outra ginasta fez uma marcação estranha e várias pessoas riram dela. Uma menina rebolou várias vezes na série e as pessoas que assistiram comentaram que ficou feio e que caracterizava “o reboation”. Houve um comentário sobre as marcações exageradas de outra ginasta “Ela estava em americana? Foi horrível”. [...] As treinadoras comentaram que a árbitra principal adorou as caras e bocas e disse que muitas foram “bonitinhas”, mas outras árbritas acharam um exagero. (Diário de Campo – 22/05/2010).

As mães e as treinadoras riram das marcações de algumas ginastas. Uma treinadora comentou que uma ginasta de Blumenau estava muito “brega”: “Se passou, foi ridículo! Ela podia perder ponto, está no código”. [...] Uma ginasta da equipe de Chapecó estava competindo e mandou um beijo durante a série. Uma mãe comentou “Sem comentários”, e riu da performance da menina. (Diário de Campo 26/06/2010).

Manoela apresentou. Luiza e Carol comentaram “Sentimento, isso, agora devagar, faz ruga aqui no meio, sofre, braço, longe, grande, isso, ai lindo, vem que vem, lembra da quadra, sofre, sofre, sofrida essa subida, olha, melhor, isso, sofre, ai que bonito, 1,2,3 e foi, e foi”. [...] Geovana com bola, se preparando, Carol comentou “Faz com o coração” e as pequenas gritaram “Expressão!”. (Diário de Campo – 20/05/2010).

Os gestos tornam-se tão importantes quanto a sua produção. É preciso atentar às roupas e aos acessórios que correspondem a certa feminilidade, porém, as prescrições dos movimentos devem ser moldadas em busca de uma certa harmonia. A expressão corporal, apresentada pelas imitações, pelas piscadelas, caretas, os momentos de sorrir e de mostrar seriedade, é altamente treinada pelas ginastas. Esse quesito artístico corresponde a um elemento de qualidade técnica, que deve ser treinado e ritmado em momentos específicos da série. Há certos movimentos “livres”, nos quais as ginastas expressam a criatividade ao realizarem invenções a partir das montagens das séries e do envolvimento com a música. Seguem alguns exemplos:

Stefani comentou para Luiza que vai dar uma piscadinha em uma marcação durante a música. Luiza disse “Pode, fica linda!”. [...] Carol passou a escolher a música de Denise. Em um momento forte da música, Carol exigiu que a atleta imitasse um bicho: “Bem bicho. Sem vergonha, é bem bonito”. (Diário de Campo – 06/04/2010).

Stefani passou sua série com música e as treinadoras falaram “Agora faz que nem a Gabriela, expressão! Triste e forte!... Ela é nojenta ainda por cima” (nesse caso, isso é um elogio). Quando terminou de passar a série elas repetiram “Tu não pode ser menininha. Tem que ser nojenta. Forte!”. (Diário de Campo – 12/04/2010).

Carol comentou “Tu faz um salto tão bonito e uma marcação dessas? Eu quero sorriso e olhando para cima”. Andressa repetiu o exercício. [...] Ao mesmo tempo corrigiu a expressão de Cristina

“Cristina pára de fazer isso. Mostra os teus dentes bonitos”. (Diário de Campo – 21/04/2010).

Apresentar alegria em suas feições e estar constantemente sorrindo são também atitudes repetidamente recomendadas. A orientação para que se tenha uma “postura positiva” em relação à performance parece reforçar o ideário de harmonia. Como um modo de suscitar uma certa identificação, a alegria é citada repetidas vezes como qualidade das ginastas que são convictas de que realizaram um perfeito gesto técnico ou, ainda, que se satisfizeram com sua apresentação. A importância da alegria e do sorriso para a beleza se fortalece ainda como quesito de julgamento, já que a nota é aderida no valor artístico como expressão corporal, a exemplo de quando a treinadora fala para uma ginasta “Tu foste simplesmente um arraso. Não é bom sair feliz?”. (Diário de Campo – 20/05/2010).

Quando se pretende disfarçar uma emoção negativa, que seria denunciada pela expressão facial, sorrir é indispensável. Um largo sorriso, daqueles que mostram os dentes vão de orelha a orelha, normalmente mascara o que está sentindo a atleta, ocultando seus reais sentimentos: as dores oriundas do treinamento e do embelezamento, o cansaço e os desejos reprimidos. Nesse contexto, o sorriso, como componente técnico, surge da necessidade de imprimir beleza ao gesto. Pode-se compreender, com base em Bourcier (2007, p. 118), que o sorriso que mascara a dor pode surgir da necessidade de dar a impressão de leveza, já que como “figura magnífica, o corpo se torna imponderável, em que a aparência de esforço está completamente disfarçada”. Mesmo quando é sofrido obter uma determinada classificação, o sorriso é a melhor e mais eficaz forma de expressão facial.

Além dessa fórmula de “felicidade” na realização dos movimentos condizentes às séries e aos acertos, há outras expressões que se identificam com o ideário de feminilidade, como a sensualidade.

Gabriela treinou o aparelho arco e ao se apresentar com música para as treinadoras, elas gritaram: “Isso”, “Perna atrás”, “Charmosa”, “Sensual”, “Cabeça”, “Garra”, “Linda”, “Presta atenção”, “Pra cima”, “Energia”, “Respira”, “Panca”. [...] Uma árbitra viu Gabriela de collant preto e a elogiou: “Ficasse sensual e chique”. [...] As treinadoras viram Gabriela e gritaram “Sensual

Gabriela”. A ginasta repetiu o movimento e fez uma piscadinha. As treinadoras riram e Carol completou “Gostei!!!!!!”. (Diário de Campo - 05/09/2008).

Ser ginasta também é descrito como ser “sensual”, “charmosa”, “linda”, e com “garra” e “cabeça pra cima” é que se vence as composições coreográficas. Esses elementos são abordados como qualidades da atleta, adquirindo uma conotação de feminilidade, em que a busca pela adequação dos gestos vai ao encontro de uma expressividade ousada. O corpo é educado pelas roupas, pelos acessórios, sobretudo, pela expressão corporal, que condicionam o valor artístico das séries.

Dessa forma, beleza e sofrimento parecem manter estreitas relações. Determinadas atividades são estimuladas mesmo que não sejam das mais atraentes, uma vez que o sacrifício em nome da beleza também é um elemento pedagógico. As meninas são constrangidas corporalmente para se manterem limpas, lindas e femininas, pelas dores que devem aprender a suportar para tornarem-se ginastas belas. A construção do coque, a manutenção do peso, a demonstração do sorriso, são práticas *naturalmente* exercidas por elas e que atendem as normalidades e exigências do campo.

Ao mesmo tempo em que o elo mais evidente, mas pouco visível, da conexão entre técnica e feminilidade exala nossas apreciações estéticas, o corpo pode guardar a história da qual faz parte e as maneiras pelas quais foi construído, educado. Adiante seguimos tratando da construção de uma subjetivação feminina a partir dos gestos técnicos, do lugar que o corpo ocupa nesse campo, e, por fim, das novas configurações na constituição das ginastas.

4.2. CORPOS FEMININOS EM DEBATE

Produzem-se corpos femininos em uma espécie de “repetição ritualizada” (ADELMAN, 2003), por meio das quais as normas sociais são consolidadas. Constitui-se a partir da formação às vezes ritualística, mas sempre generificada, uma maneira restrita de gestos técnicos e corporais, assim como suas várias expressões de embelezamento. A feminilidade consiste em regras diretamente impostas por meio dos discursos sobre o corpo vinculado às roupas, às configurações dos corpos, aos comportamentos e condutas e, por fim, aos movimentos

corporais exigidos. Para Bordo (1997, p. 16), “o corpo – o que comemos, como nos vestimos, os rituais diários através dos quais cuidamos dele – é um agente da cultura”. É uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas e os controles são inscritos e assim reforçados por meio da linguagem corporal concreta (BORDO, 1997).

Estudos como de Bordo (1997) podem auxiliar nos detalhamentos do processo de construção de corpos femininos, tanto no sentido da presença que, nas práticas corporais, têm os regimes exaustivos de exercício, dieta, “aperfeiçoamentos” do corpo, obsessões com a aparência, quanto no que se refere às imagens culturais nas quais tais práticas se apoiam. Como menciona a autora, para alcançar a aparência especificada, exige-se um investimento particular – usar roupas, regular a comida, movimentar-se de forma restrita — tendo como resultado um corpo feminino incapaz de executar atividades fora de sua esfera designada.

Esse corpo é padronizado em termos de forma, postura e movimento, como explica Adelman (2003). É, segundo Adelman (2003), uma forma “feminina” de estar no espaço, entre uma postura mais “ativa” (de desejo, ou apetite) e outra de negação desses elementos (pela exposição de corpos magérrimos e em posturas “passivas”). Essas expectativas ditam as formas e potências dos corpos e correspondem às suas adequações, como é o caso da GR: uma conformação magra em que a força e a musculatura são especificamente generificadas e que por meio de um sistema de autovigilância e controle do peso garante a manutenção das formas corporais e a adequação técnica de movimentos (BOAVENTURA, 2008).

A ordem feminina quanto à adequação dos gestos, estimula a conquista da beleza por meio das ações realizadas pela própria ginasta em seu corpo. Isso leva a admitir que a beleza insere-se nos padrões de comportamentos, de condutas, de moral, de um *dever ser* inscrito nos corpos. Não obstante, a Ginástica Rítmica, como modalidade essencialmente feminina, preocupa-se em ensinar modos e técnicas para cuidar do corpo como atitude considerada “natural” e necessariamente feminina. O corpo da ginasta apresenta-se como um eixo do qual a GR circunda, sendo que as estratégias para o aprimoramento técnico e artístico fundamentam os discursos sobre uma *educação do corpo feminino*. Deseja-se criar uma cultura própria ao corpo da mulher que, ao mesmo tempo deve ser firme e forte, mas também, belo e feminino.

Evidencia-se que a eleição do corpo e de conformações

específicas como signos da beleza feminina é algo que se constitui em relação à materialidade do corpo. Os exercícios prescritos são apresentados como essenciais para um padrão de beleza que se delineia. Uma vez que ela é um atributo dado como intrínseco ao feminino, conquistá-la por meio da realização de exercícios passa a ser um dever, afirmam Vaz e Albino (2005). Para tudo haveria solução, contanto que fosse feita a correção das falhas técnicas e fosse salientada a beleza dos gestos por meio do treinamento praticado racional e metodicamente. No diário de campo encontram-se esses aspectos da seguinte forma:

Após as ginastas terminarem um exercício, todas executaram um exercício chamado “dorsal⁴⁹”, ficando três segundos na posição com os braços colados na orelha. Luiza viu Andreia realizando o movimento e disse “Andreia, tu tens que fazer mais bonito. Tu tens coluna pra isso”. [...] Clara estava com dificuldade em saltar por causa da distância e Luiza mostrou-a outra maneira de fazer que facilitasse o salto. Corrigiu o seu acrobático e mandou fazer uma marcação com o pé na cabeça “Ela tem coluna, vai ficar lindo”. [...] Stefani saltou e perguntou onde tinha que ir a sua perna e em que lugar estava. Luiza disse onde estava e mostrou-a o correto no Código de Pontuação. Comentou “Fica bem bonito, bem rico para o artístico”. (Diário de Campo – 12/04/2010).

Ao prescrever a realização de exercícios físicos pelas formas mais bonitas, procuram-se os mais sólidos alicerces. Na medida em que a beleza é presente, o incitamento ao aprimoramento técnico se manifesta de modo tênue. Se há um momento de identificação de beleza, o trabalho paciente e constante ganha prestígio, como se observa quando “Luiza após encerrar a série, falou para Manoela ‘Tua música é linda. A gente vai conseguir te fazeres ficar leve. Tu vai treinar um monte’ [...] Manoela fez um movimento e Luiza a falou ‘Tu tens que estar pisando sempre em ovos. Leveza’”. (Diário de Campo – 15/04/2010)⁵⁰.

⁴⁹ A ginasta se posiciona em decúbito ventral e eleva o tronco para trás deixando as pernas fixadas no chão.

⁵⁰ Uma atleta praticante de Ginástica Artística, campeã do estado, tomou parte em competição de GR, alcançando um terceiro lugar. Sua nota no quesito técnico foi muito boa, porém, ela é considerada, dentro da GR, uma

O incitamento se manifesta de modo polissêmico e principalmente sutil em meio às prescrições. A leveza e a insistência em adjetivar certos gestos despertam a coerção de modelo dos corpos em movimento. Esses exercícios dizem sobre os espaços destinados ao feminino e sobre os tipos de atividades próprios a esse gênero, distanciando-se daquilo que é conhecido como próprio do masculino, como se observa no depoimento de uma treinadora.

“Uí, parece um menino fazendo!” (na GO), e aqui não. Pelo fato de precisar ter leveza, tu fazeres Ballet e ter os movimentos mais clássicos... e o corpo mais longilíneo e magro. Eu acho que essa é a diferença que já se vê de longe”. (Carol, treinadora, depoimento, 22/09/2008).

Os movimentos de leveza e característicos da Ginástica Rítmica conformam uma ideia de gestos femininos excludentes para os homens, segundo o discurso nativo. Os exercícios específicos para o feminino não somente delimitam, mas também se configuram como instrumentos para reforçar o que lhes é esperado socialmente, uma vez que essas atividades estão vinculadas a fins estéticos e ao desenvolvimento de características “tipicamente” femininas, como quando uma atleta elogia sua melhora na performance ao tornar-se mais “leve”: “eu era meio bruta, agora eu estou mais leve” (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010), ou quando a treinadora comenta da música de uma atleta por ser delicada: “Monique, você gosta de música de gatinho? Combina com você, toda delicada”. (Diário de Campo – 23/03/2010).

Esses relatos vão ao encontro do que diz Bourdieu (2010, p. 33), quando afirma que o trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação meramente performática de nominação que orienta e estrutura as representações, a começar pelo corpo; ele se completa em uma transformação profunda e duradoura dos corpos, ou seja, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que exige uma diferenciação dos usos legítimos do corpo, e tende a excluir tudo que caracteriza pertencer a outro gênero. Essa postura contempla fortemente as atitudes expressas pelas ginastas, que se empenharam em defender a “feminilidade” de sua atividade esportiva, comparando-a com outros

ginasta “ruim”: “É ruim, mas cumpre os movimentos das séries”. (Diário de Campo – 23/05/2010). A qualidade artística é, então, evidenciada pelo que se torna legítimo e, de certa forma, “bonito” dentro desse espaço.

esportes como o futebol e a Ginástica Artística.

As meninas da Ginástica Olímpica e os meninos são parecidos. Não são muito diferentes, pra mim. De leveza, muito pouca. É muito difícil tu veres uma ginasta fazendo “um solo leve”. Não! É porque o esporte deles precisa... Ginástica Olímpica é o que: força, agilidade, é um pouco mais masculino até pelas estruturas delas... até pelo que fica depois. É diferente da GR. (Carol, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

Não que futsal seja masculino, mas é que, pelo menos aqui no Brasil, tem bem mais homem jogando futsal, futebol do que mulheres. E futebol é mais agressivo. E a Ginástica já é mais leve. Parece mais feminino. (Eduarda, ginasta, depoimento, 22/09/2008).

A influência que as imagens femininas exercem sobre a construção do corpo é manifestada nos depoimentos, inclusive no discurso do prefeito na abertura da II Etapa Estadual de Ginástica Rítmica, em Indaial, quando confundiu Ginástica Rítmica e Ginástica Artística, justificando-se, então, que aos homens é incentivado mais a prática do futebol em vez das ginásticas: “Os homens são mais ligados ao futebol, daí trocam as bolas”. (Diário de Campo – 26/06/2010).

A comparação feita com os esportes mais “masculinos” e com as atletas que o praticam sugere que utilizam essas comparações para sua autodefinição e para a construção da própria imagem, como salienta Adelman (2003). O reconhecimento e a análise dessas afirmações confere com a colaboração de nossos corpos na reprodução dos gêneros por meio dos quais se impõe, simbólica e fisicamente, práticas culturais.

Como coloca Foucault (1987), trata-se de um registro do corpo cultural que abrange as representações científicas, filosóficas e estéticas sobre o corpo, que inclui tanto questões relacionadas a beleza, modelos de saúde, normas de higiene e assim por diante, quanto as mesmas representações em um conjunto de regras e regulamentos, nos quais o corpo é treinado, moldado, obedece e responde, tornando-se, assim, útil e socialmente adaptado. Ordinariamente, por meio das maneiras de “se portar”, dos hábitos, de rotinas e práticas aparentemente triviais, convertidas em atividades ritualizadas e habituais, a cultura “se faz

corpo”, como salienta Bourdieu (2009).

Essas experiências apreendem o mundo social e suas arbitrárias divisões, a começar por aquela socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes na relação entre homem e mulher, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação. Segundo Bourdieu (2010), a relação entre o feminino e o masculino está no fato de que são as diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino que, sendo percebidas e construídas, tornam-se a fonte indiscutível de significações e valores. Para ele, a divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, do que é normal e “natural” a ponto de ser inevitável. Essa feminilidade posta em questão implica uma representação de beleza socialmente estabelecida. Dado o fato, Bourdieu (2010, p. 20) explica que o corpo e seus movimentos estão submetidos a um trabalho de construção social e não são completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e incentivado, e assim percebido como natural. As formas de classificação – feminino e masculino – estão essencialmente de acordo com o mundo em que se inscrevem, mesmo que permaneçam despercebidas, como salienta o autor:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhe é imposta, seus atos de *conhecimento* são, inevitavelmente, atos de *reconhecimento*, de submissão. (...) Assim, a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. (BOURDIEU, 2010, p. 22: grifos do autor).

A dominação é legítima e própria da construção social, inscrevendo-se nos corpos de maneira naturalizada. No próprio discurso nativo, a feminilidade é subordinada às demandas sociais em que se reproduz um modelo de mulher hegemônico, ao redor do qual não se

percebe outras possibilidades de representação. Essa construção social do corpo assume uma forma de ação pedagógica explícita e expressa uma forma corporal feminina, como se encontra nas anotações, quando a treinadora reclama da maneira com que Gabriela caminha, por parecer um menino: “Luiza falou quando Gabriela passou caminhando, ‘ela parece um menino’”. (Diário de Campo – 16/09/2008).

A educação elementar tende a inculcar maneiras de postar todo o corpo, ou tal ou qual de suas partes, a maneira de andar, de erguer a cabeça ou os olhos, de olhar de frente, ou, pelo contrário, abaixá-los para os pés etc, maneiras que estão prenhes de uma ética (BOURDIEU, 2010), e também de uma estética própria. Mostra assim, como se ensina às mulheres a ocupar o espaço, caminhar e adotar posições corporais convenientes, como se a feminilidade se medisse por um *dever ser feminino*. “Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou manter a postura, que são como a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética. (BOURDIEU, 2010)”. Não é diferente no esporte.

A realização dos movimentos constituintes da GR exige um trabalho constante dos corpos, esguios e magros, no qual o Ballet é técnica corporal elementar para o seu desenvolvimento. Essa forma de dança que remonta ao século treze configura-se como conjunto de técnicas corporais extremamente importantes e necessárias à Ginástica Rítmica, e “procura exaltar a leveza, a delicadeza e a beleza, atributos ditos *femininos*”. (GONÇALVES, 2007, p. 11, grifos da autora). As técnicas corporais desenhadas pelas formas do Ballet estão presentes nos treinamentos e foram anotadas da seguinte maneira:

O Ballet, ele é um pouco mais calmo, mais leve pra elas entenderem a hora de esticar o braço, a hora de fazer um ondulante. A postura ideal é de uma bailarina. É, além de ser muito lindo, faz com que as meninas também fiquem belas dentro de quadra. É, na verdade... é visível o Ballet pela leveza e como eu falei, na verdade, quando você entende o seu corpo, tudo muda. Cada exercício muda, desde um pivotzinho até uma grande flex, um grande salto. Já é visível, tanto pela postura, pela força que elas adquirem. (Carol, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

O Ballet clássico trabalha muito a ondulante, leveza de braço, ponta do pé, que é importante também pra Ginástica. Só que a Ginástica, o Ballet da GR, na verdade, a gente acopla um pouquinho de suavidade do movimento que elas precisam muito e ao mesmo tempo a professora de Ballet trabalha força e também todos os exercícios que a gente põem nas séries. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

O perfil ideal é captado pelas formas bailarinas, a partir da leveza, dos movimentos ondulantes, da postura, da qualidade técnica – por tornar os movimentos mais “limpos” - em relação à nota de execução. Outro relato mostra a importância do Ballet na “limpeza” dos movimentos:

As treinadoras comentaram que as ginastas estavam muito sujas. Uma treinadora se justificou e falou que é porque falta o Ballet, que é uma das maneiras eficazes para a limpeza dos movimentos. (Diário de Campo – 22/05/2010).

O Ballet faz parte do treinamento corporal das ginastas e objetiva uma forma de celebração do corpo, ainda muito influenciada por uma concepção clássica de beleza e exibição de corpos “ideais”. Para tanto, a apropriação do Ballet é indispensável ao domínio técnico na GR. No entanto, como se observa no depoimento da treinadora Luiza, é preciso fazer uma variação do Ballet clássico para a Ginástica Rítmica para que seja realizado um trabalho que exalte a leveza juntamente com a força.

As marcas visíveis constroem-se com lentidão e traçam as experiências técnicas e estéticas. Dessa forma, o corpo da ginasta é definido por uma simetria feminina, por uma assinatura, por um gesto, por um registro do tipo jovem, firme, forte e rasgado, que se exhibe de forma milimetricamente reta, alongada, sensual e bela, sempre reduzido a uma materialidade esquadrihada por atos de conhecimento. Assim, “causa surpresas infundáveis e não cessa de mostrar que há universos que estão mais além e que seus espaços internos, assim como sua aparência, são também construídos com uma variedade de elementos invisíveis”, como explica Soares (2003, p. 08).

Ao transcender certos limites entre essas duas práticas – a Ginástica Rítmica e o Ballet –, a realização de exercícios físicos

voltados mais para a GR não estaria cumprindo sua função de manutenção da dessemelhança entre os sexos – a relação de leveza x força –, mas, sim, poderia desencadear o seu contrário. À ginasta é desejável que se execute os movimentos com delicadeza e leveza, mas, ao mesmo tempo, ela deve ser forte e ágil:

Eu dou braço, eu dou toda a leveza que tem que ter em uma série, mas ao mesmo tempo eu faço força, faço grand battement ...eu faço potência. Eu mesclo de tudo um pouco e boto tudo em cima da barra de Ballet. Não é só Ballet que eu dou. Tais entendendo? Eu faço de tudo um pouco. Só o clássico é muito bom... O Ballet trabalha movimentos bem suaves e delicados. Só que assim, eu não posso trabalhar só isso, na minha concepção, porque tem séries minhas que a menina tem que ser toda bailarina e tem séries que eu monto que a coisa é mais agressiva. (Luiza, treinadora, depoimento, 22/09/2008).

A Ginástica em si é... Tem que adquirir força, agilidade. Um pouco mais de raça, de bravura, ao mesmo tempo, ela tem que ter a feminilidade que é a calma, a leveza, a sintonia com a música, expressão. (Carol, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

Podemos aí observar a influência mais oculta, porém mais profunda, de um mundo relacional, tomado por características generificadas, em um universo social, que se assimila nos corpos. Na descrição de formas de lidar com o corpo, Pociello (1995, p. 118) indica-nos que, “os gestos de força e de energia tendem a ser substituídos pelos gestos de domínio e controle informacional do corpo, que a exteriorização de energia torna possíveis, que a singularidade das posturas e dos movimentos valoriza e que a exploração curvilínea dos impulsos estetiza”. Como o autor indica, essa constituição do campo esportivo feminino retrata um modo engenhoso e maquínico corporal, em que as mulheres passam a buscar um culto ao corpo feminino com precedentes masculinos. Num crescimento irreprímível dos valores femininos – suavidade, forma, beleza, produção de si, técnica e disposição estética –, não são essas, precisamente, as características culturalmente atribuídas às mulheres no campo esportivo.

Paradoxalmente, a masculinidade mantém certa distância em relação aos requisitos técnicos e necessários ao treinamento corporal feminino; não obstante, é presente na formação de tal feminilidade.

O investimento viril e quase artesanal do corpo, que as atletas exercem sobre matérias duras, colocando à prova suas qualidades físicas, parece ceder o passo a outros tipos de investimento do corpo feminino. De certo modo, os esportes permanecem como símbolos que conservam e reproduzem discursos em suas estruturas regulamentadas, em que as culturas femininas e masculinas se confrontam, como é o caso do futebol (RIAL, 2003) e da Ginástica Rítmica (BOAVENTURA, 2008). No entanto, esses campos podem conformar aspectos semelhantes no que se refere ao trato com o corpo, aproximados pela lógica do treinamento esportivo, em que há uma *educação do corpo*, formação de rituais e composição de violências. A insistência em associar a feminilidade à beleza e força à masculinidade conserva as estruturas e dificulta a assimilação de novos traços que compõem esse universo esportivo.

Observa-se que mesmo que a atleta conforme características “femininas” explicitadas até então, ela precisa superar e suportar aspectos “masculinos”, como, por exemplo, a produção de força para adquirir leveza e delicadeza, resistência à dor e ao sofrimento para a aquisição da técnica, e, sobretudo, diminuição de elementos sensíveis, como a vergonha, o medo, e o aumento da virilidade (coragem), como aparecem nos relatos do campo, quando a treinadora exige que uma ginasta seja lutadora: “Quero uma guerreira dentro da quadra!”. Sobre isso tem-se outros comentários:

Stefani errou várias vezes o mesmo lançamento e Carol a corrigiu “Lembra que o arco sai mais para o lado”, “Tais o tempo todo insegura com a mão assim. Isso demonstra, com a tua mão, que você está com medo e é preciso superá-lo” [...] Stefani repetiu o lançamento e Luiza comentou “Tu vais ter que perder o medo nega”. A ginasta respondeu sorrindo “Eu sei”. (Diário de Campo – 23/03/2010).

Fernanda estava fazendo uma estrelinha de cotovelo e Carol falou “Não precisa ter medo”. E complementou rindo “O máximo é cair de cara e

quebrar os dentes”. (Diário de Campo – 24/03/2010).

Para a execução de muitos dos exercícios é preciso que se tenha coragem e perseverança, pois é de conhecimento dos sujeitos que determinado movimento pode machucar o que, previamente ao exercício, leva ao medo. A recusa do medo, mesmo que exigida de forma sarcástica, se torna necessária para o acerto. A coragem deve fazer parte desse ambiente e é esperada de uma ginasta.

Parece que o perfil da ginasta, apresentado por uma subjetivação feminina, retrata ideias sobre o corpo, suas formas e suas capacidades presentes também nas qualificações masculinas. Toma-se, constantemente, o cuidado necessário para não transparecer no corpo que, apesar de toda a sua feminilidade, o esporte lhe ensina e proporciona, por meio do treinamento esportivo, apropriações consideradas masculinas.

A execução de movimentos corporais harmoniosos requer um certo grau de flexibilidade adequado à performance do indivíduo e múltiplas qualidades físicas para desempenhar tarefas específicas:

Fabi disse que achava lindos os três saltos abertos seguidos: direita, esquerda, direita. Uma treinadora contou que suas ginastas não fazem porque são muito flexíveis “Não pode ter flexibilidade, tem que ser forte. E nossas ginastas são flexs. É também preciso ter explosão de salto e ser boa de direita e esquerda”. [...] “Elas são muito flexíveis, tem que descobrir onde está a força delas”. (Diário de Campo – 23/03/2010).

Luiza comentou da pose inicial de Natalia “Ela tem o panché tão bonito né? E Carol “Tem, mas não tem força ainda”. [...] Luiza alertou “Tem que ter muita força de coxa e abdominal”, “Esse queima a coxa”. (risos). (Diário de Campo – 21/04/2010).

Assim, elementos de base do treinamento esportivo são essenciais para a obtenção da feminilidade na Ginástica Rítmica. A força física é tão importante quanto à flexibilidade. Desse modo, a eficiência de movimento humano depende da flexibilidade, mas também da força que proporciona os movimentos dentro dos limites ideais de determinadas

ações. Nota-se que a amplitude de movimento de um dado exercício depende primariamente da habilidade para gerar força e potência muscular suficiente, sendo uma variável extremamente importante associada não somente com a qualidade do exercício, mas no seu “progresso”.

O corpo da ginasta pode ser visto como uma superfície na qual as construções convencionais de feminilidades são impostas e expostas por meio de inscrições e normas. Claramente, separa-se as análises dos diferentes efeitos das práticas femininas homogeneizantes em relação àquelas destinadas exclusivamente aos grupos de ordem masculina. Observa-se que a feminilidade construída aqui revela certa rejeição da ordem simbólica do patriarcado e (re)significa os valores destinados às mulheres que envolvem as ambiguidades de gênero, colocando esse processo como um possível espaço de transgressão das normas e significações. É importante destacar que o tipo de organização social em que a autoridade é exercida por homens não conforma a Ginástica Rítmica. A resistência ao patriarcado se mostra no corpo, mas também na composição desse campo, no qual há certa autonomia das mulheres ao investir e desenvolver as técnicas da modalidade. Os sujeitos determinantes dessa modalidade esportiva são compostos essencialmente por mulheres: atletas, treinadoras, árbitras, auxiliares técnicas, coordenadoras etc. Há pouco envolvimento masculino e influência reduzida no desenvolvimento deste esporte.

Essa forma de produção de corpo ideal faz duvidar, como sugere Adelman (2003), que o que se esteja sendo promovido seja um corpo feminino forte e livre; embora possa significar, para algumas mulheres, uma tentativa de resistir ao tipo que representa o corpo feminino como fraco e submisso. Poderia, talvez, ser avaliado como um exemplo de conflitos relativos à definição da corporalidade feminina⁵¹, ao (re)definir as representações dos corpos femininos, não mais caracterizados apenas como frágeis. Se por um lado o esporte possibilita à mulher a igualdade de gênero, de transgressão da ideia de corpo frágil, por outro, talvez a enquadre em um outro tipo de controle: aquele que outorga ao corpo das atletas um novo modelo de feminilidade. Esse corpo requer muitas horas de trabalho, de investimentos de tempo e dedicação em que deve ser

⁵¹ Cabe, nesse momento, esclarecer que apresentar a análise do discurso presente nos sujeitos sobre a *pedagogia dos corpos femininos* não significa afirmar que as mulheres tenham se apresentado de modo homogêneo, uma vez que consideramos o seu papel ativo enquanto sujeito histórico.

submetido a treinamentos que exaltam elementos “masculinos”; conforma, ainda, porém, uma feminilidade hegemônica, como quando explica Gonçalves (2007), ao afirmar que o esporte, de uma forma geral relaciona-se com o mundo masculino, ao exaltar elementos como virilidade, sexismo, performance, excesso e dominação, por exemplo, ainda que algumas modalidades pareçam ter um *traço feminino* mais presente, como é o caso da GR, na qual leveza, beleza, graça e sensibilidade, são critérios indispensáveis para um elevado desempenho.

A construção tradicional da feminilidade *cruza* com a nova exigência para as mulheres de incorporar os valores “masculinos”, explica Bordo (1997). Porém, não se pode simplesmente juntar as virtudes historicamente femininas àquelas historicamente masculinas para produzir uma “nova mulher” ou uma nova cultura, salienta a autora. Mesmo corporificadas em personagens, como uma ginasta, o resultado é uma possibilidade de um “tipo” de feminilidade. Em última análise, sua contradição interna transforma-se em um conflito entre os aspectos “masculinos” e “femininos”. Assim, o contraste cultural bem definido entre a forma feminina e a masculina, tornado possível pelo uso de instrumentos “condizentes” a cada gênero, reflete, em termos simbólicos, a divisão dualista da vida social e econômica em esferas masculinas e femininas claramente definidas (BORDO, 1997).

“Nesse contexto, masculinidade e feminilidade muitas vezes nada têm a ver com o fato de ser um homem ou uma mulher”. (BORDO, 1997, p. 104). Isso não significa que os padrões ou “visão hegemônica” sobre a corporalidade feminina não tenham se modificado. De fato, aponta Adelman (2003) que “o padrão da *fragilidade* começa a ceder terreno a um novo ideal, mais adequado à noção da ‘mulher ativa’ que começa a construir-se, nas primeiras décadas do século XX”. Entretanto, como menciona a autora, “a cultura de beleza feminina da nossa sociedade atualizou-se a partir da incorporação dessa noção da ‘mulher ativa’, elaborando novos padrões,” que desembocam na atual concepção de corpo, magro e ‘forte’, embora não com músculos exagerados.

Essa construção de uma subjetivação feminina, a reprodução, mas também as novas configurações na constituição de um “sujeito feminino”, o lugar que os sujeitos ocupam e suas representações nesse campo esportivo, tudo isso implica observar a coerência ou não das representações que, ao longo do tempo, acentuam e dispersam, na história, afirmações reveladoras de prescrições dos domínios atribuídos às questões de gênero.

A busca de um *dever ser feminino* pode ser entendido tanto no que se refere ao comportamento quanto à corporalidade femininos. Assim, no próximo tópico, tentaremos compreender as formas de incorporação desse modelo hegemônico de feminilidade nos sujeitos analisados.

4.3. INFANTILIZAÇÃO E TRADIÇÃO

Compreende-se que há tendências na criação de modelos corporais hegemônicos totalitários, uma vez que, os valores criados culturalmente, codificados em forma de linguagem, por diferentes registros, são impostos ao corpo. Estes aspectos podem determinar como o corpo deve ser e estar, moldado pela cultura. Portanto, o corpo expressa os padrões culturais e sociais como, por exemplo, os estilos de ritmo, as manifestações de dor, as revelações de gênero, os valores estéticos de um grupo. Esse conjunto pertence a um sistema de técnicas e ritos que condicionam o indivíduo, não simplesmente por ele mesmo, mas, como comenta Marcel Mauss (1974, p. 218), “por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual ele faz parte, no lugar que ele nela ocupa”.

Marcel Mauss formula uma noção destinada a ser posteriormente desenvolvida: as técnicas corporais. Gestos codificados em vista de uma eficácia prática ou simbólica. Trata-se de modalidades de ação, de seqüências de gestos, de sincronias musculares que se sucedem na busca de uma finalidade precisa. O autor observa que a técnica não é monopólio único da relação do homem com a ferramenta, antes disso há, de certa forma, outro instrumento fundador: o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Conforme os hábitos culturais, ele produz eficácias práticas e variações de tipos de movimentos de uma geração para a outra, e mais geralmente de uma cultura para outra. Mauss chama técnica uma ação tradicional eficaz (e vemos que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). O homem soube fazer do corpo um produto de suas técnicas e representações, acrescenta Mauss ao analisar as obras de Lévi-Strauss. Da mesma forma ocorre com a Ginástica Rítmica.

Portanto, ao corpo são ensinados modos de andar, posturas, gestos e outros, significando que os corpos expressam o que as sociedades neles prescrevem e escrevem. Neste sentido, a incorporação de padrões corporais por meio da prática esportiva e, a utilização de técnicas corporais que expressam o ideal estético na obtenção da melhor

performance determinam o que é considerado mais adequado e admirável em cada sujeito de um determinado *campo*.

A Ginástica Rítmica estrutura-se e se manifesta nos corpos das ginastas: o corpo em movimento – e em ausência de movimento – é a condição para a realização da técnica corporal e é a matéria prima para a composição artística. Desse modo, como entidade fugaz e, ao mesmo tempo, permanente, a técnica existe e é incorporada. Os movimentos e os gestos já vêm carregados de leis, usos, intenções, tradições e é neles que se oferece uma intenção criadora e criativa.

Corpo hegemônico: magro, leve, com postura, pouca musculatura, expressivo que se projeta de diferentes formas, reproduzindo e transmitindo valores oriundos de sua prática. O uso dos corpos nesse contexto provoca mudanças radicais em relação a posturas e atitudes corporais cotidianas. Desse modo, as posições e gestos executados pelas ginastas resultam em um equilíbrio corporal diferenciado e tido como “normal” nos discursos dos sujeitos. Esses vestígios se encontram no depoimento de uma atleta, em que aparece uma normalização do corpo dito como “normal” por ser procedente da Ginástica Rítmica: “Na rítmica geralmente é bem magrinha. É forte, mas não é musculooooosa. É mais normal”. (Eduarda, ginasta, depoimento, 22/09/2008).

A experiência exemplar está na fruição estética e na experiência sensível que contém a fetichização da técnica. Os componentes estéticos evocam os sentidos, que determinam as atividades das meninas. Assim, essa educação mostra, como explica Bourdieu (2010), que a internalização de esquemas técnicos e das normas de conduta contribui na conformação dos corpos. Segundo o autor, a natureza que é própria da construção social se legitima nos corpos e nos *habitus* dos agentes. Os ensinamentos fazem parte do cotidiano das ginastas e incorporam tais exigências, como por exemplo, reparam no embelezamento e criam os mesmos gostos apresentados a elas. Observa-se:

Natalia tinha dois amarradores de cabelo e solicitou que Carol escolhesse um. A treinadora escolheu o dourado e comentou que adora dourado. A ginasta usou a cor escolhida pela treinadora. (Diário de Campo – 22/05/2010) [...] Stefani perguntou se Luiza pintou o cabelo. Luiza disse que sim, mas que estava feio naquele momento porque estava amarrado. Carol disse que vai pintar igual. (Diário de Campo – 06/04/2010).

As 17h20min horas todas estavam no quarto. Gabriela estava escovando o cabelo e fazendo movimentos de Ginástica Rítmica. Falou para todas “Bem que escova podia ser um aparelho (de GR)”. Eduarda concordou e completou “Aposto que toda ginasta treina com a escova de cabelo”. (Diário de Campo – 14/09/2008).

Como destacado, Natalia, Gabriela e Eduarda apropriam-se de características que determinam certo estilo de vida. O gosto, o estilo de andar, as maneiras de portar o corpo, são apreendidos pelas atletas e aparecem como fundamental no formato estético apropriado. Em outros momentos isso aparece com mais ênfase, como quando Gabriela aponta para uma ginasta e comenta: “Ela parece uma búlgara, mas não é boa”. Nesse comentário percebe-se que se espera, para além do gesto técnico, que a ginasta tenha um perfil definido, das ginastas referências do mundo, como a Escola Búlgara. Os aspectos relativos ao corpo conformam práticas consideradas “naturais” e que são apreendidas pelo *campo*. Assim, na Ginástica Rítmica, as ginastas produzem e reproduzem práticas por meio do esporte, afeiçoando disposições duráveis e transmissíveis consideradas naturais, mas que são frutos de um processo histórico e social. É possível encontrar esses aspectos quando “Stefani compra um gel com silicone porque a embalagem era rosa. [...] No treino, algumas meninas estavam usando lápis e rímel nos olhos [...] Luiza e Carol contaram para as outras treinadoras que Stefani e Manoela vão arrumadas para o colégio, ‘Cheirosas, maquiadas’”. (Diário de Campo – 21/05/2010).

A cor rosa está culturalmente relacionada ao elemento feminino e essa simbologia justifica as roupas e as decorações dos eventos, como se encontrou na III Etapa Estadual de GR. A utilização dessa cor e de maquiagem fora das competições mostra que as atletas incorporaram as condutas femininas em suas práticas do cotidiano. Coloca-se aí o encontro com a vaidade, segundo o relato de uma treinadora:

Porque a vaidade, ela aumenta na Ginástica. A menina que não é vaidosa e entra nesse mundo, ela fica muito mais vaidosa. Porque ela precisa sempre está... O coque não pode ter um fio de cabelo fora do lugar. A maquiagem tem que estar perfeita, o collant tem que ser bonito. Então,

mesmo a menina não sendo muito vaidosa, ela acaba ficando. (Carol, treinadora, depoimento, 22/09/2008).

Em função das práticas destinadas às mulheres, na Ginástica Rítmica elas são extremamente presentes e *não há como* não tornar-se vaidosa e feminina, diz Carol. Essas expectativas aparecem naturalizadas em meio aos sujeitos do campo e são comprovadas pela mãe de Márcia quando comentava sobre as questões desse trabalho em relação a feminilidade: “Então deves estar escrevendo um monte sobre a minha filha”. (Diário de campo – 15/04/2010). Trata-se de um espaço em que se legitimam essas práticas comprovando que há interesses em educá-las como mulheres e que as atletas que não se adequam a essas normas femininas são automaticamente excluídas do contexto. Assim, o treinamento corporal apropria-se das definições de usos legítimos do corpo, aqueles também elaborados na vida cotidiana das mulheres.

O corpo é considerado harmônico quando expressa as formas naturalizadas no meio social. Do mesmo modo, o corpo “natural” é um corpo construído segundo uma determinada concepção de natureza, apontando uma possibilidade de desenvolver a ginasta um pouco de autoridade e poder sobre si, refinando as sensações e as percepções do corpo como objeto. Essa consciência aparece como determinante na execução de diferentes ações e aprofunda os aspectos do trabalho desenvolvido pelas treinadoras. Como se observa, a treinadora elogia uma ginasta nova, com sete anos de idade, que treina há poucos meses: “Ela é toda molenga. Não sabe o que é Ginástica ainda, mas ela é linda”. Essa criança descrita pela professora tem o perfil de uma ginasta imaginária, porém, correspondente a sua imaturidade, todavia não conhece e controla suas habilidades e seu corpo. Precocemente, as requisições são impostas e tentam se concretizar com a prática da modalidade, como se verifica no campo:

Luiza comentou com Carol, “Carol, tu tens que ver as meninas da Escolinha. Tudo uns tocos de 4, 5 anos”. – Mostrou o corpo todo esticado. Carol respondeu “Trás elas daqui uns dois anos pra cá”. (Diário de Campo – 08/04/2010).

Quando Luiza estava montando a série de Sabrina, a Stefani perguntou “ela não é canhota?” e Luiza: “Ela é, mas ela não sabe. Elas não têm noção

ainda”. [...] “Ela não sabe nem o que é Ginástica ainda”. (Diário de Campo – 23/03/2010).

Compreende-se, conforme os relatos acima, que as ginastas devem iniciar o treinamento corporal precocemente para que, desde cedo – a partir da Escolinha –, possam aprender a lidar com suas formas e exigências corporais. Enquanto as ginastas iniciam e aprendem “o que é Ginástica” na Escolinha, após um período, com idade próxima permitida para competir, as mais habilidosas, como já mencionado, são escolhidas para participarem do grupo principal e de rendimento. As preocupações em torno desse corpo e de sua funcionalidade estão diretamente ligadas aos problemas relativos à degeneração física e, principalmente, a forma de investimento sobre eles, e, com isso, algumas exigências corporais são ordenadas no treinamento desde cedo. Entender a dinâmica do trabalho corporal deve tomar acento definitivo desde o início do processo inicial e educacional. É por meio da sua prática que a educação torna-se completa; por isso, quanto mais cedo iniciá-la, mais eficientes serão seus resultados (SOARES, 2003).

A ginasta deve apresentar esquemas femininos trabalhados a partir de procedimentos infantilizados e relacionados ao corpo da mulher, como explica a treinadora.

Tudo que a gente faz de força, a gente sempre tem um negócio de mulher. “Tem que correr... pé no popô”. Então elas já se empinam pra bater no popô. “Tem que pular no colchão”.. pula, mas tem que bater na marreca. Então assim, a gente sempre usa uma palavra que ela sabe que é do corpo feminino. Entendeu o que eu quero dizer? Tudo que a gente faz de força, elas fazem com o máximo de carga, só que elas sabem que é o corpo feminino que está trabalhando e elas sabem que pra tornar feminino o movimento elas têm que mostrar alguma coisa feminina. ... Pontinha do pé que nem uma bailarina. A gente usa muito inha, já percebeu né? [...] Então a gente usa esse vocabulário já mais pra elas... “Quer correr, corre, mas não que nem um cavalo. Parece uma cavalaria isso aqui”, eu falo às vezes. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

Um dos artifícios é utilizar palavras em diminutivo, como mostra

o depoimento da professora. Em decorrência ao tratamento, a infantilização cultivada é determinante na apreensão da feminilidade. Há certa infantilização das atletas no tratamento, entretanto, percebe-se que a ginasta ainda criança precisa identificar-se como mulher e apresentar as características ditas como femininas na sua prática esportiva, existindo uma necessidade de ensinar às atletas o conhecimento de seus próprios corpos. Quanto mais nova for a atleta, mais se evidenciam os jeitos infantilizados:

Quando a criança não entende o que é popô, o que é seio, o que é peito... eu falo marreca, eu falo popô gostoso, brincando elas gravam. É impressionante. Se eu falar bunda elas não entendem que é pra bater o pé na bunda. “Bate esse pé nesse popô tão gostoso que tu tens”, daí elas assimilam. Marreca. “Tem que por a marreca”, elas gravam. O peito as vezes eu falo ovo estalado, uma espinha inflamada... elas gravam. Elas sabem que elas têm que puxar a perna esmagando o ovo estalado. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

A treinadora utiliza palavras associadas ao corpo da mulher, mas com expressões fictícias porque, segundo ela, as meninas não associam os nomes aos seus corpos e suas partes. Assim, o corpo feminino é referência, mas tratado de forma similar devido à idade precoce das meninas. A ginasta, então, se apropria das características consideradas femininas sem que isso aconteça de forma consciente.

Além de associar as palavras ao corpo, são utilizadas maneiras com que as meninas compreendam o que as treinadoras querem explicar: “Vou trazer cimento para tu tomares e ficares dura. Pode ser um cimentinho para tomar amanhã?”. (Diário de Campo – 15/04/2010). Decorrente da infantilidade, a treinadora corrige a postura da atleta, solicitando que ela seja mais firme, de uma maneira compreensível para sua idade. A falta de conhecimento corporal prejudica o andamento das correções porque as ginastas não sabem exatamente como corrigir-se e por isso são elaboradas maneiras de melhorá-las, mas que às vezes só é possível com o tempo, como se observa no relato abaixo.

Luiza continuou montando a série de Sabrina e Stefani perguntou “ela não é canhota?” e Luiza

“Ela é, mas ela não sabe. Ela não tem noção ainda”. E continuou “Elas são muito flexíveis, tem que descobrir onde está a força delas”. [...] Luiza montando a série de Natalia falou alto “Tu tens um elemento E. Que chique”. Todos riram e falaram “Ela não sabe o que é isso”. (Diário de Campo, 23/03/2010).

O exercício físico deve ser bem dosado e apropriado às meninas, colocando-as em extrema adequação desde seu ingresso. Assim, o controle do corpo também precisa ser constantemente ensinado e encarnado pelos sujeitos. Em um relato percebe-se que as ginastas tentam controlar o choro e as normas de conduta, mas malogram.

Em um momento, Stefani contou que uma ginasta estava na Escolinha e arrotou sem querer quando a treinadora passou. A menina levou uma bronca da treinadora, mas ela disse que não fez de propósito. Ela não tinha noção das coisas, segundo Stefani. Contou também que Fabricia chorou e falou que não queria chorar, mas que não conseguia parar. (Diário de Campo – 09/04/2010).

Não é permitido o descontrole, conta Stefani. Porém, apesar das atletas tentarem dominar-se constantemente esse descontrole aparece. Como crianças, também não compreendem a seriedade do mundo em que estão inseridas. As atletas constantemente “levam na brincadeira” exigências altamente severas e estipuladas pelas treinadoras. Observa-se:

Fabi corrigiu uma atleta “Maria já deveria estar encostando-se ao chão. Eu vou sentar em cima de ti”. Ela se esforçou e deu uma risadinha. [...] Carol olhou para Sabrina e disse “Como você está pezuda”. A ginasta riu e Carol “Não tem que rir, tem que chorar”. Em seguida perguntou “Cadê o coque?”. Sabrina novamente riu e a treinadora irritada falou “Ela só ri pra gente. Acha que é brincadeira”. (Diário de Campo, 23/03/2010).

Sabrina fez algumas estrelinhas e Luiza brigou com ela “Pára de fazer estrelinha. Aqui não é circo”. Carol comentou “Daqui a pouco ela

começa a chorar” e Luiza falou para todas “Aqui não é Escolinha (sentido de iniciantes). Vocês não podem ficar boas um dia sim e um dia não”. [...] Luiza completou “Vocês são equipe de competição e tem que estarem boas todos os dias. Na competição vocês vão errar e chorar, e daí? A culpa é de quem? De quem não treinou”. (Diário de Campo – 19/04/2010).

A atleta Sabrina é da categoria Pré-infantil de competição e, como ressaltado anteriormente, foi criticada porque não estava levando o treino a sério. Percebe-se que a *educação do corpo* deve ser incorporada desde pequena e a seriedade faz parte da dinâmica de treinamento. Não há espaço para brincadeiras ou qualquer gesto espontâneo que não faça parte daquele processo. Por elas serem ainda muito jovens e não saberem o que deve ser feito, é comum que não entendam a importância daquilo, mas vão sendo educadas para isso⁵².

Apesar de não haver espaços para brincadeiras durante os treinamentos, algumas ginastas se espelham em brinquedos que condizem com as formas de corpo idealizadas, como as bailarinas e as bonecas Barbies. Verifica-se que as meninas brincam muito com Barbies e outras bonecas, como conta uma treinadora:

Elas têm que ser bailarinas, Barbies. Elas se espelham muito em Barbie, em boneca que se puxa. Elas falam “minha Barbie faz igual a mim”. Elas gostam muito de bonecas ainda... O Infantil e o Pré-infantil. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

A referência às bonecas e Barbies demonstra que o corpo das meninas deve corresponder a essas marcas, como explicou a treinadora, mas também porque são meninas que ainda brincam com esses materiais. Esses usos de brinquedos demonstram o quão as ginastas ainda são pequenas e do quanto são educadas para apresentarem-se com tais corpos. Suas próprias imaginações relacionadas a esse biótipo são vistas em um momento presenciado na arquibancada de competição: “Uma menina estava na arquibancada com uma Barbie e comentou que

⁵² Uma outra questão a ser considerada é que a escolha por esse esporte é, em grande parte, familiar.

conseguia realizar alguns movimentos como a boneca”. (Diário de Campo – 26/06/2010).

Essa capacidade de identificar e produzir semelhança aproxima-se do conceito de *mímeses* de Walter Benjamin (1994). Essa produção mimética se faz presente nos jogos e brincadeiras infantis, estando relacionada “ao aprendizado, ao conhecimento e ao prazer de conhecer”. (GAGNEBIN, 2005, p. 95). A *mímesis* se mostra como representação, forma de aproximação e assemelhamento ao outro que é também uma estratégia de conhecer numa proximidade que permita a manutenção da diferença e do distanciamento entre sujeito e objeto, num “conhecimento sem violência nem dominação”. (GAGNEBIN, 2005, p. 95). Por meio da imaginação, a ginasta passa a atribuir significados para satisfazer seus desejos e necessidades, o que, de modo em meio às restrições situacionais, envolvem as relações sociais e regras de comportamento, criando alternativas de intervenção em seu próprio contexto. Nesse sentido, a *mímesis* se coloca como ação do sujeito, uma relação de semelhança, que é a própria construção de sua identidade. O mundo das Barbies é reconhecido pelas meninas dessa prática esportiva, como se observa no comentário de uma ginasta ao escutar uma música: “Ela tem a música que eu sempre escuto, *Barbie e as doze princesas bailarinas*”. (Diário de Campo – 22/05/2010).

Qualquer veículo de transmissão de conhecimentos, informações e divertimentos, transmite símbolos e significados sociais compartilhados na cultura contemporânea, que tendem a gerar uma maneira homogênea de agir. É neste ponto que há uma tensão entre a dimensão mimética, ainda possibilitada pelo assemelhamento, e a Indústria Cultural. Desde que o critério de autenticidade não mais se aplica à produção artística, toda função de arte é subvertida (BENJAMIN, 1994, p. 171). Com isso, ocorre a ausência de transmissão da experiência coletiva por meio da tradição, ou seja, em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política. Horkheimer e Adorno (1985) afirmam que a Indústria Cultural realiza uma reprodução constante dos seus produtos como também cria uma necessidade do uso destes. Destacam que não há necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento – mas por meio de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. Os desenvolvimentos devem resultar tanto quanto possível a situação imediatamente anterior, e não da ideia do todo (HORKHEIMER;

ADORNO,1985, p. 128-129). Perpassando essa lógica para o mundo das ginastas e de suas Barbies, esse assemelhamento e a reprodução das formas pode mostrar uma nova possibilidade de organização e entretenimento, destacada pelo ritual.

O corpo “natural” e infantil como referência para a elaboração das práticas é um dos aspectos presentes no trabalho de atletas e treinadoras. Neste percurso é fundamental compreender como foi pensado e construído o corpo “natural” e próprio dessa modalidade. Os movimentos são formados num lugar, numa cultura e marcados por uma tradição. Há um processo de produção de obras coreográficas, elas são carregadas de historicidade e de tradições em relação ao trabalho corporal. Mas há uma singularidade naquilo que concerne à Ginástica em relação à transmissão de conteúdos. “O exercício físico é, assim, [...] normatizado na forma de um saber acumulado por ela mesma (a Ginástica) como *instituição*”. (SOARES, 2009, p. 137, grifos da autora).

As treinadoras geralmente são ex-ginastas e possuem uma herança técnica e artística que caracterizam um ambiente tradicional e reprodutor de gestos, movimentos, músicas e metodologias. Desse modo, a Ginástica utiliza-se de técnicas corporais desenvolvendo uma simbologia específica e articulada a uma tradição. Como se vê no diário de campo:

Carol montava os exercícios e, na maioria das vezes, executava-os e se machucava. Segundo ela, quando realizava os movimentos, esquecia-se que não tinha mais a mesma flexibilidade de quando era ginasta. [...] As treinadoras escolheram algumas músicas para as ginastas mais novas e ao tocar uma específica, Carol gritou “Essa é minha música em 1996”. (Diário de Campo - 24/03/2010).

Percebe-se que a música e os movimentos coreográficos estão relacionados à experiência da professora. Sem a necessidade de romper com nenhuma tradição coreográfica, trata-se de inventar uma nova coreografia. Assim se fundam as bases da GR, por meio da invenção de uma linguagem gestual, da adequação do movimento a um projeto artístico e da libertação de códigos convencionais que aprisionam o corpo, não somente nas formas de movimentos existentes, mas também na valorização artística, vinculada a uma tendência de feminilidade.

Reconhecendo as relações entre linguagem e corpo como

constitutivas da existência humana, Gleyse (2007) indaga como o verbo, nascido das transformações do corpo em suas interações com o meio, nele incrusta-se, transformando-o, e dele se autonomiza, constituindo-se em um sistema, de alguma maneira imortal, que dita a um sistema mortal – ao corpo – suas prescrições.

É possível conferir à GR algumas peculiaridades em relação a um conjunto de gestos que revelam um *saber fazer, uma memória*, no qual qualidades como *conhecimento “prático”* e *proeza* se inscrevem em comportamentos e rotinas adquiridas, na maior parte das vezes, por meio do trabalho cotidiano e corporal.

Le Breton (2006) conta que em 1979, François Loux notou que a memória de uma comunidade humana não reside somente nas tradições orais e escritas, ela se constrói também na esfera dos gestos eficazes. Poder fazer uso destes padrões de movimento como base para a elaboração de movimentos revelaria a possibilidade de existência de uma coreografia mais de acordo com a memória corporal do que com a criação de um novo gesto.

É aceitável encontrar um número de treinadores(as) sem experiência como atletas, mas, como explica a treinadora Luiza, eles(as) dificilmente conseguem ser bons profissionais porque não aprendem como funciona a vida de um esportista:

Tem muitas pessoas que querem ser técnicos, mas não querem mudar o seu jeito de ser. Só que pra ser técnico não tem que ser gente de rua que pensa normal. Tem que ter outra cabeça. Por isso que eu digo, quem quer ser técnico sem ser atleta tem que se formar uma outra pessoa, um clone. Assim eu digo né? Tem que clonar e por uma cabeça de esportista. E é difícil. É muito difícil. Não é fácil. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

A partir desse relato, é possível observar que há uma incorporação, dentro das diferentes atividades que permeiam a vida dos sujeitos desse *campo*. A memória é um elemento fundamental na identidade dos indivíduos, “situa-se o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão de etapas de sua trajetória”. (VELHO, 1999, p. 101).

Essa permanência no campo está presente devido às escolhas dos sujeitos da pesquisa. Isso se a atleta chega a uma determinada idade, não consegue obter mais os melhores resultados e continuar treinando

durante os seus estudos. Geralmente quando passa para o Ensino Superior, a solução buscada pelos sujeitos pesquisados parece ser outra, como nos diz Vaz e Gonçalves (2009) ao estudar o atletismo: “a procura de um curso superior que se aproxime do esporte, no interior do qual a experiência esportiva tenha algum significado”. Assim, “parece que a escolha por uma carreira que possibilite a manutenção do contato com o esporte pode estar relacionada às biografias esportivas destes sujeitos”. (VAZ; GONÇALVES, 2009, p. 13). Há uma grande relação com a identidade das professoras, que vão ensinar “aquilo que supostamente sabem praticar”. (VIEIRA; VAZ, 2006, p. 27). É possível identificar um ciclo em que as atletas passam a ser treinadoras e assim, mantêm-se uma certa tradição dentro do próprio campo, legitimando todo conhecimento *prático*. Todas as treinadoras analisadas foram atletas e cursaram a Graduação de Educação Física. Isso também faz parte dos *projetos de vida* de uma atleta:

Eu acho que enquanto eu estiver fazendo Ginástica, eu já vou começar uma faculdade depois que eu me formar no terceirão. Eu estou no segundo.... Eu acho que vou fazer Educação Física e depois que eu voltar, eu faço psicologia ou fisioterapia. Eu pretendo fazer duas faculdades. (Gabriela, ginasta, depoimento, 08/07/2010).

A área de Educação Física surge como uma possibilidade de reconversão profissional dessas atletas no campo esportivo, considerando que elas se tornem treinadoras. Algo semelhante ocorre nos sujeitos estudados por Sabino (2000, p. 74), já que nas academias de musculação, os fisiculturistas “em sua maioria, são praticantes de musculação há muitos anos, o que lhes confere enorme prestígio dentro de sua própria academia e em outras, não apenas devido à sua aparência, mas também ao conhecimento prático de séries de exercícios, remédios, anabolizantes e dietas”.

A partir dessa “solução”, nos diz Vaz e Gonçalves (2009, p. 14),

O que nos parece interessante, nesses casos, é que a incorporação de um *projeto de vida esportiva* (se é que podemos assim chamá-la) por parte dos sujeitos pesquisados é tão intensa que, mesmo quando este é frustrado, permanece como uma missão não cumprida, mas que se mantém viva

subjetivamente, ganhando novos contornos e significados.

Mesmo que a atleta abandona os treinamentos, faz parte de seus ideais permanecer nesse campo, como o caso de Eduarda, que mesmo parando como atleta, optou pela carreira de professora de Educação Física. Mas, para dar continuidade a esse *projeto de vida* é preciso uma espécie de vocação para o esporte, como explica Arlei Damo (2008), ao analisar o futebol: um dom esportivo em que se aproximam a uma “dádiva da natureza ou de divindades”. (DAMO, 2008, p. 2). Sobre isso, nos relata uma informante:

Tem que ter acho um pouco de dom. Tem que ter percepção mesmo. Pra mim é fácil, mas tem técnicas que não sabem. [...] Como é que eu vou te falar... é um pouco de dom e um pouco de força de vontade (risos) porque a gente não tem muita escolha. Mas, assim, pra mim, desde 2000 que eu comecei a ser técnica da ADEBLU, eu sempre tive facilidade em montar série, muita facilidade. Assim, eu monto série alegre, série forte, série tango. Eu monto tudo, série lenta. Não sei, pra mim...é que eu vivenciei...eu cresci em uma equipe muito rica, de informação. Eu não vim de uma equipe pequena. Tudo que eu aprendi desde atleta, eu já aprendi com a top. A gente sempre foi campeã, sempre foi uma das melhores... Pra mim, é natural porque eu já vivi nesse meio, mais elite, mais de conhecimento. Talvez se eu tivesse vindo, crescendo...sendo criada numa equipe pequena, como Balneário, como Indaial, que as pessoas não têm acesso, as técnicas não tem internet, elas não assistem brasileiros, elas não arbitram fora do estado. Eu já arbitro muito fora do estado. Eu vejo muita coisa... Em tudo que eu vejo, tudo que aprendo, eu aplico em mim, nas minhas séries que eu monto. Eu acho que é mais assim, no meio que eu cresci mesmo. Que a nossa equipe sempre foi o *BUM* da GR. A gente sempre teve tudo do bom e do melhor, então pra mim não é difícil. (Luiza, treinadora, depoimento, 20/04/2010).

Vemos que na forma de expressar, os belos movimentos

significativos são emoldurados por um dom. A treinadora acredita nas habilidades como uma dádiva, algo inato, que melhor se desenvolveria com as intervenções externas. Ela crê que o corpo, por meio da GR, pode manifestar uma naturalidade original. Porém, fica claro que têm origem no meio em que viveu, conformando suas formas técnicas, determinadas então, por um *dom social*.

A transformação dos corpos consolida-se por métodos eficazes no processo de desenvolvimento e crescimento. A acentuação das formas femininas é evidenciada e as diferenças corporais aparecem:

As ginastas provaram os agasalhos e se abraçaram para ver se o cumprimento da manga estava bom. A bainha da perna era o menos importante já que Luiza dizia “elas são pequenas, mas vão crescer ainda”. (Diário de Campo, 07/04/2010).

Luiza comentou que Stefani estava magra em uma foto. Disse que ela era uma criança e que já está com outro tipo de corpo agora. (Diário de Campo, 20/05/2010).

O corpo deixa de ser infantil e passa a salientar mais os aspectos femininos, como o aumento da altura, do peso, dos seios. Porém, o aparecimento dos efeitos não desejáveis com essa alteração é bastante criticado pelas atletas, quando, por exemplo, comentam que uma atleta tem celulite e por isso está cada dia pior: “Manoela disse que a Tais tem mais celulite que ela. Stefani completou ‘Ela está cada dia pior’”. (Diário de Campo – 23/03/2010). O corpo da mulher deve ser evidenciado, mas o aumento da gordura e a quantidade de celulites, concernentes a esse desenvolvimento, precisam ser combatidos.

A técnica corporal das atletas é modificada com o passar do tempo e isso é motivo para comparar as ginastas de categorias primárias. Há uma “evolução” do gesto técnico nas meninas que já alcançaram idades maiores e estão nas categorias avançadas. Segundo o diário de campo,

Na montagem das séries, Carol disse para Natalia “Eu quero ver a bailarina. Cadê a postura de ginasta?”. Explicou para a ginasta “Não existe ginasta com pé no chão. Tu não és mais mirim. É

tudo em relevé. Só quando eu disser que é pé no chão”. (Diário de Campo - 19/04/2010).

Ao escutar uma música Carol comentou “Essa é fácil para elas. Elas que estão começando, tem que ser música fácil”. Perguntou para Fernanda se ela gostou da música. Ela não respondeu e Carol completou “Ela não tem gosto ainda”. (Diário de Campo – 24/03/2010).

A comparação das categorias mostra que, conforme a experiência, as atletas devem melhorar a performance e realizar os gestos cada vez mais refinados. Uma atleta foi elogiada por ser da categoria Pré-Infantil porque “fez coisa de gente grande”, segundo os relatos do diário de campo. (Diário de Campo – 22/05/2010). Assim, quanto mais as atletas das categorias iniciais realizarem os exercícios complexos, mais surpreendentes serão suas performances. A intensidade e os movimentos desenvolvidos não devem ser confundidos com ausência de trabalho, nesse caso.

A diferenciação de idade é visível no corpo físico, mas também se encontra nas condutas das meninas, como se verifica no comentário da treinadora.

Uma ginasta juvenil não pegou salada e a treinadora chamou sua atenção “Tu não é mais pequena, já deveria saber que tem que pegar salada”. (Diário de Campo, 21/05/2010).

A treinadora disse para uma ginasta “É para fluir. Sem vontade de chorar, viu como é melhor? Chorar é coisa de quem usa fraude”. Carol estava olhando e comentou “A mãe dela tirou ontem. Desmama da mãe agora”. (Diário de Campo, 20/05/2010).

“Deixar de usar fraude” e “desmamar” significam, nas palavras das treinadoras, que as práticas condizentes com certa maioria devem ser corroboradas. Conforme a incorporação das condutas desejadas, as evidências de “progressão” devem aparecer, o que presentemente se encontra nas anotações, mostrando que a ginasta deve apresentar um corpo feminino sem deformações e incorporar as normas e as práticas exigidas logo que se tornem experientes, com seus corpos

educados.

Para Elias (1994, p. 134), no seu livro “O Processo Civilizador”,

Uma vez que a pressão e coação exercida por adultos individuais é aliada da pressão e exemplo de todo o mundo em volta, a maioria das crianças, quando crescem, esquece ou reprime relativamente cedo o fato de quê seus sentimentos de vergonha e embaraço de prazer e desagrado são moldados e obrigados a se conformar a certo padrão de pressão e compulsão externas.

Ao serem educadas, as crianças conformam certo padrão externo relacionado aos seus sentimentos e condutas. As atletas submetem-se às normas e ordens estabelecidas pelas treinadoras, sem questionarem a posição delas. No entanto, o trato também é verificado de forma carinhosa como quando a treinadora falou para uma atleta ao corrigir os exercícios: “Paixão, olha para a tia Luiza”, “Tem que fazer caminhandinho”, “Mãozinha bonita, de nojenta⁵³”. (Diário de Campo – 12/04/2010).

A treinadora corrige a ginasta, contudo, agora, de forma afetiva e carinhosa. Segundo Bourdieu (2010), essa forma de interação está relacionada à afetividade das mulheres que inclui um amplo leque de atividades, como falar, tocar, acariciar, abraçar. Presente no treinamento, as treinadoras carinhosamente cuidam de suas ginastas. As correções presenciam palavras carinhosas e também gestos, como beijos e abraços, detalhados em seguida.

As técnicas dão um beijo nela. A atleta não falou nada e voltou a treinar. [...] Stefani não falou nada e voltou a treinar depois de receber beijos das treinadoras. [...] Mônica fez um exercício difícil, subida no dorso do pé, e Carol gritou “Isso. Tu vai ganhar um beijo na boca”. (risos). (Diário de Campo – 23/03/2010).

Explica Bourdieu (2010) que as mulheres utilizam formas carinhosas e de afeto em suas relações. Existe um cruzamento entre a

⁵³ A atenção é não deixar a mão excluída do controle do resto do corpo. Ela deve estar em posição de trabalho, isto é, em marcação.

função que ocupa uma treinadora e sua afinidade como um membro familiar. Como se encontrou no campo investigado, a relação que os sujeitos têm é relativamente íntima, como destaca a treinadora, “Aqui é a segunda família de vocês”. (Diário de Campo – 20/05/2010).

Percebe-se que ao comentar em outro momento que, “A tia Luiza já está chegando”, a treinadora demonstra que legitimamente encontra-se numa relação familiar. Porém, muitas vezes, o tratamento é correspondente, ainda, à função de mãe, por educarem e terem a autoridade máxima entre os sujeitos. Uma mãe conta que, “as treinadoras estão no céu e elas (as mães) na terra!”. (Diário de Campo – 26/06/2010), mostrando que as ginastas fazem de tudo pelas treinadoras e tratam-nas de maneira particular. Isso ficou evidente também, quando as ginastas de Blumenau se reuniram para comprar um bombom de chocolate para a treinadora e uma mãe reclamou porque as meninas não podiam comer. (Diário de Campo – 26/06/2010). As atletas obedecem e respeitam as treinadoras, na tentativa de agradá-las, tanto pela demonstração técnica aprimorada quanto na forma de relacionar-se carinhosamente.

Para as técnicas corporais, o aprendizado dos gestos e das normas de conduta, em amplitude e variações, depende muito da educação formal e racionalizada, mas também das práticas miméticas e das identificações feitas em relação ao entorno do corpo feminino. A extensão corporal está impregnada de um simbolismo específico e de uma tradição cuja eficácia pode ser determinada por um *projeto de vida*, em que a família tem um papel importante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo não escapa da condição de uma construção social e cultural, no interior de limites infinitamente variáveis. Não existe uma natureza do corpo, e sim, uma condição do homem que implica na constituição corporal que muda de um lugar e um tempo a outro. A construção desse corpo é dizer de um mundo de significados e valores acessíveis à ação humana, sem dúvida, influenciada pelo funcionamento orgânico e pelas trocas culturais; ao mesmo tempo em que criam e recriam as técnicas corporais, provocam mudanças tanto no organismo quanto na sociedade em que estão inseridas.

As referências teóricas buscadas para a elaboração das retóricas corporais revelaram constâncias para falar do corpo em movimento e sem movimento: consultaram-se os tratados de anatomia, de fisiologia, de higiene, uma dose de convencimento da necessidade imperiosa de colocar o corpo em controle constante, sem o que não há qualidade técnica. A ambição de conhecer e de controlar o corpo, de adentrar sempre mais e mais nesse território obscuro e que parece sempre reservar algo a ser ainda explorado, revela, segundo Soares (2003), uma compreensão predominante: os discursos sobre a materialidade corpórea constroem-se ao largo da história e da subjetividade. “As diversas formas de vida, de ser corporalmente, são apreendidas pela cultura” (PORPINO, 1999, p. 02), portanto, “não há uma palavra, um gesto humano, mesmo distraídos ou habituais, que não tenham significação”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 16). Desse modo, Carmen Soares completa os textos de enfoque histórico abordando as relações corpo-cultura sob o prisma da anatomia, entendida como um dispositivo de conhecimento, que transforma o corpo em objeto de conhecimento que se dispõe à ciência. Percebe-se, portanto, que corpo, natureza e cultura se interpenetram por meio de uma lógica recursiva. O que é biológico no ser humano encontra-se simultaneamente infiltrado de cultura, diz Mendes e Nobrega (2004).

A cultura é constituída pelo conjunto de textos produzidos pelo ser humano, não apenas como construções da linguagem verbal, mas também nos mitos, rituais, gestos, ritmos, jogos, esportes, entre outros e é por meio deles que podemos desnaturalizar e compreender o que temos em um determinado *campo*. Seja buscando o significado das práticas dos sujeitos, procurando o que o nativo do grupo estudado fez, disse ou pensou, investigamos as técnicas corporais nesta perspectiva,

em que os sentidos se configuraram dentro de uma lógica específica. Para tal tarefa, foi preciso recortar um grupo de Ginástica Rítmica, em funcionamento sob a égide do esporte de rendimento, que por ações interpretativas foi analisado, a saber, em seus aspectos vinculados à cultura local, à maneira singular de organização, às rotinas, aos discursos, aos modos de tratar os corpos.

Adotar como objeto de investigação as ginastas e suas relações com o mundo em que estão inseridas foi, sem dúvida, uma opção individual que esteve permeada por significações, apreensões e esforço investigativo. Temáticas como essas se encontram, muitas vezes, nas zonas de sombra, sendo responsabilidade do(a) pesquisador(a) trazê-las à luz, descobrir espaços, atribuir-lhes significados. Fazer pesquisa implica em realizar opções epistemológicas e metodológicas e estas nunca são neutras nem a-históricas. Portanto, ao refletir sobre algumas questões que envolvem este trabalho, condicionaram-se as visões e as experiências pessoais, pois, como explica Jenkins (2001, p. 33), “ninguém, não importando quão imerso esteja no passado, consegue despojar-se de seu conhecimento e de suas pressuposições”. Dessa maneira, as bases teórico-metodológicas sugeridas por Geertz e Bourdieu auxiliaram a compreensão do corpo e as suas relações técnicas e artísticas. Marcou-se, deste modo, a equipe de Ginástica Rítmica de Timbó como um espaço social permeado de significações e princípios de intervenção na educação dos corpos.

O conhecimento desse corpo permitiu, então, por meio de sua objetivação, estabelecer parâmetros de normalidade, a partir dos quais se ditaram modos de tratá-lo e educá-lo e foi de seu interior que se produziram e reproduziram as técnicas corporais. Percebeu-se que os gestos são mediadores de conteúdo simbólico, referindo-se à forma como os grupos se ocupam dos corpos. A *educação do corpo* está presente nas montagens de gestos, cuja aparente simplicidade frequente dissimula o tempo e as dificuldades que são necessárias para assimilá-las e, até mesmo, as disposições coordenadas de ações e de habilidades cuja execução exige longa ascese e particular destreza. A lista é infinita dos modos de tratar o corpo e as condutas, da maneira de andar a de se gesticular, do lançamento de um aparelho a um rolamento, a maneira de se portar a de se movimentar em *série*. Uma técnica corporal atinge seu melhor nível quando se torna uma somatória de reflexos e se impõe imediatamente na ginasta com muito esforço de adaptação e de preparação de sua parte.

Interações implicam em códigos, em uma educação dos corpos ao qual as ginastas se sujeitam. Não importam quais sejam as exigências técnicas e corporais, um modelo de corpo é adotado espontaneamente em função de normas sociais implícitas. Cada sujeito empenha-se em controlar seu corpo e deixar ser controlado, esforça-se para evitar as deformações que poderiam colocá-lo em dificuldades ou induzi-lo ao baixo rendimento. Várias são as formas de controle que fazem parte desse processo, um campo de configurações à luz de cujo desenvolvimento estão as correções e aperfeiçoamentos, frutos das ideais formas corporais. O controle do tempo constitui um elemento do processo civilizador, no sentido de Elias (1994), que se impõe no jeito de falar, no controle e na regulação das necessidades fisiológicas, como a hora de comer, dormir, ir ao banheiro, além de hábitos de higiene e assepsia que são transformados em controle e aprendizagem de hábitos e costumes.

As ginastas aprendem a organizar as tarefas, ao mesmo tempo em que aprendem seus devidos lugares, nos quais as hierarquias definem a experiência prática, a categoria e a idade da ginasta, quando, por exemplo, em seus locais de treinamento as ginastas *menores* ficam atrás e as *maiores* na frente. Os espaços são totalmente fragmentados e preenchidos por representações e ações que marcam a posição das ginastas e das treinadoras no âmbito de treinamento. O poder simbólico exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem, como explica Bourdieu (1998, p. 7-8), ganha na GR uma estrutura prestigiosa. Por meio dessa prática corporal, a violência arbitrária do tempo e do espaço reforça as relações dos sujeitos e passa a ser um valor inquestionável, no qual os prestigiados são aqueles que possuem maior conhecimento *prático*, ou ainda quem melhor sabe fazer e ensinar, como se observou na relação entre ginastas e treinadoras. Esse conhecimento é resultado da competência profissional fundada num conjunto de gestos de base e num grande número de movimentos coordenados que se cristalizam, com o passar dos anos, em sua experiência peculiar. Desse modo, a treinadora exerce rigoroso controle sobre as atletas, desde o cuidado com a alimentação até os comportamentos e hábitos das meninas.

O trabalho corporal que se coloca em evidência parece estar sujeito a um peso assustador que os rituais devem conjurar, tornando o esforço imperceptível sob a familiaridade das ações. O apagamento ritualizado sofrido pelo corpo no decorrer das interações é visível quando ele é tratado como um objeto, um instrumento que pode ser

manipulado para se adequar a técnica corporal. Não é possível deixar transparecer falhas técnicas. Os corpos devem corresponder a uma espécie de bloco mágico – fetichização da técnica – no qual os sujeitos apagam qualquer fragilidade ao mesmo tempo em que se colocam adequadamente em cena. A esse respeito pode-se chamar a atenção para as dificuldades relacionadas com as atletas que possuem alguma deficiência corporal, sensorial ou, ainda, que são simplesmente insuficientemente hábeis. Nesses sujeitos, o corpo não passa despercebido, como manda à ordem de normalização. Quando esses limites de identificação somáticos ocorrem, o desconforto se instala. É evidente que o trabalho corporal gera desconfortos físicos, mas torna as ginastas tecnicamente mais avançadas e femininas.

As *séries* são regularmente treinadas e apresentadas conforme uma ordem específica que depende da categoria de cada ginasta e dos aparelhos que são exigidos nos campeonatos. Essa educação opera no sentido de uma reorganização da experiência, em que se inscreve a aprendizagem de modelos gestuais precisos que obedecem à edificação e a reeducação da técnica corporal. Retornar aos gestos técnicos seria uma forma de reconhecer certo padrão natural na maneira de realizar os movimentos que em uma tradição se encontram.

A linguagem altamente codificada tem estreitas relações com o gestual do Ballet e está em harmonia com os princípios cartesianos: fragmentação do corpo humano em segmentos independentes e mecanizados. É sempre “preciso submeter o corpo ao treinamento, para que a ginasta seja capaz de realizar as proezas mais difíceis e também mais belas”, conforme Porpino (2004 p. 125). Os registros que existem de seus movimentos sugerem uma compreensão natural de que tudo é previamente escrito e maquinal. Um modelo que se refere à ausência de ruptura rítmica, à harmonia dos movimentos, se conforma em lei do movimento segundo a qual o corpo deve apresentar as formas femininas, e se constrói por meio de um corpo artificial, deformado, reduzido a padrões geométricos de movimento, quando o fluxo do movimento é interrompido pela rigidez dos gestos.

Desse modo, a maior parte do repertório gestual da GR é formada por movimentos clássicos com pedagogias específicas e idealmente inseridos a partir da infância, de acordo com um projeto de corpo “ideal”, que demanda leveza, delicadeza, força, flexibilidade, firmeza, precisão e uma incrível capacidade de disfarçar por meio da expressão corporal, principalmente pelo sorriso, o esforço e a dor que a realização dos movimentos ginásticos e a estética corporal exigem.

Por problematizar as relações entre *corpo* e *feminilidade*, que estão no cerne das contribuições da Ginástica Rítmica, encontrou-se os desdobramentos extremos e contraditórios em que um modo de *dever ser feminino* foi deslocado em relação ao *dever ser ginasta*. Por meio do estudo da dialógica dessas duas estruturas, como as bases de uma instrumentalização do corpo, se pode compreender a técnica corporal vigente desta modalidade esportiva.

O princípio de que a técnica corporal é um processo contínuo de transformação, de modulação e de variação, favorece as relações do corpo com o espaço, as formas e as emoções. No entanto, a *educação do corpo* tem, antes de tudo, fins pedagógicos, pois ela se baseia em processos de aprendizagem sensório-motores, no desenvolvimento do potencial cinestésico e na descoberta de melhores opções estratégicas de movimento, ou seja, na descoberta de outras maneiras de perceber, de se mover e de experimentar o movimento. Os diferentes métodos de educação integram-se à formação das ginastas melhorando os aspectos técnicos e o desenvolvimento de capacidades artísticas.

Assim, a aquisição das técnicas do corpo depende de uma educação quase sempre muito formalizada, intencionalmente produzida pelo entorno da criança. Nessa educação, as práticas miméticas têm uma influência que não pode ser negligenciada. Cada aquisição aparece como o produto de um aprendizado específico ligado a diferentes situações (infância, gênero, projetos de vida). As técnicas do corpo e os estilos de sua produção são os mesmos de uma categoria para outra, porém, podem apresentar-se variações conforme a idade precoce da atleta, já que, muitas vezes, elas não conhecem seu próprio corpo.

As diferentes práticas integram-se à formação das ginastas, contribuindo, talvez, para a consolidação de modelos corporais hegemônicos herdados da tradição clássica de corpo feminino. Mesmo que novas formas corporais firmem o cenário da GR, o modelo hegemônico de corpo feminino correspondente ao corpo magro, alongado, projetado de forma singular, sem falhas e deformações corporais, mas também forte, com pouca musculatura e viril favorecem a constituição de um tipo de feminilidade. Certamente esse corpo feminino retorna ao conceito de natureza do corpo que desconsidera a inextrincável relação entre o corpo como construção social e entidade biológica.

Os comportamentos criam significações que são transcendentais em relação ao dispositivo anatômico e, entretanto, imanentes ao comportamento social, pois ao corpo se ensina e se compreende. Desde

esse ponto de vista, o retorno à natureza evidencia uma tentativa de contrapor ao modelo hegemônico do corpo, mas demonstra também uma adaptação do corpo a própria cultura. Essa abordagem encontrou fundamentação nas teorizações de Bordo e Adelman, que privilegiam a centralidade do corpo como um local de produção das relações que a cultura estabelece com o gênero. Para essa perspectiva, o conceito de gênero engloba as formas de construção social e cultural que estão implicadas nos processos de diferenciação entre mulheres e homens, levando em consideração, portanto, que as instituições, as regras e os processos simbólicos de cada cultura, ao mesmo tempo em que são constituídas por representações de masculinidades e feminilidades, produzem essas representações ou, ainda, podem ser ressignificadas.

O gênero é observado como algo que integra a identidade do sujeito, que faz parte da pessoa e a constitui. Assim, os sujeitos aprendem a ser homens e mulheres adaptando-se ou aprendendo a comportar-se de acordo com esses papéis. Nesse caso, não se renuncia à ideia de que há um substrato orgânico, mas critica-se um caráter já fixado da condição humana, como aponta Goellner (2007).

Enfim, a subjetivação feminina conformada na Ginástica Rítmica é representada pelo *habitus* e indicada com marcas de feminilidades. Essas marcas produzem e reproduzem determinados papéis que demarcam características já estabelecidas socialmente. Segundo Bourdieu (2007), esse *habitus* objetivado, denominado de *hexis corporal*, integra a conformação propriamente física do corpo e a maneira de se apresentar (se vestir, se cuidar, se maquilar, etc.) e exprime o “ser profundo”, a verdadeira “natureza” da pessoa, segundo o postulado da correspondência entre o físico e o moral. Enfim, um arsenal metodológico que visa a performance, enuncia as nomeações no interior das quais as atletas são subjetivadas e “escolhidas”. Viu-se que na forma de expressar os belos movimentos significativos, esses foram apreciados por um *dom* segundo a perspectiva da treinadora. Segundo o discurso nativo, que as habilidades são algo inato, que mais bem se desenvolveria com as intervenções externas. O corpo pode manifestar uma naturalidade original e originária, porém, olvida-se que ele é construído e submetido a pressões e padrões sociais que o constituem e que impedem ou desenvolvem suas formas de ser.

Na esteira dessas considerações, portanto, concebem-se que tanto o corpo como a feminilidade são determinados e constituídos pelas dimensões culturais, sociais, históricas, e também biológicas. Se o corpo pode ser pensado como primeiro lugar de visibilidade humana, observar

os modos como opera sua educação é considerar sua própria sensibilidade, e, como completa Soares (2003), a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 11, v. 2, p. 445 – 465, jul/dez. 2003.
- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ANDRÉ, M. *Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Brasília: Líber Livro, 2005.
- ANGHEBEN, V. O corpo, a ginástica rítmica e a corporeidade. Relações entre o pensar, o falar e o agir com o corpo. Porto Alegre: Nova Prova, 2009.
- BASSANI, J.; VAZ, A. Técnica, corpo e coisificação: notas de trabalho sobre o tema da técnica em Theodor W. Adorno. *Educação e Sociedade*, Campinas: vol. 29, n. 102, p. 99 - 118, jan./abr. 2008.
- BECKER Jr., B. *Manual de psicologia do esporte e exercício*. Porto Alegre: Nova prova, 2000.
- BENJAMIN, W. A doutrina das semelhanças. In: _____. *Obras escolhidas: Magia, técnica e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 108 - 113.
- BENJAMIM, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: _____.
Magia e técnica, arte e política (Obras escolhidas I). São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.
- BITENCOURT, F. *Reprodução, Inversão e Transformação: Uma Etnografia do Esporte na Escola*. 2005. 149 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

_____. *No reino do quero-quero: o corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido*. 2008. 314p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BOAVENTURA, P. *Feminilidade, corpo e técnica: sobre a produção da beleza na ginástica rítmica*. 2008. 79 p. Monografia (Graduação em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BODO-SCHMID. *A Gimnasia Rítmica Deportiva*. Barcelona: Hispano Europea, 1985.

BOURCIER, P. *História da dança no ocidente*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 339p.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. – 2. Ed. – Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *O senso prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropiação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A.; BORDO, S.(Orgs.). *Gênero, corpo conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 19-41

BRIGATTI, M. Sobre o tempo: as relações com jogo e esporte. In: VII Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Civilização e Educação, 2003, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba. *Anais*. São Paulo: UNIMEP, 2003, p. 1-6.

CRAUSE, I. *Ginástica Rítmica Desportiva: um estudo sobre a*

relevância da preparação técnica de base na formação de ginastas. 1985. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Educação Física e Desportos do Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

_____, I. *Código de Pontuação de Ginástica Rítmica Desportiva*. Rio de Janeiro, Sprint, 1986.

DA MATTA, R.O. ofício de etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues’. In: NUNES, E O (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-46

DAMO, A. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: vol. 23, n. 66, p. 139-150, fevereiro, 2008.

ELIAS, N. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial Lda, 1992. p. 223-256.

_____. O Processo Civilizador I: Uma história dos costumes. Volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 132 – 277.

ERICKSON, F. What makes school ethnography ‘ethnographic’? *Anthropology and Education Quarterly*, Washington, D.C., v. 15, n. 1, p. 51 - 55, 1984.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE DESPORTOS. Disponível em: <http://www.fesporte.sc.gov.br/>. Acesso em: 20 de fev. 2011.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. Regulamento técnico, 1980.

_____. Regulamento técnico, 2005.

_____. Regulamento técnico, 2009.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGA, A. Anatomias Emergentes e o Bug Muscular. In: SOARES, C.

(Org). *Corpo e História*. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 61-77.

FREITAS, V. *Adorno e a arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GAGNEBIN, J.M. Do conceito de *mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin. In: _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 2005. p. 79 – 104

GAIO, R.; BATISTA, J. (Org.). *Ginástica em questão*. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2006.

GAIO, R. *Ginástica Rítmica desportiva da iniciação ao alto nível*. Junidai, SP: Fountoura, 2008.

GAY, P. Domínio incerto. In: _____. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 426 - 448

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GLEYSE, J. A carne e o verbo. In: SOARES, C. (Org). *Pesquisas sobre o corpo: ciências sociais e educação*. Campinas: Autores Associados/Fapesp, 2007. p. 1-21.

GOELLNER, S.V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n 02, p. 171-196, maio/ago. 2007.

GONÇALVES, M. *Corpos e subjetivações: o domínio de si e suas representações em atletas e bailarinas*. 2007. 126 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

HANSEN, R.; VAZ, A. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas: vol.26, n.1, p. 135 – 152, set. 2004.

JACQUOT, A. *Gymnastique Rytmique Sportive*. Paris, Amphora, 1980.

JENKINS, K. O que é a História? In: JENKINS, K. *A História Repensada*. Tradução de Mario Vilela. São Paulo: Contexto, 2001. p. 23-52

LE BRETON. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LORENZETTO, B. O(s) tempo(s) do trabalho e a perda da experiência na modernidade. In: I Seminário Nacional de Sociologia & Política UFPR, 2009 *Anais*. Paraná: UFPR, 2009. p. 1-16.

LOURENÇO, M. *Ginástica Rítmica no Brasil: a (r)evolução de um esporte*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

LOURENÇO, M. O inconstante Código de Pontuação da Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. (Org.). *Possibilidades da Ginástica Rítmica*. São Paulo: Phorte, 2010. p.113-142

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. 2 ed. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEN RHYTHMIC GYMNASTICS. Disponível em: <http://www.menrg.com>. Acesso em 15 de março de 2011.

MERLEAU-PONTY. *Signos*. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1991.

_____. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEYER, D. *Identidades traduzidas - cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Sinodal, 2000.

MINAYO, M. C. S. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 89-111.

MÜLLER, U. Esporte e Mídia: Um pequeno Esboço. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v.7, n.3, Maio, 1996.

PANZA, V., et al. Consumo alimentar de atletas: reflexões sobre recomendações nutricionais, hábitos alimentares e métodos para avaliação do gasto e consumo energéticos. *Rev. Nutr.* [online], vol.20, n.6, p. 681-692, nov./dez., 2007.

PINTO, M.; INFANTE, M.; OLIVEIRA, L. Sono e Performance física. In: V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, 2005, Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP. *Anais*. Paraíba, 2005, p. 1640-1643.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D. B. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-120.

PORPINO, K. de O. O. *O Corpo, esse Nosso (Des)Conhecido*. 1999. Disponível em: <<http://www.ettrn.br/revista/karenine.htm>>. Acesso em: 24 de fev. 2010.

_____. Treinamento de Ginástica Rítmica: reflexões estéticas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 121-133, set. 2004.

RIAL, C. S. Rugby e Judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (Org.). *Masculino, Feminino, Plural*. 1 ed. Florianópolis: Mulheres, 1998. p. 229-258

_____. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa *Antropolítica* (UFF), Niteroi, v. 14, n. 2, p. 61-80, 2003.

SABINO, C. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Os novos desejos: das academias às agências de encontro*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 61-103

SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 3-23.

SOARES, C. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da ginástica no Brasil. In: MELO, V.; PRIORE, M. *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 133-178.

_____. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: _____. *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 109-129.

_____. Pedagogias do corpo. *Labrys estudos feministas*, Brasília, n. 4, ago./dez. 2003. Disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/car1.htm>. Acesso em: 20 de jan. 2010.

SOARES, C.; FRAGA, A. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Proposições*, São Paulo, v. 14, n. 2 (41), p. 77-90, maio/ago, 2003.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TOLEDO, E. Estética e beleza na Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. (Org). *Possibilidades da Ginástica Rítmica*, São Paulo: Phorte, 2010. p. 19-44.

TREBELS, A. H. Uma concepção dialógica e uma teoria do movimento humano. *Perspectiva*. Florianópolis, v.21, n.01, p. 249-267, jan./jun. 2003

VAZ, A. F. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, A.; SAYÃO, D.; PINTO, F. (org.). *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a Prática de Ensino de Educação Física*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

_____. Técnica, esporte e rendimento. *Revista Movimento*, Porto Alegre, ano VIII, n. 14, p. 87 - 99, jul. 2001.

_____. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos CEDES*, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 89-106, ago, 1999.

_____. Dominar a natureza, educar o corpo: notas a partir do tema da mimesis em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, Argentina, v. 5, n. 27, nov. 2000.

VAZ, A.; ALBINO, B. Corpo, vida, diagnóstico do presente: aproximações exploratórias entre Theodor W. Adorno e Michel Foucault. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Argentina, v. 13, p. 1-9, abril. 2008.

_____. “Mulher como deves ser”: um estudo sobre a educação do corpo feminino no jornal Dia e Noite. *Temas & Matizes*, Cascavel, v. IV, n 7, p. 63-73, primeiro semestre. 2005.

VAZ, A. F.; GONÇALVES, M. C. Corpo, dor, estilo de vida: um estudo com competidores de atletismo. In: VIII Reunião de Antropologia do Mercosul, 2009, UBA, Buenos Aires. *Anais*. Buenos Aires, 2009, p. 1-15.

VAZ, A. F.; GONÇALVES, M. C.; TURELLI, F. C. Corpos e subjetivações: notas de pesquisa sobre o fluxo de identidades no esporte, na luta, no balé. In: 30ª Reunião Anual da ANPOCS, 2006 Caxambu. *Anais*. Minas Gerais. 2006.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: NUNES, E. de O. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 36-46.

VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VIGARELLO, G. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT’ANNA, D. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 21-38

WACQUANT, L. Os três corpos do lutador profissional. In: LINS, D. (org.). *A dominação masculina revisitada*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1999. p. 73-94.

ANEXO A – ROTEIROS DE OBSERVAÇÃO

Treinos de Ginástica Rítmica

- a. Impressões iniciais e características gerais: horário de início e término das aulas; frequência e proporção de alunas; idade cronológica; etc.
- b. Dados qualitativos I:
 - “Rituais”Possibilidades:
Chegada da professora e das alunas;
Conversas iniciais entre pares;
Conversa inicial;
Ordens iniciais;
Músicas;
Momentos de transição na aula (banco, chão, diagonal e barra);
Sapatilhas e uniforme.
 - Possibilidades - organização da aula:
Estrutura da sessão: banco, chão, diagonal e barra. Tempo destinado para cada atividade.
Qual é o grau de participação das alunas na condução da aula e nos processos decisórios?
Material utilizado.
- c. Dados qualitativos II:
 - Mediações entre:
Professora - alunas;
Alunas - alunas;
 - Atenção para as regras implícitas e explícitas: “sair da aula”; ir ao banheiro; tomar água; participação voluntária; penalizações; “brindes”, falas da professora.
 - Diferentes desempenhos apresentados.
 - Demonstração de momentos de autonomia por parte das alunas.
 - Dificuldades encontradas.

- d. Momentos significativos:
- Falas mais significativas (atentar para falas das alunas: reclamações de dores, preferência por determinadas atividades, etc).
 - Há formação de grupos? Eles são mediados pela professora?
 - Quais são as hierarquias (mais habilidosas, mais fortes, mais rápidas, mais bonitas, com melhor condição financeira, mais flexíveis, mais dedicadas, mais auto-sacrificantes, etc)?
 - Presença de pais durante as aulas.
- e. Outras considerações da observadora.

Competições de Ginástica Rítmica

- a. Chegada das atletas no Ginásio de competição: elas chegam juntas ou separadas? A treinadora as acompanha?
- b. Vestiário: conversa entre treinadora e alunas, conversa entre as ginastas, presença de pais, conversa/relacionamento entre pais e professora, presença de rituais místicos;
- c. Durante a Competição: conversa entre as atletas e as adversárias, orientações e reclamações entre o professora/técnica e alunas/atletas, relacionamento e conversa entre alunas/atletas com as árbitras, relação entre torcida e atletas (especial atenção para os pais), relação entre resultado e comportamento das alunas (mais ou menos excitadas, mais ou menos violentas etc.), relação entre desempenho e comportamento versus punição, relação entre treinamento e apresentação (exemplo: exercícios excessivamente treinados).
- d. Após a Competição: conversa entre alunas/atletas e destas com a professora/técnica e os pais, relacionamento entre técnica e pais.

ANEXO B - ROTEIROS DE ENTREVISTA

Treinadora

- a. Nome, idade, ocupação principal, outras ocupações, tempo de prática de GR.
- b. Motivos que levaram à praticar este esporte.
- c. Rotina: frequência semanal, número de horas, preparação anterior e atividades posteriores, finais de semana, competições.
- d. Expectativas que tinha com relação a GR. O que esperava com essa modalidade?
- e. Descrição das atividades nos treinos/aulas. (atenção para os sentimentos, expectativas, frustrações, cansaço, dores).
- f. Episódios marcantes.
- g. Relação com a família e colegas.
- h. Histórico da progressão: desde quando iniciou a prática até hoje.
- i. Período de prática como professora de GR.
- j. Como se deu o “rito” de passagem de aluna para professora. Tem alguma formação específica? Explorar bem esta questão.
- k. Rotina como professora? Trabalha em outros lugares? Continua praticamente algum esporte/exercício físico ou apenas dá aulas?
- l. O que pensa da técnica corporal da GR?
- m. Qual a relação com o esporte e a arte?
- n. A GR é destinada à prática feminina. O que você pensa da prática masculina nesse esporte?

Ginasta

- a. Nome, idade, ocupação principal, outras ocupações (outras atividades corporais: Educação Física na escola, academia de ginástica/musculação, esportes, dança de salão, dança contemporânea, etc).
- b. Tempo de prática de GR.
- c. Motivos que levaram à prática desse esporte.
- d. Rotina: frequência semanal, número de horas, preparação anterior e atividades posteriores, finais de semana, competições. Atentar também para a preparação: rotina diária e a GR nesse quadro; preparação do material, do corpo, cabelo, maquiagem, pés, etc.
- e. Expectativas que tem com relação a GR. O que espera com essa modalidade?
- f. Descrição das atividades nos treinos/aulas. (atenção para os sentimentos, expectativas, frustrações, cansaço, dores). Explorar esta questão ao máximo.
- g. Histórico da progressão: desde quando iniciou a prática até hoje.
- h. Episódios marcantes.
- i. Relação com a família e colegas.
- j. Comentários finais.